

Neil Gaiman

HUDSON PUBLIC LIBRARY



3 7411 00068435 3

CORALINE

e a Porta Secreta

UGUESE

EDITORIAL  PRESENÇA



3 7411 00068 4353

POR FIC GAIMAN

Gaiman, Neil.

Coraline e a porta secreta

WITHDRAWN**BOOK "MARKS"**

If you wish to keep a record that you have read this book, you may use spaces below to mark a private code. Please do not mark the book in any other way.

**PLEASE
DO NOT REMOVE
CARD
FROM POCKET**

HUDSON PUBLIC LIBRARY
WOOD SQUARE
HUDSON, MA 01749

CORALINE
e a Porta Secreta

NEIL GAIMAN

CORALINE e a Porta Secreta

Ilustrações de Dave McKean

Tradução de Inês Aboim Borges

EDITORIAL  PRESENÇA

54353617

FICHA TÉCNICA

Título original: *Coraline*

Autor: *Neil Gaiman*

Text copyright © 2002 by Neil Gaiman

Illustrations copyright © 2002 by Dave McKean

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2003

Tradução: *Inês Aboim Borges*

Ilustrações da capa e miolo: *Dave McKean*

Composição: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Abril, 2003

Depósito legal n.º 192 961/03

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2745-578 BARCARENA

Email: info@editpresenca.pt

Internet: <http://www.editpresenca.pt>

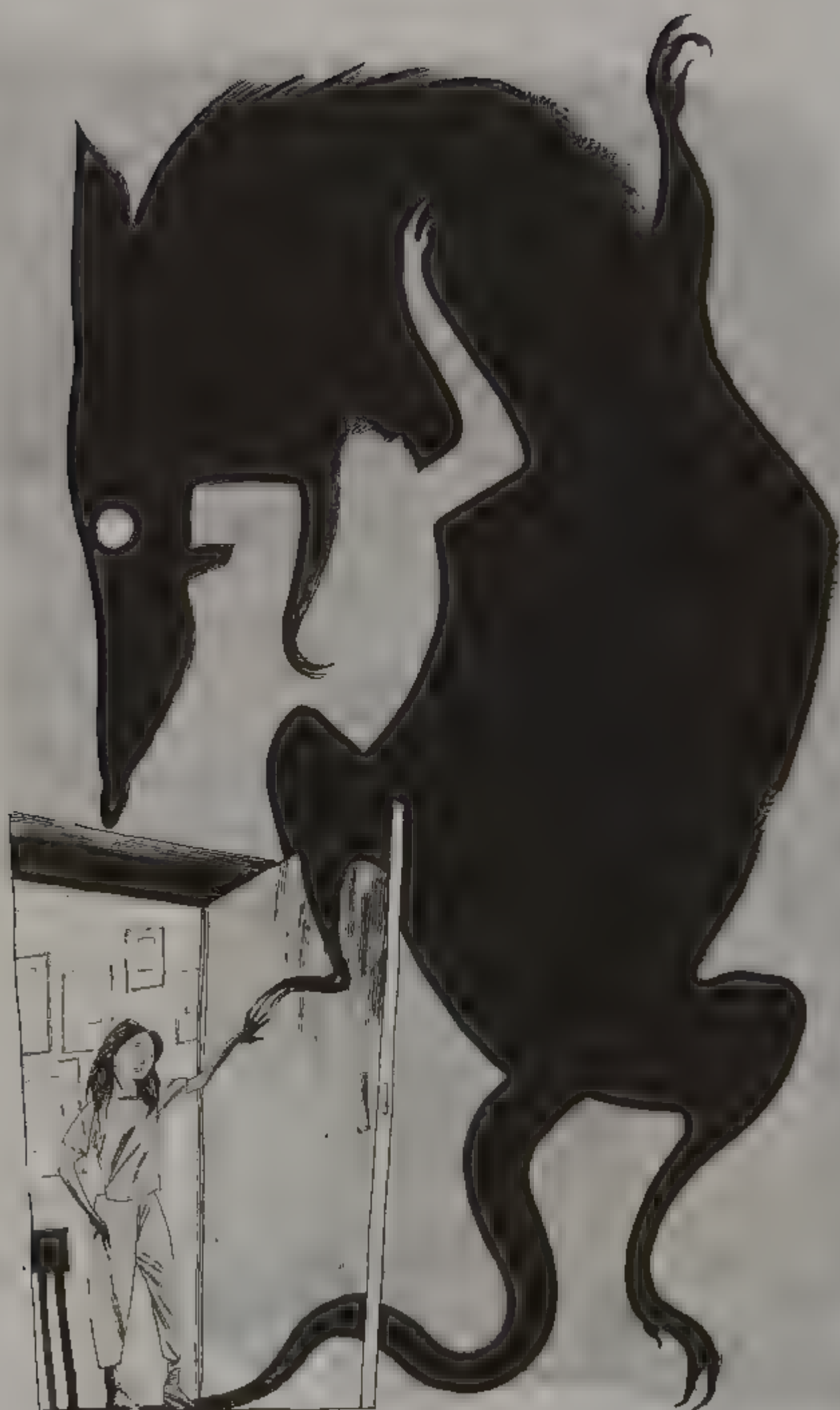
*Comecei este livro para a Holly
E terminei-o para a Maddy*



*Fairy tales are more than true: not because
They tell us dragons exist, but because
They tell us that dragons can be beaten¹.*

G. K. Chesterton

¹ Os contos de fadas nada nos contam mais do que a verdade:
Não por nos dizerem que os dragões existem
Mas porque nos dizem que eles podem ser vencidos.



Coraline descobriu a porta pouco tempo depois de se terem mudado para aquela casa.

Era uma casa muito antiga com umas águas furtadas, uma cave por baixo da casa e um jardim coberto de vegetação com velhas e enormes árvores.

Por ser demasiado grande, a casa não pertencia toda à família de Coraline. Assim, tinham apenas uma parte dela.

Havia outras pessoas a viverem naquela antiga casa.

Miss Spink e Miss Forcible viviam no andar por baixo do da Coraline, no rés-do-chão. Eram ambas velhas e gordas e com elas viviam também naquele andar mais uma série de cães Terriers Escoceses, com nomes do género, *Hamish*, *Andrew* e *Jack*. Na primeira vez que conheceu Coraline, Miss Spink contou-lhe que tanto ela como a Miss Forcible tinham sido actrizes.

— Sabes, Caroline — disse Miss Spink articulando de forma errada o nome de Coraline — tanto eu como a Miss Forcible fomos no nosso tempo actrizes famosas. Pisávamos os palcos, querida. Ah, não deixes que *Hamish* coma o bolo de frutas senão vai passar a noite toda aflito da barriga.

— O meu nome é Coraline. E não Caroline. Coraline — corrigiu Coraline.

No andar por cima do de Coraline, vivia um velho louco com um enorme bigode. Tinha contado a Coraline que estava a preparar um circo de ratos. E não deixava que ninguém o visse.

— Um dia, minha pequena Caroline, quando eles estiverem prontos, o mundo inteiro vai ver as maravilhas do meu Circo de Ratos. Perguntaste-me por que é que ainda não o podes ver, foi isso que me perguntaste?

— Não — respondeu calmamente Coraline. — Pedi-lhe para não me chamar Caroline. O meu nome é Coraline.

— A razão pela qual não podes ver o Circo de Ratos — continuou o homem do andar de cima —, é porque os ratos ainda não estão preparados, nem ensaiados. Além disso, recusam-se a

tocar as músicas que escrevi para eles. Todas as músicas que escrevi para os ratos são alegres. Mas os ratos limitam-se a tocar coisas mais calmas. Já pensei em treiná-los com diferentes tipos de queijo.

Coraline pensou que na realidade não deveria existir nenhum circo de ratos. Achou que o velhote estava provavelmente a inventar tudo aquilo.

No dia seguinte a terem-se mudado, Coraline resolveu ir fazer explorações.

Explorou o jardim. Era um jardim muito grande, ao fundo de tudo tinha um campo de ténis, mas ninguém lá em casa jogava ténis e a cerca que circundava o campo estava cheia de buracos e a rede estava quase toda podre. Havia igualmente um velho roseiral cheio de flores a definhar, infestadas de ovos de moscas. Havia também um terreno rochoso que só tinha pedras e um círculo de relva mais escura feito de cogumelos castanhos esponjosos que deitavam um cheiro nauseabundo caso alguém acidentalmente os pisasse.

Havia igualmente um poço. A Miss Spink e a Miss Forcible fizeram questão de explicar a Coraline, logo no primeiro dia em que a família de Coraline se mudou, do perigo do poço, e avisaram-na para se afastar dele. Assim, Coraline resolveu partir à descoberta do poço, para ficar a saber onde é que ele se situava e para se manter o mais afastada possível dele.

Encontrou-o ao terceiro dia, num prado coberto de vegetação, ao lado do campo de ténis, por trás de uma moita. Era um círculo de tijolos quase escondido pela erva alta. O poço tinha sido coberto com tábuas de madeira para evitar que alguém caísse lá dentro. Num das tábuas havia um buraco feito por um nó da madeira e Coraline passou uma tarde inteira a atirar pedrinhas e bolotas pelo buraco, à espera e a contar até ouvir o barulho destas a caírem na água, lá bem no fundo do poço.

Coraline também andou à procura de animais. Encontrou um ouriço-cacheiro, a pele de uma cobra (mas sem a cobra) e uma pedra que parecia mesmo um sapo e um sapo que parecia uma pedra.

Encontrou igualmente um altivo gato preto que se sentava nos muros e nos cepos das árvores e que a ia observando mas sempre que ela tentava aproximar-se dele para brincar, ele fugia.

E foi desta forma que ela passou as duas primeiras semanas na casa nova. A explorar os jardins e os terrenos que a circundavam.

A mãe dela obrigava-a a regressar a casa para jantar e para almoçar. E Coraline tinha de se certificar de que saía bem agasalhada porque o Verão daquele ano estava a ser um Verão muito frio. Mas depois lá saía ela todos os dias para as suas explorações, até que um dia começou a chover e Coraline teve de ficar dentro de casa.

— O que é que eu hei-de fazer? — perguntou Coraline.

— Lê um livro — respondeu-lhe a mãe. — Vê um filme. Vai brincar com os teus brinquedos. Vai chatear a Miss Spink e a Miss Forcible ou o velho maluco do andar de cima.

— Não — respondeu Coraline —, não quero fazer nada disso. Quero fazer explorações.

— Sinceramente, não me interessa aquilo que possas fazer — respondeu a mãe de Coraline. — Desde que não faças asneiras.

Coraline foi até à janela ver a chuva a cair. Não era um tipo de chuva que permitisse sair à rua, era outro tipo de chuva, daquela que se lança dos céus e alaga tudo onde cai. Era uma chuva que metia respeito e de momento o seu objectivo era transformar o jardim numa sopa molhada e lamacenta.

Coraline já tinha visto os filmes todos. Estava farta dos seus brinquedos e já tinha lido os livros todos.

Ligou a televisão. Passou de canal em canal, mas a única coisa que estava a dar era homens engravatados a falar dos mercados bolsistas e programas de entretenimento.

Mas acabou por encontrar algo para ver. Era a última parte de um documentário de história natural acerca da pigmentação protectora. Ela esteve a ver os animais, os pássaros e os insectos que por sua vez se disfarçavam de folhas, ramos e de outros animais para se escaparem de coisas que lhes pudessem fazer mal. Coraline estava a gostar muito do programa que acabou logo e foi seguido por outro programa sobre uma fábrica de bolos.

Estava na hora de falar com o seu pai.

O pai de Coraline estava em casa. Tanto o pai como a mãe de Coraline trabalhavam ao computador, o que significava que passavam uma grande parte do tempo em casa. Cada um deles tinha em casa o seu próprio escritório.

— Olá, Coraline — disse ele sem se voltar, quando ela entrou.

— Hum — respondeu-lhe ela. — Está a chover.

— Pois está — respondeu o seu pai. — Está a chover a cântaros.

— Não — continuou Coraline —, está apenas a chover. Posso ir lá para fora?

— Já perguntaste à tua mãe?

Ela respondeu: «Não vais lá para fora com um temporal destes, Coraline Jones.»

— Então, não.

— Mas eu quero continuar a fazer explorações.

— Então, explora a nossa casa — sugeriu-lhe o pai. — Olha, tens aqui uma folha de papel e uma caneta. Aponta todas as portas e janelas. Faz uma lista de tudo o que for azul. Organiza uma expedição para a descoberta da caldeira de água quente. E deixa-me trabalhar em paz e em sossego.

Posso ir ao quarto das arrumações? O quarto das arrumações era onde os Jones guardavam a mobília cara (e desconfortável) que a avó de Coraline lhes tinha deixado depois de morrer. Coraline não tinha autorização para lá entrar. Ninguém lá entrava. E era melhor assim.

Só se não fizeres asneiras e não mexeres em nada.

Coraline pensou cuidadosamente e a seguir pegou no papel e na caneta e foi explorar o interior da casa.

Encontrou a caldeira de água quente (estava dentro de um armário na cozinha).

Contou tudo o que encontrou em azul: 153.

Contou as janelas: 21.

Contou as portas: 14.

Das portas que encontrou treze estavam destrancadas e fechadas. A outra, a grande porta de madeira castanha esculpida num dos cantos do quarto das arrumações, estava trancada.

Ela perguntou à mãe:

— Onde é que aquela porta vai dar?

— A lado nenhum, querida.

— Tem de ir dar a algum sítio.

A sua mãe abanou a cabeça.

— Repara — disse ela a Coraline.

Esticou-se e tirou um molho de chaves da ombreira da porta da cozinha. A seguir escolheu cuidadosamente de entre todas a chave maior, mais velha, mais escura e mais enferrujada. Entraram no quarto das arrumações e a mãe destrancou a porta com a chave.

A porta abriu-se de par em par.

A sua mãe tinha razão. A porta não ia dar a lado nenhum. Apenas a uma parede de tijolo.

— Quando esta casa era apenas uma casa só — explicou a mãe de Coraline — esta porta devia ir dar a algum lado. Quando a dividiram por andares, limitaram-se a barricá-la com tijolos. Do outro lado, está apenas o outro andar vago, aquele que ainda está à venda.

Ela fechou a porta e voltou a pôr o molho de chaves na ombreira da porta da cozinha.

— Não a fechou à chave — comentou Coraline.

A sua mãe encolheu os ombros.

— Por que é que haveria de fechá-la? — perguntou-lhe a mãe — Não vai dar a sítio nenhum.

Coraline não disse mais nada.

Lá fora, já era quase de noite e a chuva continuava a cair, batendo contra as janelas e toldando as luzes dos carros que passavam na rua.

O pai de Coraline parou de trabalhar e foi fazer o jantar para todos.

Coraline fez um gesto de repulsa.

— Pai — comentou ela —, voltou a fazer uma *especialidade*.

É um estufado de alho-porro e batatas com um toque de estragão e queijo *Gruyère* derretido — admitiu o pai.

Coraline suspirou. Depois foi ao congelador e tirou batatas fritas e uma piza que enfiou no microondas.

— O pai sabe que eu não gosto de especialidades — disse-lhe ela, enquanto no microondas o seu jantar ia rodando e os números vermelhos iam descendo até ao zero.

— Se provasses, talvez gostasses — respondeu-lhe o pai, mas ela abanou a cabeça.

Naquela noite, Coraline foi deitar-se e ficou acordada. A chuva tinha parado e ela estava quase a adormecer quando ouviu um barulho que fazia: *t-t-t-t-t-t*. Ela sentou-se na cama

O barulho mudou para *críiii...*

...adaac.

Coraline levantou-se da cama e espreitou para o corredor mas não viu nada de estranho. Percorreu o corredor. Do quarto dos seus pais ouvia-se um ressonar baixo, que era do seu pai, e um murmúrio ocasional, que era da sua mãe.

Coraline pensou se, o que quer que aquilo fosse, não teria passado de um sonho.

Algo se moveu.

Era mais pequeno do que uma sombra e escapuliu-se rapidamente pelo corredor escuro como se fosse uma sombra da noite.

Coraline rezou para que não fosse uma aranha. As aranhas incomodavam-na profundamente.

A sombra escura entrou no quarto das arrumações e Coraline seguiu-a, um pouco nervosa.

O quarto estava às escuras. A única luz vinha do corredor e Coraline, que estava espreitada à porta, vislumbrou uma sombra enorme e distorcida no tapete do quarto das arrumações. Parecia uma mulher gigante e magra.

Coraline estava ainda a pensar se deveria ou não acender a luz quando viu a sombra negra a mover-se vagarosamente, vinda de debaixo do sofá. Parou e a seguir desembestou silenciosamente pelo tapete em direcção ao canto mais afastado do quarto.

Naquele canto do quarto não havia mobília alguma.

Coraline acendeu a luz.

Não havia nada naquele canto. Nada, a não ser a velha porta que abria para a parede de tijolos.

Ela tinha a certeza de que a sua mãe a tinha fechado, mas, agora, a porta estava ligeiramente aberta. Apenas entreaberta. Coraline aproximou-se e fechou-a. Não havia nada ali, apenas uma parede feita de tijolos vermelhos.

Coraline fechou a velha porta de madeira, apagou as luzes e voltou para a cama.

E sonhou com sombras negras que deslizavam de um lado para o outro, evitando a luz, até se juntarem todas sob a lua. Pequenas sombras negras com olhos vermelhos e dentes amarelos afiados.

E que começaram a cantar:

*Somos pequenos mas muitos
Somos muitos mas pequenos
Já cá estávamos antes de nasceres
E aqui estaremos quando morreres.*

As suas vozes eram altas e sussurrantes e ligeiramente lamuriosas. E fizeram-na sentir-se incomodada.

Depois Coraline sonhou com alguns anúncios e depois acabou por não sonhar com mais nada.

II

No dia seguinte já não chovia, mas um nevoeiro espesso e branco cobria a casa.

— Vou dar um passeio — disse Coraline.

Não te afastes muito — aconselhou lhe a mãe. — E agasalha-te bem.

Coraline vestiu o seu casaco azul com capuz, o cachecol vermelho e as botas de borracha amarelas.

E saiu.

Miss Spink estava a passear os cães.

— Olá, Caroline — cumprimentou a ela. Está um tempo péssimo.

— Pois está — aquiesceu Coraline.

— Uma vez representei o papel de *Portia* — continuou Miss Spink. — Miss Forcible fala da sua *Ofelia* mas foi a minha *Portia* que todos quizeram ver. Quando ainda representávamos.

Miss Spink estava tão entrouxada de camisolas e casacos de lá que parecia ainda mais pequena e redonda do que já era. Parecia um imenso ovo escalfado. E usava óculos com umas lentes tão grossas que faziam com que os seus olhos parecessem enormes.

— Costumavam enviar-me flores para o meu camarim, *a sério* — continuou ela.

— Quem? — perguntou Coraline.

Miss Spink olhou cuidadosamente à volta, espreitando primeiro por cima de um ombro e depois por cima do outro, observando através da neblina, para o caso de alguém a estar a ouvir.

Os *homens* — sussurrou ela. A seguir deu um puxão às trelas dos cães para se voltarem e seguiu bamboleando-se até casa.

Coraline continuou o seu passeio.

Tinha quase dado a volta toda à casa quando viu Miss Forcible de pé, à porta do andar que dividia com Miss Spink.

— Viste a Miss Spink, Caroline?

Coraline respondeu lhe que a tinha visto a passear os cães.



— Espero bem que ela não se perca, senão vai provocar-lhe um ataque de zona*, vais ver — disse a Miss Forcible. — Com o nevoeiro que está, é preciso ser-se um explorador para se encontrar o caminho de regresso.

— Eu sou uma exploradora — respondeu Coraline.

— Pois claro que és, minha querida — continuou a Miss Forcible. — Mas não te percas, sim?

Coraline continuou a caminhar no meio daquela neblina cinzenta pelos jardins. Mas mantinha sempre a casa debaixo de olho. Dez minutos depois de caminhar, chegou à conclusão de que tinha voltado ao sítio de onde tinha partido.

Tinha o cabelo molhado e caído sobre os olhos e o seu rosto estava húmido.

— Viva! Caroline! — chamou o velho louco do andar de cima

— Ah, olá — respondeu Coraline.

Ela mal o conseguia ver com aquela neblina.

Ele desceu as escadas pela parte de fora da casa que davam acesso ao seu andar e que passavam primeiro pela porta de casa de Coraline. Desceu as muito calmamente. Coraline ficou à sua espera ao fundo das escadas.

— Os ratos não gostam de neblina — disse-lhe ele. — Faz com que os seus bigodes descaiam.

— Eu também não gosto lá muito de neblina — admitiu Coraline.

O velho homem inclinou-se de tal maneira que as pontas dos seus bigodes picaram o ouvido de Coraline.

— Os ratos têm um recado para ti — sussurrou ele.

Coraline nem sabia o que responder.

— O recado é o seguinte: *Não atraveses a porta* — fez uma pausa e continuou — Tem algum significado para ti?

— Não — respondeu Coraline.

O velho encolheu os ombros

— Os ratos têm piada. Percebem mal as coisas. Também perceberam mal o teu nome, sabias? Insistem em dizer Coraline. E não Caroline. Não há forma de pronunciarem Caroline.

* Uma doença muito incómoda, provocada por um vírus parecido com o da varicela, (NT)

- Estou ocupado — respondeu ele. — A trabalhar — acrescentou. E continuava sem se ter voltado para ela. — Por que é que não vais chatear a Miss Spink e a Miss Forcible?

Coraline vestiu o casaco, pôs o gorro e saiu de casa. Foi até ao andar de baixo e tocou à campainha da Miss Spink e da Miss Forcible. Coraline ouviu o ladrar frenético dos cães a correrem para o corredor. Minutos depois, Miss Spink abriu a porta.

- Ah, és tu, Caroline — disse ela — *Angus, Hamish e Bruce*, quietos, queridos. É apenas a Caroline. Entra querida. Queres uma chávena de chá?

A casa cheirava a cera de móveis e a cães.

— Sim, se faz favor — respondeu Coraline. A Miss Spink levou-a para um pequeno quarto cheio de pó, que ela apelidava de saleta. Penduradas nas paredes havia molduras com fotografias a preto e branco de bonitas mulheres e de programas de teatro. A Miss Forcible estava sentada numa das poltronas a fazer tricô.

Serviram chá a Coraline numa pequena chávena cor-de-rosa de porcelana com pires e ofereceram-lhe um biscoito seco para acompanhar.

A Miss Forcible olhou para Miss Spink, agarrou no seu tricô e respirou fundo.

— De qualquer forma, April, tal como eu estava a dizer, tens de o admitir, o velho cão ainda tem vida.

— Miriam, minha cara, já nenhuma de nós é tão jovem como antigamente.

A *Madame Arcati* — respondeu Miss Forcible. A ama de *Romeo*. A *Lady Bracknell*. Estilos de personagem. Eles não te podem aposentar dos palcos.

Vá lá, Miriam, nós *combinámos* — continuou a Miss Spink.

Coraline pensou se elas se teriam esquecido da sua presença ali. A conversa delas não tinha lá muito sentido. Acabou por chegar à conclusão de que elas estavam a ter uma discussão tão antiga e confortável como uma poltrona, um tipo de discussão em que ninguém ganha ou perde e que, no caso de ambas as partes o quiserem, poderia durar eternamente.

Ela deu um pequeno gole no chá.

Se quiseres leio as tuas folhas — disse Miss Spink a Coraline.

— Perdão? — perguntou Coraline.

— As folhas do chá, querida. Posso ler o teu futuro.

Coraline passou a sua chávena a Miss Spink que por sua vez deitou uma rápida olhadela às folhas de chá preto que estavam no fundo. E enrugou os lábios.

— Sabes, Caroline — começou ela passado pouco tempo. — Corres um terrível perigo.

Miss Forcible resfolegou e pousou o seu tricô.

— Não sejas tonta, April. Páia de assustar a rapariga. Os teus olhos já não estão bons. Passa-me a chávena, filha.

Coraline levou a chávena até à Miss Forcible. Esta, por sua vez, olhou cuidadosamente para dentro dela, abanou a cabeça e voltou a olhar.

— Valha me Deus — disse ela. — Tinhas razão, April. Ela *está* mesmo em perigo.

— Vês, Miriam — disse Miss Spink com um ar triunfante —, os meus olhos estão tão bons como sempre estiveram...

— Estou em perigo de quê? — perguntou Coraline.

A Miss Spink e a Miss Forcible olharam para ela, lívidas.

— Não diz — continuou a Miss Spink. — As folhas do chá não são de fiar para esse tipo de coisas. Nem por isso. São boas para questões gerais, mas não para coisas específicas.

— Então, o que é que eu devo fazer? — perguntou Coraline que estava ligeiramente assustada com tudo aquilo.

— Não uses verde no teu quarto — sugeriu a Miss Spink.

— Nem menciones a peça *Romeu e Julieta* — acrescentou Miss Forcible.

Coraline interrogou-se por que é que só alguns dos adultos que tinha conhecido é que tinham alguma lógica. Às vezes pensava com quem é que eles achariam que estavam a falar.

— E tem muito, muito cuidado — disse a Miss Spink. Levantou-se da poltrona e foi até à lareira. Na cornija da lareira estava um pequeno frasco. A Miss Spink retirou a tampa do frasco e começou a tirar várias coisas de lá de dentro. Um pequeno pato de porcelana, um dedal, uma pequena e estranha moeda de bronze, dois cliques de papel e uma pedra com um buraco no meio.

Ela deu a Coraline a pedra com o buraco no meio

— Para que é que serve? — perguntou-lhe Coraline. O buraco atravessava a pedra ao meio. Ela levantou-a em direcção à janela e olhou através do buraco.

— Talvez te ajude — respondeu a Miss Spink. — Às vezes, são boas para coisas más.

Coraline vestiu o casaco, despediu-se das duas senhoras e dos cães e saiu.

A neblina pairava à volta da casa como um véu. Ela caminhou calmamente em direcção às escadas que subiam para o seu andar, parou e olhou em redor.

Naquela neblina, parecia que estava num mundo fantasmagórico. *Em perigo?*, pensou Coraline para consigo. Parecia emocionante. Não parecia uma coisa má de todo. Nem por isso.

Coraline subiu as escadas e apertou a mão com força à volta da sua nova pedra.

III

No dia seguinte o Sol já brilhava e a mãe de Coraline levou-a até à cidade mais próxima para lhe comprar roupas para a escola. Deixaram o pai na estação de caminhos de ferro porque ele ia passar o dia em Londres para se encontrar com umas pessoas.

Coraline acenou-lhe um adeus.

Entraram na secção da loja que se destinava às roupas para a escola.

Coraline viu umas luvas verdes fluorescentes de que gostou muito, mas a sua mãe recusou-se a comprar-lhas preferindo em vez disso umas meias brancas, umas cuecas azuis-escuras, quatro camisas cinzentas e uma saia cinzenta-escura.

— Mas mãe, *toda a gente* na escola usa camisas cinzentas. *Ninguém* usa luvas verdes. Eu podia ser a única

A sua mãe ignorou-a e continuou a falar com a empregada da loja. Estavam a discutir acerca da melhor canusola para comprar para a Coraline e chegaram à conclusão que era preferível arranjar lhe uma incrivelmente grande e larga, na esperança de que um dia ela crescesse o suficiente para a ocupar toda.

Coraline foi deambulando pela loja e reparou num expositor com botas de borracha com feitiços de sapos, patos e coelhos.

Depois, voltou para trás.

— Coraline? Ah, estás aí. Onde diabo te meteste?

— Fui raptada por extraterrestres — respondeu Coraline.

— Vieram do espaço com armas de laser mas eu enganei-os porque pus uma peruca e comecei a rir com um sotaque estrangeiro e fugi.

— Sim, querida. Agora, acho que precisas de mais uns ganchos para o cabelo, não achas?

— Não.

— Digamos, meia dúzia, pelo sim e pelo não — respondeu-lhe a mãe.

Coraline nem respondeu.

Já no carro a caminho de casa, Coraline perguntou:

— O que é que existe no andar vago?

— Não sei. Nada, suponho. Deve estar como o nosso estava quando nos mudámos. Apenas quartos vazios.

— Acha que podemos lá entrar pelo nosso lado?

— Não, a não ser que consigas atravessar paredes, querida.

— Ah.

Chegaram a casa já perto da hora do almoço. O Sol brilhava apesar do dia frio que estava. A mãe de Coraline espreitou para dentro do frigorífico e encontrou um miserável tomate e um pedaço de queijo com coisas verdes a crescerem por cima. E dentro da caixa do pão havia apenas uma côdea.

— É melhor eu ir até ao supermercado buscar uns «douradinhos» ou outra coisa qualquer — disse a mãe. — Queres vir?

— Não — respondeu Coraline.

— Como queiras — respondeu a mãe e saiu. Voltou pouco depois para ir buscar a mala e as chaves do carro e voltou a sair.

Coraline sentia-se aborrecida.

Deu uma olhadela ao livro que a mãe estava a ler sobre uns nativos numa terra distante, de como todos os dias eles pegavam em pedaços de seda branca, os desenhavam com cera, a seguir os mergulhavam em tinta, depois voltavam a pintá-los com cera e tinta, mergulhavam-nos em água quente para a cera derreter e, por fim, atiravam os então bonitos panos para uma fogueira e queimavam-nos.

Para Coraline, aquilo parecia não ter qualquer sentido mas ao mesmo tempo ela achava que aquele povo deveria gostar de o fazer.

Ela continuava aborrecida e a mãe não havia meio de chegar.

Coraline agarrou numa cadeira e empurrou-a para a porta da cozinha. Pôs-se em cima da cadeira e esticou-se. Voltou a descer, agarrou numa vassoura que estava dentro do armário das vassouras. Voltou a subir para a cadeira e esticou-se com a vassoura na mão.

Clinc.

Desceu da cadeira e apanhou as chaves e sorriu de forma triunfante. A seguir encostou a vassoura à parede e entrou no quarto das arrumações.

A família não usava aquele quarto onde guardava a mobília que tinha herdado da avó de Coraline. Nomeadamente uma mesa de café de madeira, uma mesa de apoio, um pesado cinzeiro de vidro



e um quadro a óleo com uma fruteira. Coraline não conseguia perceber o que teria levado alguém a pintar uma fruteira. Sem contar com isso tudo, o quarto estava vazio. Não havia quinquilharias na cornija sobre a lareira, nem estátuas e nem relógios. Nada que tornasse aquele quarto confortável ou apetecível para se viver nele.

A velha chave preta era a mais fria de todas. Coraline enfiou-a na fechadura e voltou a vagarosamente produzindo um som agradável.

Coraline parou e pôs-se à escuta. Ela sabia que estava a fazer uma coisa errada e estava a tentar perceber se a sua mãe já tinha voltado, mas não ouviu nada. A seguir, pôs a mão na maçaneta da porta, girou-a e, por fim, abriu a porta.

A porta dava para um corredor muito escuro. Os tijolos tinham desaparecido como se nunca ali tivessem estado. Através daquela porta vinha um cheiro frio a bafio. Cheirava a algo muito velho e parado.

Coraline atravessou a porta.

Começou a pensar como seria a casa, se era lá que aquele corredor ia dar.

Coraline percorreu o corredor com inquietação. Havia ali algo de muito familiar.

A alcatifa por baixo dos seus pés era igual à que ela tinha em sua casa, assim como o papel de parede e o quadro que estava pendurado no corredor era tal e qual o que ela tinha no corredor da casa dela.

Ela percebeu onde estava. Estava na sua própria casa. De onde nem sequer tinha chegado a sair.

Abanou a cabeça sentindo-se confusa.

Observou o quadro que estava pendurado na parede. Não, não era exactamente igual. O quadro que ela tinha em sua casa mostrava um rapaz vestido com roupas antigas a olhar para umas bolhas. Mas, agora, a expressão do seu rosto estava diferente, ele estava a olhar para as bolhas como se estivesse a planejar fazer-lhes alguma coisa de mal. E havia algo de muito peculiar nos seus olhos.

Coraline olhou para os olhos dele a tentar perceber o que é que eles realmente tinham de diferente.

Tinha quase conseguido quando ouviu uma voz:

— Coraline?

Parecia a voz da sua mãe. Coraline dirigiu-se à cozinha, de onde tinha vindo a voz. Na cozinha, estava uma mulher em pé, de costas para Coraline. Parecia a mãe de Coraline. Só que...

Só que a sua pele era branca como uma folha de papel

Só que era mais alta e mais magra.

E tinha uns dedos muito compridos que não paravam quietos com as unhas curvas e pontiagudas pintadas de vermelho-escuro.

— Coraline? — perguntou a mulher. — És tu?

E depois voltou-se. Os seus olhos eram dois grandes botões pretos.

— Está na hora do almoço — continuou a mulher.

— Quem é a senhora? — perguntou-lhe Coraline.

— Sou a tua outra mãe — respondeu a mulher. — Vai dizer ao teu outro pai que o almoço está pronto — e abriu a porta do forno. Subitamente Coraline apercebeu-se da fome com que estava. Cheirava lindamente. — Vá, vai lá.

Coraline percorreu o corredor até ao escritório do pai. Abriu a porta e lá estava um homem sentado em frente ao computador com as costas voltadas para ela.

— Olá — cumprimentou-o Coraline. — Quero... quero dizer, ela mandou dizer que o almoço está pronto

O homem voltou-se.

Os seus olhos eram dois grandes botões pretos e brilhantes

Olá Coraline — respondeu ele. — Estou faminto.

Levantou-se e foi com ela até à cozinha. Sentaram-se à mesa e a outra mãe de Coraline trouxe-lhes o almoço. Uma enorme e dourada galinha assada, batatas fritas e ervilhas. Coraline começou a comer sofregamente. Estava delicioso.

— Há já muito tempo que estávamos à tua espera — começou o outro pai de Coraline.

— À minha espera?

— Sim — respondeu a outra mãe — Isto aqui não é o mesmo sem ti. Mas nós sabíamos que um dia chegarias e que então passaríamos a ser uma verdadeira família. Queres mais um pouco de galinha?

Era a melhor galinha que Coraline alguma vez tinha comido. A mãe dela às vezes fazia galinha, mas era sempre daquela já feita ou congelada, e era muito seca e nunca sabia a nada. Quando o

pai de Coraline cozinhava galinha, comprava da autêntica mas fazia-lhe coisas muito estranhas como estufá-la com vinho, recheá-la com ameixas ou fazia um pastelão com ela e Coraline recusava-se terminantemente a tocar-lhe.

Aceitou mais um pouco de galinha.

— Eu não sabia que tinha outra mãe — comentou Coraline a medo.

— Mas é claro que tens. Toda a gente tem — respondeu a outra mãe com os seus olhos de botões pretos a brilhar. — Achei que depois do almoço talvez quisesse ir brincar para o teu quarto com os ratos.

— Ratos?

— Do vizinho de cima.

Coraline nunca tinha visto um rato, a não ser na televisão. E sentiu-se bastante ansiosa de os ver. Afinal de contas, o dia estava a tornar-se bastante interessante.

Depois do almoço, os seus outros pais lavaram a louça e Coraline foi pelo corredor até ao seu quarto.

Era diferente do seu próprio quarto. Para começar estava estranhamente pintado num tom de verde e num peculiar tom de rosa.

Coraline achou que não gostaria de ter de dormir ali mas a combinação de cores era terrivelmente mais interessante que a do seu próprio quarto.

Havia ali uma série de coisas curiosas que ela nunca tinha visto antes. Anjos irritantes que flutuavam à volta do quarto como se fossem papagaios assustados; livros com imagens que se contorciam, rastejavam e brilhavam; crânios de pequenos dinossauros que tiritavam os dentes quando ela passava. E uma caixa inteira repleta de brinquedos maravilhosos.

Assim está melhor, pensou Coraline. Olhou pela janela. Lá fora, a vista era a mesma que ela tinha do seu próprio quarto. Árvores, campos e para além deles, lá ao fundo no horizonte, montanhas púrpuras distantes.

Qualquer coisa escura atravessou o quarto e desapareceu debaixo da cama. Coraline pôs-se de joelhos e espreitou para lá. Cinquenta pequenos olhos fixaram-na.

— Olá — disse Coraline —, vocês é que são os ratos?

Eles saíram debaixo da cama com os olhos a pestanejar encandeados pela luz. Tinham pêlo curto e cinzento-escuro, peque-

nos olhos vermelhos, garras rosadas como se fossem pequenas mãos e caudas cor-de-rosa e sem pêlo que pareciam minhocas compridas e macias.

— E falam? — perguntou ela.

O maior e mais escuro dos ratos abanou a cabeça. Tinha uma espécie de sorriso desagradável, pensou Coraline.

— Bem — continuou Coraline —, *o que é que fazem?*

O ratos formaram um círculo.

Depois começaram a subir para cima uns dos outros, de forma cuidadosa mas muito rapidamente até formarem uma pirâmide, com o maior dos ratos no cimo.

Os ratos começaram a cantar, num tom alto e sussurrante:

*Temos dentes e temos caudas
Temos caudas e temos olhos
Já aqui estávamos antes de cáíres
Tu aqui estarás quando nos erguermos.*

Não era uma canção bonita e Coraline tinha a certeza de a ter já ouvido antes, ou então algo parecido, embora não se conseguisse lembrar exactamente onde.

Depois a pirâmide desmanchou-se e todos os ratos desembestaram rápidos e escuros em direcção à porta.

O outro velho maluco do andar de cima, estava de pé à porta, com um chapéu alto preto nas mãos. Os ratos treparam por ele acima, enfiando se nas algibeiras, na camisa, nas calças e pelo pescoço.

O maior dos ratos trepou pelo ombro do velho, passou pelo comprido bigode cinzento, depois pelos olhos de botões pretos e foi direito ao cimo da cabeça do homem.

Segundos depois, a única evidência de que os ratos ali tinham estado, eram as protuberâncias sob as roupas do velho que deslizavam de um lado para o outro. E ainda se via o rato maior de todos que observava Coraline do alto da cabeça do velho.

Mal o velho pôs o chapéu na cabeça, o último rato desapareceu.

— Olá, Coraline — disse o outro velho do andar de cima.

— Ouve dizer que cá estavas. Está na hora dos ratos jantarem. Mas se quiseses podes vir comigo até lá acima vê-los a comer.

A expressão esfomeada nos olhos de botão do velho, deixaram Coraline incomodada.

— Não, obrigada — respondeu ela. — Vou até lá fora fazer umas explorações.

O velho acenou vagarosamente a cabeça. Coraline conseguia ouvir os ratos a cochicharem entre si embora não percebesse o que diziam.

E nem sequer estava certa de o querer saber.

Enquanto ela percorria o corredor, os seus outros pais ficaram de pé à porta da cozinha a sorrir, com sorrisos idênticos e a acenar vagarosamente.

— Diverte-te lá fora — disse-lhe a outra mãe.

— Nós ficamos aqui à tua espera — respondeu-lhe o outro pai.

Quando Coraline chegou à porta da rua, voltou-se e olhou-os. Eles continuavam a observá-la, a acenar e a sorrir.

Coraline dirigiu-se para a rua e desceu as escadas.

IV

A casa era exactamente igual vista do lado de fora. Ou practicamente igual. À volta da porta da Miss Forcible e da Miss Spink havia lâmpadas azuis e vermelhas que piscavam e emitiam palavras, e as luzes corriam umas atrás das outras a toda à volta da porta sem parar. Piscavam e corriam. Palavras como: SURPREENDENTE! seguida de TEATRAL E TRIUNFO!"

Estava um dia ensolarado e frio, tal como o que ela tinha deixado na outra casa.

Ouviu por trás de si um barulho delicado.

Voltou-se. Em cima do muro por trás dela estava um enorme gato preto parecido com aquele que ela tinha visto nos jardins da sua casa.

— Boa tarde — cumprimentou o gato.

Parecia a voz que ela ouvia na sua mente, a voz que em cujas palavras ela pensava mas numa voz de homem e não de rapariga.

— Olá — respondeu Coraline. — Vi um gato parecido contigo no jardim lá de casa. Tu deves ser o outro gato.

O gato abanou a cabeça.

— Não — respondeu o gato. — Eu não sou o outro nada. Eu, sou eu — e voltou a cabeça para um dos lados com os olhos verdes a faiscarem. — As pessoas é que estão espalhadas por todo o lado. Nós, os gatos, por outro lado, mantemo-nos juntos. Se é que me entendes.

— Talvez. Mas se tu és o gato que eu vi lá em casa, como é que consegues falar?

Os gatos não têm ombros, pelo menos como as pessoas. Mas o gato encolheu-se num movimento tão suave que começou na ponta da cauda e terminou numa elevação dos seus bigodes.

— Eu consigo falar.

— Mas lá em casa, os gatos não falam.

— Não? — perguntou o gato.

— Não — respondeu Coraline.

O gato saltou suavemente do muro para a relva junto aos pés de Coraline, e olhou para ela.

— Bem, tu é que és a perita nestas coisas — disse friamente o gato. — Afinal de contas, o que é que eu sei? Sou apenas um gato.

Começou a afastar-se com a cabeça e a cauda bem empinadas e com um ar emproado.

— Volta aqui — chamou Coraline. — Por favor. Desculpa. A sério.

O gato parou, sentou-se e começou a lavar-se a si próprio pensativamente, ignorando aparentemente a existência de Coraline.

— Nós.. nós podíamos ao menos ser amigos — continuou Coraline.

— Nós *podíamos* ser raros espécimes de uma raça exótica de elefantes africanos dançarinos — respondeu o gato. — Mas não somos. Pelo menos — acrescentou o gato depois de lançar um rápido olhar a Coraline —, *eu não sou*.

Coraline suspirou.

— Vá lá. Como te chamas? — perguntou Coraline ao gato — Olha, eu chamo-me Coraline. Sim?

O gato bocejou vagarosa e cuidadosamente mostrando uma boca e uma língua de um impressionante tom de rosa.

— Os gatos não têm nomes — respondeu.

— Não? — perguntou Coraline.

— Não — respondeu o gato. — Já *vocês*, pessoas, têm nomes. É por isso que não sabem quem são. Nós sabemos quem somos e por isso não precisamos de nomes.

Coraline percebeu que o gato tinha algo de irritantemente egocêntrico. Como se ele fosse, na sua própria opinião, a única coisa em qualquer mundo ou lugar, passível de ter alguma importância.

Uma parte dela queria ser extremamente mal educada para o gato, a outra parte queria ser educada e atenciosa. Ganhou a parte educada.

— Diz-me, que lugar é este?

O gato deu uma rápida olhadela em volta.

— É aqui mesmo — respondeu.

— Isso percebo eu. Bem, como é que vieste aqui parar?

— Tal como tu, a pé — respondeu o gato. — Assim.

Coraline observou-o enquanto ele caminhava calmamente pelo relvado. Passou por trás de uma árvore, mas não apareceu



do outro lado. Coraline foi até à árvore e procurou o por detrás desta mas o gato tinha desaparecido.

Encaminhou-se novamente para a casa e voltou a ouvir um barulho delicado por detrás dela. Era o gato.

— A propósito — disse ele —, foi sensato da tua parte trazeres protecção. Se eu fosse a ti agarrava-me a ela com unhas e dentes.

— Protecção?

— Foi o que eu disse — repetiu o gato. — E já agora...

Fez uma pausa e olhou atentamente para algo que não estava ali

A seguir agachou-se e deu dois ou três passos vagarosamente para a frente. Parecia que estava a perseguir um rato invisível. De repente, voltou costas e desembestou pela floresta.

E desapareceu por entre as árvores.

Coraline pôs-se a pensar no que é que o gato teria querido dizer com aquilo.

Também começou a pensar se, de onde ela vinha, todos os gatos podiam falar e preferiam não o fazer, ou se só ali é que conseguiam falar, onde quer que *ali* fosse.

Ela seguiu pelos degraus de tijolo em direcção à porta da casa da Miss Spink e da Miss Forcible. As luzes azuis e vermelhas piscavam ininterruptamente.

A porta estava ligeiramente aberta. Ela bateu à porta e a sua primeira batida fez com que a porta se abrisse de par em par e Coraline entrou.

Deu por si num quarto que cheirava a pó e a veludo. A porta fechou-se por trás dela e o quarto ficou todo às escuras. Coraline avançou devagar para uma pequena antecâmara. O seu rosto roçou contra algo macio. Era um pano. Ela esticou a mão e empurrou o pano que se desfez.

Pestanejou imóvel já do outro lado das cortinas de veludo. Estava num teatro fracamente iluminado. Mais afastado, na outra ponta da sala, havia um palco de madeira, vazio e nu com um fraco holofote a incidir sobre ele.

Havia lugares entre Coraline e o palco. Filas e filas de lugares. Ouviu o som de pés a arrastar e uma luz aproximou-se dela, balançando de um lado para o outro. Ao aproximar-se, ela percebeu que a luz provinha de uma lanterna que um grande cão preto escocês com o focinho cinzento da idade, trazia na boca.

— Olá — cumprimentou Coraline.

O cão pousou a lanterna no chão e olhou para ela.

— Certo. Vejamos o seu bilhete — respondeu bruscamente.

— Bilhete?

— Foi o que eu disse. Bilhete. Como pode calcular eu não tenho o dia todo. Não pode ver o espectáculo se não tiver bilhete.

Coraline suspirou.

— Eu não tenho bilhete — admitiu ela.

Mais outra — disse sombriamente o cão. — Por aqui. Que atrevimento. «Onde está o seu bilhete? Não tenho, não sei...» — abanou a cabeça e a seguir encolheu os ombros. — Vá, entre lá.

Apanhou a lanterna com a boca e seguiu a trote pela escuridão. Coraline seguiu-o. Ao aproximar-se da parte da frente do palco, parou e indicou-lhe um lugar vago com a lanterna. Coraline sentou-se e o cão afastou-se.

À medida que os seus olhos se iam habituando à escuridão, ela apercebeu-se de que todos os outros espectadores eram igualmente cães.

Ouviu-se um súbito sibilar vindo da parte detrás do palco. Coraline percebeu que deveria ser o som de um disco velho e riscado que estava a ser colocado num gramofone. O sibilar transformou-se no som de trombetas e a Miss Spink e a Miss Forcible apareceram em palco.

A Miss Spink vinha empoleirada num monociclo a fazer malabarismo com bolas. Miss Forcible vinha aos pulinhos atrás dela com um cesto de flores na mão, a espalhar pétalas de flores pelo palco à medida que caminhava. Chegaram à boca de cena e Miss Spink saltou agilmente do monociclo e as duas velhotas agradeceram com uma vénia.

Todos os cães bateram com as caudas e ladraram entusiasmados. Coraline bateu palmas de forma educada.

A seguir desabotoaram os seus redondos casacos com penugens e abriram-nos. Mas não foram só os casacos que se abriram, os seus rostos também se abriram como se fossem conchas vazias e de dentro daqueles corpos redondos e com penugens saíram duas jovens raparigas. Eram magras, pálidas e bastante bonitas e tinham olhos de botões pretos.

A nova Miss Spink tinha vestidas umas meias verdes e botas castanhas altas que lhe acompanhavam as pernas. A nova Miss Forcible trazia um vestido branco e tinha flores espalhadas ao longo do seu cabelo louro.

Coraline recostou-se no seu lugar.

A Miss Spink saiu do palco e o som das trombetas guinchou quando a agulha do gramofone que cavava o seu caminho pelo disco foi arrancada.

— Esta é a minha parte preferida — sussurrou o pequeno cão que estava sentado ao lado de Coraline.

A outra Miss Forcible tirou uma faca de dentro de uma caixa que estava a um canto do palco.

— É isto um punhal que vejo diante de mim? — perguntou.

— Sim! — gritaram todos os pequenos cães. — É pois!

A Miss Forcible fez uma vénia e todos os cães voltaram a aplaudir. Mas desta vez Coraline nem se deu ao trabalho de o fazer.

Miss Spink voltou ao palco. Deu uma palmada na coxa e todos os cães começaram a ladrar.

— E agora — disse a Miss Spink — é com orgulho que a Miriam e eu apresentamos um novo e emocionante número na nossa exposição teatral. Há por aí algum voluntário?

O pequeno cão que estava ao lado de Coraline fez lhe sinal com a pata dianteira.

— És tu — sibilou ele.

Coraline pôs-se de pé e subiu os degraus de madeira até ao palco.

— Será que podemos ouvir um grande aplauso para a nossa jovem voluntária? — perguntou a Miss Spink. Os cães ladraram, uivaram e bateram com as caudas nos assentos de veludo.

— E agora, Coraline — continuou Miss Spink —, como te chamas?

— Coraline — respondeu Coraline.

— E nós, não nos conhecemos, pois não?

Coraline olhou para aquela jovem mulher magra com olhos de botões pretos e abanou a cabeça calmamente.

— Agora — disse a outra Miss Spink — vem até aqui. — E conduziu Coraline para um quadro que estava ao lado do palco e pôs um balão em cima da cabeça de Coraline.

A Miss Spink voltou para junto da Miss Forcible e vendou-lhe os olhos de botão com um lenço preto e pôs-lhe uma faca nas mãos. A seguir, deu-lhe três ou quatro voltas e apontou a para Coraline. Coraline susteve a respiração e cerrou os punhos com toda a força.

A Miss Forcible atirou a faca em direcção ao balão que por sua vez rebentou com força, e a faca ficou presa e a vibrar no quadro mesmo por cima da cabeça de Coraline. Coraline respirou fundo.

Os cães vibraram.

A Miss Spink ofereceu a Coraline uma pequena caixa de chocolates e agradeceu-lhe por se ter portado tão bem. Coraline voltou para o seu lugar.

— Portaste-te muito bem — disse o pequeno cão.

— Obrigada — agradeceu Coraline.

A Miss Forcible e a Miss Spink começaram a fazer malabarrisismos com uns enormes maços de madeira. Coraline abriu a caixa de chocolates e o cão olhou com ar de cobiça para eles.

— És servido? — perguntou-lhe Coraline.

— Sim, se faz favor — sussurrou o cão. — Mas os de caramelo, não. Fazem-me babar.

— Pensava que não se devia dar chocolates aos cães — disse Coraline, lembrando-se de uma coisa que a Miss Forcible lhe tinha dito uma vez.

— Talvez de onde tu vens — sussurrou o cão. — Aqui, é só o que comemos.

Na escuridão, Coraline não conseguia distinguir de que eram feitos os chocolates. Deu uma dentada num para experimentar e percebeu que era de coco. Como não gostava deu o ao cão

— Obrigado — agradeceu o cão.

— Não tens de quê — respondeu Coraline.

A Miss Forcible e a Miss Spink começaram a representar uma peça. Miss Forcible estava sentada em cima de um escadote e a Miss Spink estava de pé cá em baixo.

— Mas o que é que existe num nome? — perguntou a Miss Forcible. — A flor a que chamamos rosa deixa de ter perfume se lhe dermos outro nome.

— Tens mais chocolates? — perguntou o cão.

Coraline deu-lhe mais outro.

— Não sei de que nome hei-de servir-me para te dizer quem sou — disse a Miss Spink à Miss Forcible.

Este excerto está quase a terminar — sussurrou o cão.
— Depois começam as danças folclóricas.

— Há quanto tempo é que isto dura? — perguntou Coraline.
— O teatro?

— Sempre — respondeu o cão — Para todo o sempre.

— Tonia — disse Coraline. — Fica com os chocolates.

— Obrigado — agradeceu o cão. Coraline levantou-se.

— Até breve — despediu-se o cão.

— Adeus — respondeu Coraline e saiu do teatro e voltou para o jardim. Teve de pestanejar várias vezes por causa da claridade do dia.

Os seus outros pais estavam à sua espera no jardim, um ao lado do outro, a sorrir.

— Divertiste-te? — perguntou-lhe a outra mãe.

— Foi interessante — respondeu Coraline.

Subiram os três juntos em direcção à outra casa. A outra mãe de Coraline penteou a com os seus longos e brancos dedos. Coraline abanou a cabeça.

— Não faça isso — resmungou Coraline.

A sua outra mãe afastou a mão.

— E então — começou o seu outro pai. — Gostas de estar aqui?

— Talvez — respondeu Coraline. — É bastante mais interessante do que lá em casa.

E entraram em casa.

— Ainda bem que gostas — disse a outra mãe de Coraline.

— Porque gostamos de pensar que esta é a tua casa. Podes cá ficar para todo o sempre. Se quiseres.

— Hum — murmurou Coraline. Colocou as mãos nos bolsos e pôs-se a pensar. A sua mão tocou na pedra que as verdadeiras Miss Spink e Miss Forcible lhe tinham dado no dia anterior. A pedra com um buraco no meio.

— Se quiseres ficar — disse-lhe o seu outro pai —, é só preciso fazermos uma pequena coisa, para que possas cá ficar para todo o sempre.

Entraram na cozinha. Em cima da mesa estava um prato de porcelana com um carrinho de linha preta e uma comprida agulha de prata e, ao lado, dois grandes botões pretos.

— Não me parece — disse Coraline.

— Ah, mas nós queremos — disse-lhe a sua outra mãe.

— Queremos que fiques. Isto é só uma coisinha de nada.

— Não dói nada — explicou-lhe o seu outro pai.

Coraline já sabia que quando os adultos diziam que uma coisa não ia doer, era certo e sabido que ia. E abanou a cabeça.

A sua outra mãe sorriu com vivacidade e o seu cabelo deslizou como se fossem plantas no fundo do mar.

— Apenas queremos o melhor para ti — disse ela.

E colocou a mão no ombro de Coraline. Mas Coraline afastou-se.

— Vou andando — disse Coraline. Pôs as mãos nos bolsos e apertou com os dedos a pedra com o buraco no meio.

A mão da outra mãe saltou do ombro de Coraline como se fosse uma aranha assustada.

— Se é isso que queres — disse ela.

— Sim — respondeu Coraline.

— Mas em breve nos veremos — respondeu-lhe o seu outro pai. — Quando voltares.

— Hum — murmurou a Coraline.

— E então ficaremos todos juntos como uma verdadeira família feliz — disse a outra mãe. — Para todo o sempre.

Coraline recuou, voltou-se, correu para a quarto das arrumações e abriu a porta do canto. Não havia ali nenhuma parede de tijolo, apenas escuridão, uma escuridão tão escura como breu que até parecia que as coisas se moviam.

Coraline hesitou. Voltou-se. Os seus outros pais caminhavam de mãos dadas na sua direcção. Olhavam para ela através dos seus olhos de botão pretos. Ou pelo menos, ela *achava* que eles estavam a olhar para ela. Mas não tinha a certeza.

A sua outra mãe esticou a mão que tinha livre e acenou gentilmente com um dedo branco. Os seus lábios pálidos proferiram:

— Volta depressa — apesar de não ter dito nada em voz alta.

Coraline respirou fundo e penetrou na escuridão onde estranhas vozes sussurravam e ventos distantes ululavam. Ela ficou com a certeza de que havia algo atrás dela na escuridão, algo muito velho e parado. O seu coração batia com tanta força e tão alto que ela tinha receio que ele saltasse para fora do peito. E fechou os olhos à escuridão.

Acabou por chocar contra qualquer coisa e abriu os olhos assustada. Tinha chocado contra uma poltrona no seu quarto de arrumações.

A porta aberta atrás de si estava bloqueada com tijolos.
Ela estava novamente em casa.

V

Coraline fechou a porta do quarto de arrumações com a fria chave preta.

Voltou à cozinha, subiu para cima de uma cadeira e tentou voltar a pôr o molho de chaves sobre a soleira da porta. Tentou ainda umas quatro ou cinco vezes até se render à evidência de que não era suficientemente alta e acabou por colocá-lo em cima da mesa ao pé da porta.

A sua mãe ainda não tinha voltado do supermercado.

Coraline foi ao congelador e tirou da parte de baixo o que restava do pão congelado. Fez uma torrada com doce e manteiga de amendoim e bebeu um copo de água.

E esperou que os pais voltassem.

Quando começou a escurecer, Coraline enfiou uma piza congelada no microondas.

E pôs-se a ver televisão. Tentou perceber por que é que só os adultos é que tinham direito aos bons programas, cheios de gritarias e confusões.

Pouco depois, começou a bocejar. Resolveu então despir-se, lavou os dentes e enfiou-se na cama.

Na manhã seguinte, foi ao quarto dos pais mas a cama deles continuava feita e eles não estavam em casa. Resolveu então comer espagete de lata ao pequeno almoço.

Para o almoço comeu um bocado de chocolate para bolos e uma maçã. A maçã estava amarela e ligeiramente tocada mas era doce e saborosa.

Ao lanche foi visitar a Miss Spink e a Miss Forcible. Comeu três bolachas digestivas, um copo de limonada e uma chávena de chá fraco. A limonada era bastante interessante porque não sabia nada a limão. Tinha um certo sabor a verde e a químicos. Mas Coraline adorou aquela bebida e desejou que em sua casa também houvesse daquele sumo.

— Como é que estão os teus simpáticos pais? — perguntou a Miss Spink.

— Desaparecidos — respondeu Coraline. — Desde ontem que não vejo nenhum deles. Estou por minha conta. Acho que me tornei numa família de um só elemento.

— Diz à tua mãe que encontrámos aquela loja dos ganchos de cabelo, a Glasgow Empire, de que lhe tínhamos falado. Ela mostrou-se muito interessada quando a Miriam lhe falou nela.

— Ela desapareceu em circunstâncias muito misteriosas — continuou Coraline. — E temo que o meu pai também.

Receio bem que amanhã estejamos o dia todo fora, querida Caroline — disse Miss Forcible. — Vamos passar o dia a Royal Tunbridge Wells com a sobrinha da April.

Mostraram a Coraline um álbum com fotografias da sobrinha da Miss Spink e depois Coraline voltou para casa.

Coraline resolveu abrir o mealheiro e foi até ao supermercado. Comprou duas garrafas grandes de limonada, um bolo de chocolate e um saco de maçãs. Voltou para casa e foi o que comeu ao jantar.

Lavou os dentes e foi até ao escritório do pai. Ligou o computador e pôs-se a escrever uma história.

A HISTÓRIA DE CORALINE

ERA UMA VEZ UMA RAPARIGA CHAMADA
MAÇÃ. ELA GOSTAVA MUITO DE DANÇAR.
E DANÇOU TANTO QUE OS SEUS PÉS SE
TRANSFORMARAM EM SALSICHAS. FIM.

Imprimiu a história e desligou o computador. A seguir desenhcou, por baixo do texto, a rapariga a dançar.

Preparou um banho de imersão com espuma de banho a mais, de modo que a espuma saiu pelos lados e molhou o chão todo. Depois, secou-se a si e ao chão o melhor que pôde e foi deitar-se.

Coraline acordou durante a noite. Foi até ao quarto dos pais mas a cama continuava feita e vazia. Os faiscantes números verdes do relógio digital indicavam 3:12 da manhã.

Sentindo-se só, no meio da noite, Coraline começou a chorar. Não se ouvia mais som nenhum naquele apartamento vazio.

Enfiou-se na cama dos pais e pouco depois adormeceu.



Coraline foi acordada por umas patas geladas a baterem-lhe no rosto. Abriu os olhos e viu dois grandes olhos verdes a olharem para ela. Era o gato.

— Olá — disse Coraline. — Como é que vieste aqui parar?

O gato não respondeu. Coraline levantou-se da cama. Tinha vestida uma *T-shirt* muito comprida e as calças do pijama.

— Vieste contar-me alguma coisa?

O gato bocejou o que fez com que os seus olhos verdes brilhassem.

— Sabes onde é que estão os meus pais?

O gato olhou para ela e pestanejou calmamente.

— Isso é um sim?

O gato voltou a pestanejar. Coraline chegou à conclusão de que aquilo era sem dúvida um sim.

— Levas-me até eles?

O gato observou-a. A seguir saiu para o corredor e ela seguiu-o. Percorreu o corredor todo e parou no final onde estava pendurado um enorme espelho. O espelho tinha sido, em tempos, o interior da porta de um armário. Tinha sido pendurado ali no corredor quando se tinham mudado e apesar da mãe de Coraline ter dito que o iria trocar por outra coisa, nunca o tinha chegado a fazer.

Coraline acendeu a luz do corredor.

O espelho mostrava apenas o corredor que se estendia por detrás dela, o que já era de esperar. Mas reflectidos no espelho estavam os seus pais. Estavam desajeitadamente de pé no reflexo do corredor. Pareciam tristes e sós. Enquanto Coraline os observava, eles acenaram-lhe, lenta e frouxamente com as mãos fracas. O pai de Coraline tinha o braço à volta da mãe.

No espelho, os seus pais olharam-na fixamente. O seu pai abriu a boca e proferiu algo mas ela não conseguia ouvir nada. A mãe dela respirou para cima do espelho e antes que o vapor se dissipasse escreveu rapidamente

2011-ADUJA

com a ponta do dedo indicador. O nevoeiro formado no interior do vidro desvaneceu-se assim como os seus pais e agora, a única coisa que o espelho reflectia era o corredor, Coraline e o gato.

— Onde é que eles estão? — perguntou Coraline ao gato. O gato não deu qualquer resposta, mas Coraline imaginava a sua voz, seca como, uma mosca presa numa vidraça em pleno Inverno, a dizer: «*Onde é que tu achas que eles estão?*»

— Eles não vão voltar, pois não? — perguntou Coraline. — Não pelos seus próprios meios.

O gato pestanejou na sua direcção. Coraline entendeu-o como um sim.

— Bem — disse ela. — Então, acho que só me resta fazer uma coisa.

Entrou no escritório do pai. Sentou-se à secretária, agarrou no telefone, abriu a lista telefónica e ligou para a esquadra da polícia mais próxima.

Polícia — respondeu uma voz masculina carrancuda.

— Está sim? — disse ela. — O meu nome é Coraline Jones

— Já passou um pouco da tua hora de dormir não já, minha menina? — perguntou o polícia.

— Possivelmente — respondeu Coraline, que não estava para conversas. — Mas eu só queria participar um crime.

— E que tipo de crime é esse?

— Rapto. Rapto de adultos, na verdade. Os meus pais foram levados para um mundo do outro lado do espelho do nosso corredor.

— E sabes quem é que os raptou? — perguntou o agente da polícia. Coraline apercebeu-se do tom divertido da sua voz e tentou com todo o esforço falar como um adulto falaria, para que ele a levasse a sério.

— Acho que a minha outra mãe os tem na mão dela. Acho que se calhar, ela quer ficar com eles para lhes coser os olhos com botões pretos ou para simplesmente os ter para servirem de chamariz para me pôr as mãos em cima. Não tenho a certeza.

— Ah. As nefandas garras dos seus demoníacos dedos, não é? — perguntou ele. — Mmm Sabe o que lhe sugiro, Menina Jones?

— Não — respondeu Coraline. — O quê?

— Que peça à sua mãe que lhe prepare uma grande caneca de chocolate quente e lhe dê um abraço muito apertado. Não há nada como um chocolate quente e um bom abraço para afastar os pesadelos. E se ela começar a refilar por a ter acordado a

esta hora da noite, diga-lhe que foi o senhor polícia quem mandou — a voz dele era calma e tranquilizadora.

Mas Coraline não ficou nada tranquila.

— Quando a vir — respondeu Coraline —, dou-lhe o recado. E desligou o telefone.

O gato preto que se tinha sentado no chão a limpar o pêlo, durante toda a conversa, estava agora de pé e dirigiu-se para o corredor.

Coraline voltou para o seu quarto, vestiu o roupão azul e calçou os chinelos. Foi à procura de uma lanterna debaixo do lavaloúças e encontrou uma mas as pilhas já estavam muito gastas e mal dava um ténue feixe de luz. Voltou a arrumá-la e encontrou uma caixa de emergência com velas brancas e pôs uma num castiçal. Colocou uma maçã em cada bolso, agarrou no molho de chaves e retirou a velha chave preta de lá.

Entrou no quarto de arrumações e olhou para a porta. Tinha a sensação de que a porta estava a olhar para ela, o que ela sabia que era uma estupidez, mas ao mesmo tempo e vendo as coisas por outro prisma, poderia de algum modo ser verdade.

Voltou ao seu quarto e esquadrinhou os bolsos das suas calças de ganga. Encontrou a pedra com o buraco e colocou a dentro do bolso do roupão.

Acendeu o pavio da vela com um fósforo e observou-o a crepitar e a incendiar-se e de seguida agarrou na chave preta. Era fria ao toque. Enfiou-a na fechadura da porta mas não a girou.

Quando eu era pequena — contou Coraline ao gato —, quando vivíamos na nossa antiga casa, há muito, muito tempo atrás, o meu pai levou-me a passear a um terreno baldio que havia entre a nossa casa e as lojas.

«Não era o melhor lugar para se passear, acredita. Havia lá imensas coisas que as pessoas tinham deitado fora, desde fogões velhos, pratos partidos, bonecas sem braços e sem pernas, latas vazias e garrafas partidas. Os meus pais fizeram-me prometer que nunca iria para lá fazer explorações porque havia demasiadas coisas aguçadas, tétano e etc.

«Mas eu estava sempre a dizer-lhes que queria explorar aquilo. E assim, um dia o meu pai calçou as suas enormes botas castanhas e as suas luvas, a seguir calçou-me as minhas botas, as calças de ganga e uma camisola e fomos dar um passeio.

«Devemos ter caminhado uns vinte minutos. Descemos a colina, até ao fundo de uma ravina onde havia um regato, quando subitamente o meu pai me disse: "Coraline, fôge. Sobe a colina. Já!" Ele disse aquilo de uma forma tão firme, tão premente, que eu subi. Corri pela encosta acima. Senti qualquer coisa a picar-me na parte de trás do braço enquanto corria mas continuei a correr.

«Quando cheguei ao cimo, ouvi alguém a subir a encosta atrás de mim. Era o meu pai a correr como um rinoceronte. Quando chegou ao pé de mim, pegou-me ao colo e arrancou-me da beira da colina. A seguir parámos sem fôlego e com falta de ar enquanto olhávamos lá para baixo, para a ravina.

«O ar estava cheio de vespas amarelas. Devíamos ter pisado algum ninho de vespas que estava em algum ramo partido enquanto caminhávamos. E enquanto eu corria pela ravina acima, o meu pai ficou ali a ser picado para me dar tempo para fugir. Durante a fuga, os seus óculos caíram.

«Eu só tinha uma picada na parte de trás do meu braço, enquanto ele tinha trinta e nove picadas pelo corpo todo. Contámo-las mais tarde, no banho.

O gato preto começou a lavar o rosto e os bigodes denotando impaciência. Coraline baixou-se e fez-lhe uma festa na nuca e no pescoço. O gato levantou-se deu alguns passos até sair do alcance dela, depois voltou a sentar-se e olhou novamente para ela.

— E assim — continuou Coraline —, mais tarde, naquela mesma tarde, o meu pai voltou novamente àquele terreno baldio para recuperar os seus óculos. Ele disse que se deixasse passar mais um dia que fosse, já não se lembraria do sítio onde os tinha deixado cair.

«E num instante estava de volta a casa com os óculos postos. Ele disse que não tinha tido medo de ter ficado ali, a ser picado e magoado pelas vespas enquanto me observava a fugir. Porque sabia que tinha de me dar tempo suficiente para eu fugir ou então as vespas ter-nos-iam atacado aos dois.

Coraline deu a volta à chave que fez forte barulho.

A porta abriu-se de par em par.

Não havia nenhuma parede de tijolo do outro lado da porta, apenas escuridão e um vento gelado vinha da entrada.

Coraline nem se mexeu para atravessar a porta.

— E ele ainda disse que o facto de ter ficado ali a ser picado não tinha sido um acto de bravura — contou Coraline ao gato. — Não tinha sido um acto de bravura por ele não ter tido medo, mas porque tinha sido a única coisa a fazer. Mas voltar atrás para ir buscar os óculos sabendo ele que as vespas lá estavam, estando ele cheio de medo, *isso* sim, é que tinha sido um acto de bravura.

Ela deu o primeiro passo em direcção ao corredor.

Conseguia sentir o odor a pó, a humidade e a bafio.

O gato caminhava ao seu lado.

— E para que é que foi isso? — perguntou o gato embora não demonstrasse interesse.

— Porque — respondeu ela —, quando temos medo de uma coisa e a fazemos mesmo assim, *isso* é ter coragem.

A chama da vela grande e estranha tremeluzia projectando sombras na parede. Ela ouviu algo a mexer-se na escuridão, mesmo ao seu lado ou de um dos seus lados, mas não conseguia perceber o quê. Parecia que o que quer que fosse estava a manter o passo com ela.

— E é por isso que vais voltar ao mundo *dela*? — perguntou o gato. — Porque uma vez o teu pai te salvou das vespas?

— Não sejas parvo — respondeu Coraline. — Eu vou à procura deles porque são os meus pais. E se eles descobrissem que eu tinha desaparecido, fariam o mesmo por mim. Sabias que estás novamente a falar?

— Que afortunado que eu sou — comentou o gato. — Por ter uma companheira de viagem tão sábia e inteligente — o tom da sua voz permanecia sarcástico mas o seu pêlo estava eriçado e a cauda tipo escova estava empinada no ar.

Coraline ia dizer qualquer coisa como *desculpa, mas da outra vez o caminho não era mais curto?*, quando a vela subitamente se apagou como se tivesse sido apagada pela mão de alguém.

Ouviu-se um som de qualquer coisa a esgravatar e o de passinhos e Coraline sentiu o coração a bater com mais força contra o peito. Esticou uma das mãos... e sentiu uma coisa fina, como uma teia de aranha, a passar pelas suas mãos e pelo seu rosto.

Ao fundo do corredor acendeu-se uma luz, encandeando Coraline devido à escuridão. De pé e um pouco mais à frente de Coraline via-se a silhueta de uma mulher delineada pela luz.

— Coraline? Querida? — chamou ela.

Mãe! — gritou Coraline correndo na sua direcção desejosa e aliviada.

Querida — disse a mulher. — Por que é que fugiste assim de mim?

Coraline estava demasiado perto para conseguir parar e sentiu os braços frios da outra mãe a envolverem na. Permaneceu ali rígida e a tremer enquanto a outra mãe a abraçava.

Onde é que estão os meus pais? — perguntou Coraline.

Estamos aqui — respondeu a outra mãe num tom de voz tão semelhante ao da sua verdadeira mãe, que Coraline mal os conseguia distinguir. — Estamos aqui. Estamos prontos para te amar, brincar contigo, alimentar-te e tornar a tua vida interessante.

Coraline atastou-se e a outra mãe soltou a com relutância.

O outro pai que, entretanto, estava sentado numa cadeira no corredor, levantou-se e sorriu.

— Vamos até à cozinha — disse ele. — Vou fazer uma ceiazinha para nós. E tu, vais querer beber qualquer coisa, talvez um chocolate quente?

Coraline seguiu pelo corredor até chegar ao espelho que estava na outra ponta. Não havia mais nada reflectido naquele espelho, à excepção de uma jovem rapariga vestida de roupão e chinelos que estava com ar de quem tinha estado a chorar e cujos olhos eram verdadeiros e não botões pretos e que estava a segurar com força num castiçal com uma vela apagada.

Olhou para aquela rapariga reflectida no espelho e a rapariga do espelho olhou para ela.

Eu vou ser corajosa, pensou Coraline. *Não, eu sou corajosa.*

Ela pousou o castiçal no chão e depois voltou-se. A outra mãe e o outro pai estavam a olhar para ela com um ar faminto.

— Não preciso de ceia — respondeu ela. — Tenho uma maçã. Vêem? — e tirou uma maçã do bolso do roupão e a seguir trincou a com uma satisfação e uma vontade que na realidade não sentia.

O outro pai fez um ar desiludido. A outra mãe sorriu mostrando os dentes todos, em que cada um deles era ligeiramente maior que o outro. As luzes do corredor fizeram com que os seus olhos de botões pretos brilhassem e tremeluzissem.

— Não me assustam — disse Coraline, embora eles a assustassem e muito. — Quero que me devolvam os meus pais.

Parecia que o mundo tremeluzia levemente nos cantos.

— O que é que eu poderia ter feito com os teus antigos pais? Se eles te abandonaram, Coraline, deve ter sido porque se fartaram de ti ou se cansaram. Agora eu, eu nunca me irei cansar de ti e nunca te abandonarei. Aqui comigo, estarás sempre a salvo o cabelo da outra mãe, de aspecto molhado girava na sua cabeça, como se fossem os tentáculos de uma criatura em pleno oceano.

— Eles não estavam fartos de mim — respondeu Coraline. — Está a mentir. Roubou-os.

Não sejas tonta, Coraline. Eles estão bem, onde quer que estejam.

Coraline limitou-se a lançar um olhar à outra mãe.

— Vou provar-te — disse a outra mãe e limpou a superfície do espelho com os seus longos dedos brancos tornando o nublado, como se um dragão tivesse soprado para cima dele, e de seguida, tornou-se nítido.

No espelho, já era de dia. Coraline estava a olhar para o corredor que se estendia à sua frente, até à porta da rua. A porta abriu-se do lado de fora e a mãe de Coraline e o pai entraram. Vinham carregados com malas de viagem.

— Foram umas férias maravilhosas — disse o pai de Coraline.

— Que bom que é já não termos a Coraline connosco — respondeu a sua mãe com um sorriso de felicidade. — Agora já podemos fazer tudo o que quisermos, como viajar, mas que não podíamos fazer por termos uma filha pequena.

— E além disso — continuou o pai —, fico muito descansado por saber que a sua outra mãe tomará melhor conta dela do que nós.

O espelho voltou a ficar nublado e esbatido mostrando novamente a noite.

— Vês? — perguntou-lhe a outra mãe.

— Não — respondeu Coraline. — Não vejo nada. E também não acredito em nada.

Ela desejava que o que tinha acabado de ver não fosse verdade, mas não estava tão certa como isso. Havia nela uma pequena dúvida como uma lagarta numa maçã. Depois levantou os olhos e viu a expressão no rosto da sua outra mãe. Um rasgo de pura

raiva atravessou o rosto da outra mãe como um raio de sol e Coraline teve a certeza, no seu coração, que o que tinha visto no espelho, era apenas uma ilusão.

Coraline sentou-se no sofá e comeu uma maçã.

— Por favor — pediu a outra mãe. — Não te faças de difícil — avançou para dentro do quarto de arrumações e bateu palmas duas vezes. Ouvia-se um sussurro e apareceu um rato preto que ficou a olhar para ela.

— Traz-me a chave — disse ela.

O rato guinchou e depois correu pela porta aberta que dava para a casa de Coraline.

O rato voltou a arrastar a chave.

— Por que é que deste lado, não tem a sua própria chave? — perguntou Coraline.

— Porque só existe uma única chave. E uma única porta — respondeu o seu outro pai.

— Cala-te — disse-lhe a outra mãe. — Não deves incomodar a cabeça da nossa querida Coraline com trivialidades destas. — Colocou a chave na fechadura e rodou-a. A fechadura estava perra mas acabou por fechar.

E deitou a chave para dentro do bolso do seu avental.

Lá fora, o céu adquirira uma tonalidade acinzentada.

— Podemos não cear — disse a outra mãe —, mas precisamos do nosso sono reparador. Vou voltar para a cama, Coraline. E aconselho-te vivamente a fazeres o mesmo.

Pousou os seus dedos brancos e compridos nos ombros do outro pai e encaminhou-o para fora da sala.

Coraline aproximou-se da porta que ficava no outro canto do quarto de arrumações. Tentou abri-la mas estava trancada. A porta do quarto dos seus outros pais também estava trancada.

Ela sentia-se, de facto, cansada, mas não queria ter de dormir naquele quarto. Não queria dormir debaixo do mesmo tecto que a outra mãe.

A porta da rua não estava trancada. Coraline encaminhou-se para o alvorecer e desceu as escadas e sentou-se no último degrau. Estava frio.

Uma coisa peluda encostou-se a ela de forma suave e insinuante. Coraline deu um salto e depois respirou de alívio quando viu o que era.

— Ah, és tu — disse ela para o gato preto.

— Vês? — perguntou o gato. — Não foi assim tão difícil reconhecer-me, pois não? Mesmo sem nome.

— Bem e se eu te quiser chamar?

O gato franziu o focinho e tentou não parecer impressionado.

— Chamar gatos — confidenciou ele — tende a ser uma actividade sobrestimada. Mais vale chamar um furacão.

— E se fosse a hora do jantar — perguntou Coraline —, não irias querer que te chamassem?

— É claro — respondeu o gato. Mas bastava um simples «jantar!» que era o suficiente. Percebes? Não são precisos nomes.

— Por que é que ela me quer? — perguntou Coraline ao gato. — Por que é que ela quer que eu fique aqui com ela?

— Acho que ela quer algo para amar — respondeu o gato. — Algo que não seja ela mesma. E também pode ser que queira algo para comer. É difícil perceber com criaturas destas.

— Tens algum conselho para me dar? — perguntou Coraline.

O gato olhou como se fosse dizer algo de mais sarcástico. Depois penteou os bigodes e disse:

— Desafia-a. Não tens qualquer garantia de que ela vá fazer um jogo limpo, mas aquele tipo de coisa adora jogos e adora que a desafiem.

— Que tipo de coisa é aquela? — perguntou Coraline.

Mas o gato não respondeu, limitando-se a esticar-se com volúpia e a afastar-se. Depois parou, voltou-se e disse:

— Se eu fosse a ti, ia para dentro e tentava dormir. Tens um dia muito comprido à tua frente.

E foi-se embora. Mesmo assim, Coraline percebeu que ele tinha razão. Voltou para dentro da casa silenciosa, passou pelo quarto com a porta fechada onde o outro pai e a outra mãe... *quê?*, pensou. *Dormiam? Esperavam?* E de repente apercebeu-se de que se ela abrisse a porta, o quarto estaria vazio ou mais precisamente era um quarto vazio e iria permanecer vazio, até ao exacto momento em que ela abrisse a porta.

De alguma forma, aquilo tornou tudo mais fácil. Coraline entrou na paródia verde e rosa que era o seu quarto. Fechou a porta e colocou a caixa de brinquedos a travá-la. Não iria manter ninguém fora dali, mas o barulho que faria quando alguém tentasse entrar acordá-la-ia. Isso era o que ela esperava.

Os brinquedos que estavam dentro da caixa estavam praticamente todos a dormir e espreguiçaram-se e gemeram quando ela empurrou a caixa, mas depois voltaram a adormecer. Coraline confirmou debaixo da cama se não havia ratos, mas não havia ali nada. Despiu o roupão, tirou os chinelos, enfiou-se na cama e adormeceu sem sequer ter tempo para reflectir, como costumava fazer, naquilo que o gato tinha querido dizer com *um desafio*.

VI

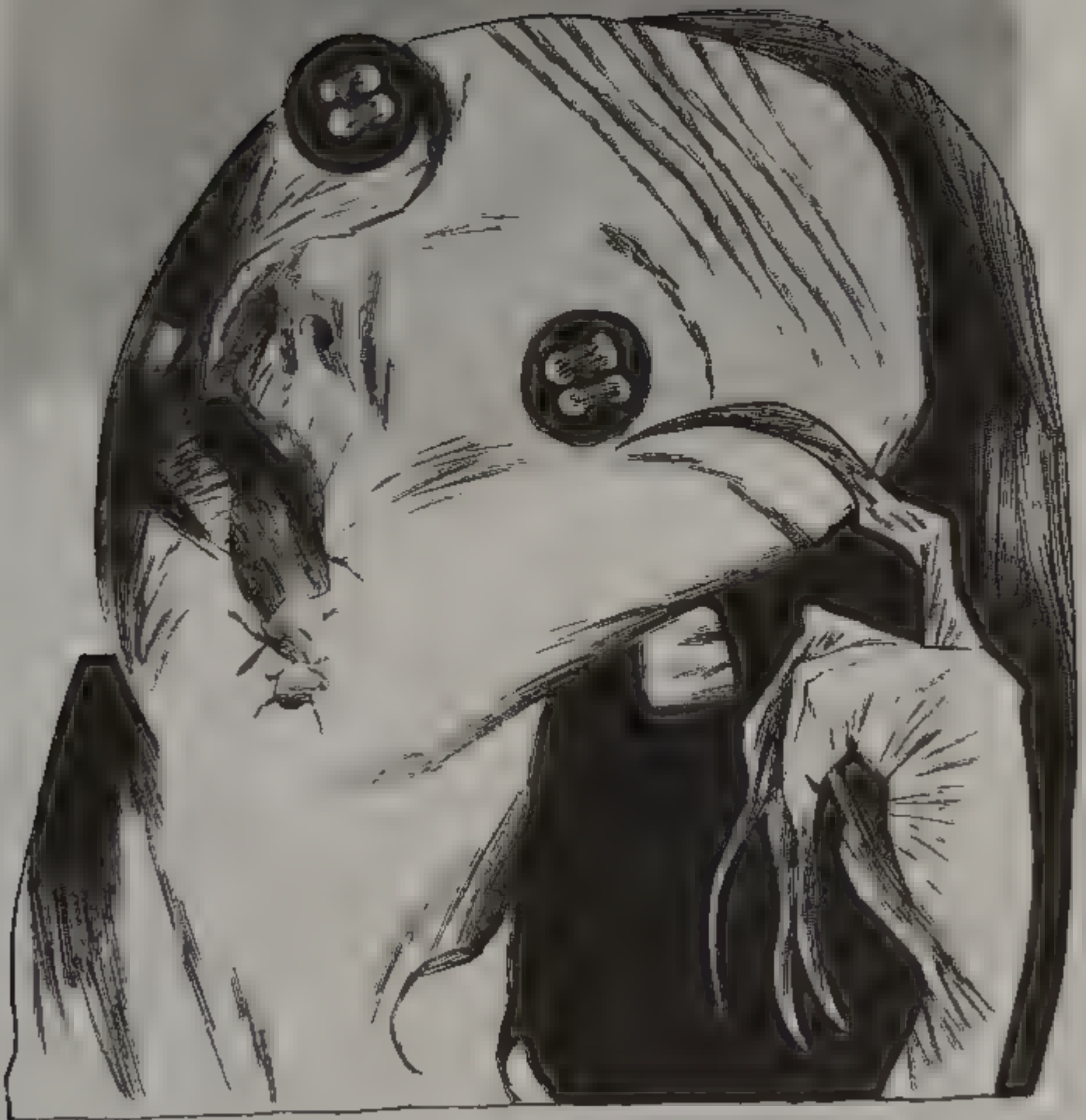
Coraline acordou com o sol matinal a incidir-lhe no rosto. Por momentos sentiu se completamente deslocada. Não sabia onde estava nem se sentia completamente *certa* de quem era. É empolgante como aquilo que somos pode estar ligado à cama na qual acordamos de manhã e é impressionante o delicado que isso pode ser.

Às vezes, enquanto sonhava acordada que estava a explorar o Ártico ou a floresta Tropical da Amazónia ou a Misteriosa África, Coraline esquecia se de quem era e só quando alguém lhe tocava no ombro ou pronunciava o seu nome, é que ela com o susto, regressava de milhares de quilómetros de distância e numa fracção de segundo lembrava se de quem era, qual o seu nome e o porquê de ali estar.

Agora, o sol batia-lhe no rosto e ela era a Coraline Jones. Sim. E além disso, os tons verdes e rosas do quarto e o ruído de uma enorme borboleta pintada no papel de parede, a bater as asas e a esvoaçar pelo tecto, disse-lhe onde é que ela tinha acordado.

Levantou-se da cama. Não podia continuar vestida de pijama, roupão e chinelos durante o dia, por isso decidiu usar as roupas da outra Coraline. (Haveria outra Coraline? Não, compreendeu, claro que não. Ela era a única.) No entanto, não havia roupas normais no guarda-roupa, mas sim roupas de cerimónia ou (pensou ela) o tipo de roupa que ela adoraria ter no seu guarda-roupa em casa. Havia uma fantasia esfarrapada de bruxa, outra de espantalho aos remendos, outra de guerreiro do futuro com luzinhas digitais que brilhavam e piscavam, e um vestido de noite justo ao corpo com penas e lantejoulas. E, por fim, encontrou numa gaveta, um par de calças de ganga pretas que pareciam feitas de veludo de seda e uma camisola cinzenta-escura fumada com pequenas estrelas esbatidas num tipo de tecido que brilhava.

Ela tirou as calças e a camisola. Depois calçou um par de botas cor de laranja vivo que encontrou no armário.



Tirou a última maçã da algibeira do roupão e depois tirou, do mesmo bolso, a pedra com o buraco no meio.

Enfiou a pedra dentro do bolso das calças e foi como se a sua cabeça se tivesse subitamente iluminado. Como se tivesse saído de uma espécie de nevoeiro.

Foi até à cozinha mas estava deserta.

Ainda assim, ela tinha a certeza de que havia alguém em casa. Percorreu o corredor até ao escritório do pai e descobriu que ele estava lá.

— Onde está a outra mãe? — perguntou ela ao outro pai. Ele estava no escritório, sentado a uma secretária que parecia a do seu pai, mas não estava a fazer nada, nem mesmo a ler catálogos de jardinagem como o seu próprio pai costumava fazer quando fingia que estava a trabalhar.

— Saiu — respondeu-lhe ele. — Foi arranjar as portas. Estamos com problemas de bicharada. — Ele parecia feliz por ter alguém com quem conversar.

— Quer dizer, os ratos?

— Não, os ratos são nossos amigos. Este é de outro género, é uma criatura grande e negra com a cauda empinada.

— Quer dizer, o gato?

— É isso mesmo — respondeu-lhe o outro pai.

Naquele dia, ele parecia-se menos com o verdadeiro pai de Coraline. Havia algo ligeiramente indefinido no seu rosto, como se fosse massa de pão que tinha começado a levedar, evidenciando os altos, as fendas e os buracos.

— Sinceramente, eu não devia falar contigo quando ela não está presente — disse ele. — Mas não te preocupes. Ela não se demora. Vou mostrar-te a nossa sincera hospitalidade, de maneira a que nem penses em ir-te embora — fechou a boca e dobrou as mãos no colo.

— E agora, o que é suposto eu fazer? — perguntou Coraline.

O outro pai levou um dedo aos lábios. *Silêncio.*

— Bom, se nem fala comigo — retorquiu Coraline —, vou fazer umas explorações.

— Não vale a pena — respondeu o outro pai. — Não existe mais nada a não ser isto. Foi tudo o que ela construiu. A casa, os jardins e as pessoas da casa. Fez tudo isto e depois ficou à espera — fez um ar embaraçado e levou novamente o dedo aos lábios, como se tivesse falado de mais.

Coraline saiu do escritório e entrou no quarto de arrumações, dirigindo-se à velha porta. Puxou a, abanou-a e deu-lhe um encontrão. Não valia a pena, estava bem trancada e a outra mãe tinha a chave.

Ela olhou à volta do quarto. Era tão familiar e era exactamente por isso que tudo aquilo se tornava tão verdadeiramente estranho. Estava tudo exactamente da mesma forma como ela se lembrava. A mobília da avó com aquele estranho odor, o quadro da fruteira (um cacho de uvas, duas ameixas, um pêssago e uma maçã) pendurado na parede, a mesa de madeira baixinha com os pés de leão e a lareira vazia que parecia que sugava o calor do quarto.

Mas havia algo mais, algo que ela não se lembrava de ter visto antes. Uma bola de cristal sobre a cornija da lareira.

Ela aproximou-se da lareira, pôs-se em bicos de pés e agarrou na bola de cristal. Era um globo de neve com duas pequenas pessoas lá dentro. Coraline abanou o e a neve começou a voar, era uma neve branca que brilhava ao rodopiar na água.

A seguir, voltou a pôr o globo no mesmo sítio e continuou a procurar os seus verdadeiros pais e uma saída dali para fora.

Saiu para a rua, passou pela porta com luzes intermitentes, atrás da qual a Miss Spink e a Miss Forcible faziam o seu eterno espectáculo e seguiu em direcção à floresta.

De onde Coraline vinha, uma vez passado o canteiro de árvores, via-se apenas o prado e o velho campo de ténis. Neste lugar, a floresta era mais extensa, as árvores iam-se tornando mais imperfeitas e quanto mais afastadas menos aspecto de árvores tinham.

Mas logo, não passavam da ideia de árvores. A parte de baixo era um tronco cinzento acastanhado e a parte de cima, uma mancha verde de algo que em tempos deveriam ter sido folhas.

Coraline pensou se a outra mãe não gostaria de árvores ou se simplesmente não se tinha preocupado muito com esta zona, por não esperar que alguém se aventurasse a ir até tão longe.

Ela continuou a caminhar.

E, de repente, começou a neblina.

Não era húmida como se fosse nevoeiro ou neblina normal. Não era nem fria, nem quente. Parecia a Coraline que estava a caminhar em direcção a nada.

Eu sou uma exploradora, pensou Coraline para consigo. *E preciso de descobrir todas as saídas possíveis para sair daqui. Por isso vou continuar a caminhar.*

O mundo no qual ela estava a entrar, era uma coisa pálida, como uma folha de papel em branco ou um enorme quarto branco. Não tinha temperatura, cheiro, textura ou sabor.

Não é certamente neblina, pensou Coraline, embora não soubesse o que era. Por momentos pensou se teria ficado cega. Mas não, ela conseguia ver se a si própria em pleno dia. Mas não havia chão por baixo dos seus pés, apenas uma brancura misteriosa e leitosa.

— E o que é que pensas que estás a fazer? — indagou uma sombra ao seu lado.

Levou alguns momentos até que os seus olhos conseguissem focar convenientemente. Primeiro, pensou que talvez fosse um leão a alguma distância dela, depois pensou que talvez fosse um rato mais perto dela. E, por fim, percebeu o que era.

— Estou a fazer explorações — respondeu ao gato

O pêlo dele eriçou-se e os seus olhos aumentaram enquanto a sua cauda se enfiou no meio das pernas. Não parecia um gato feliz.

— É um mau lugar — respondeu o gato. — Se é que lhe podes chamar de lugar, o que eu não chamaria. O que é que estás aqui a fazer?

— Estou a explorar.

— Não há aqui nada para se explorar — respondeu o gato. — Isto é apenas o exterior, a parte de fora que *ela* nem se deu ao trabalho de criar.

— Ela?

— Aquela que se diz ser a tua outra mãe — respondeu o gato.

— O que é que ela é? — perguntou Coraline.

O gato não respondeu, limitou-se a caminhar ao lado da Coraline pela pálida neblina.

À frente deles começou a vislumbrar-se uma sombra escura, alta e imponente.

— Estavas errado! — disse ela ao gato. — Há ali qualquer coisa!

E, de repente, no meio da neblina, tomou forma. Era uma casa escura que assomava vinda da brancura disforme.

— Mas é... — começou Coraline.

— A casa de onde acabaste de sair — concordou o gato — Precisamente.,

— Se calhar dei a volta no meio da neblina — disse Coraline.

O gato enrolou a ponta da sua cauda no ar em forma de ponto de interrogação e inclinou a cabeça para o lado.

— Talvez *tu* o tenhas feito — disse o gato. — *Ela* é que certamente que não. De facto erraste.

— Mas como é que nos podemos afastar de uma coisa e acabar por ir dar ao mesmo sítio?

— É simples — respondeu o gato. — Pensa numa pessoa a vaguear pelo mundo. Começa por se afastar de uma coisa e acaba por voltar ao mesmo sítio.

— O mundo é mesmo pequeno — respondeu Coraline.

— É suficientemente grande para ela — respondeu o gato.

— As teias de aranha precisam apenas de ter o tamanho suficiente para apanhar as moscas.

Coraline estremeceu.

— Ele disse que ela está a arranjar todos os portões e portas — disse ela ao gato — para te manter afastado.

— Ela pode *tentar* — disse o gato pouco impressionado.

— Ah, sim. Ela pode tentar. — Estavam, entretanto, ao lado da casa, por baixo de um conjunto de árvores. Aquelas árvores já tinham ar de árvores. — Existem maneiras de entrar e de sair de lugares como este, que nem *ela* sabe.

— Foi então ela que fez este lugar? — perguntou Coraline.

— Fê-lo, descobriu-o, qual é a diferença? — perguntou o gato. — De qualquer forma, já o tens há muito tempo. Espera um momento... — estremeceu, deu um salto e antes que Coraline pestanejasse, já o gato estava sentado com a pata em cima de um grande rato preto. — Não é que eu não goste de ratos — continuou o gato a conversar como se nada tivesse acontecido —, mas neste lugar, os ratos são todos espões dela. Ela usa-os como se fossem as suas mãos e olhos... — E dito isto deixou o rato fugir.

O rato deu mais uns passos e depois o gato saltou para cima dele, batendo-lhe com força com uma pata aguçada, enquanto que com a outra pata mantinha o rato imóvel.

— Adoro esta parte — disse alegremente o gato. — Queres que eu repita?

— Não — respondeu Coraline. — Por que é que o fazes? Estás a torturá-lo.

— Mmm — respondeu o gato. E deixou o rato fugir.

O rato deu uns passos aos tropeções meio atordoado e depois começou a fugir. Com um golpe de pata, o gato atirou o rato ao ar e apanhou-o com a boca.

— Pára com isso! — gritou Coraline.

O gato deixou cair o rato entre as suas patas dianteiras.

— Há quem — comentou o gato suspirando num tom suave como seda escorregadia — tenha sugerido que a tendência que um gato tem de brincar com a sua presa é misericordiosa; afinal de contas, permite à ocasional pequena e engraçada merenda escapar, de vez em quando. Já alguma vez tiveste a oportunidade de correr atrás do teu jantar?

E a seguir, agarrou no rato com a boca e levou-o para a floresta para trás de uma árvore.

Coraline voltou para dentro de casa.

Estava tudo calmo, vazio e deserto. Até os seus passos na alcatifa pareciam sonoros. Partículas de pó estavam suspensas num raio de luz solar.

Ao fundo do corredor estava o espelho. Ela conseguia ver se a si própria a caminhar na sua direcção, a olhar para o seu reflexo, um pouco mais corajosa do que na realidade se sentia. Não havia mais nada reflectido. Apenas ela no corredor.

Sentiu uma mão tocar-lhe no ombro e olhou para cima. A outra mãe observava-a com os grandes olhos de botões pretos.

— Coraline, querida — disse ela. — Já que chegaste do teu passeio pensei, agora de manhã, que poderíamos jogar juntas a alguns jogos. Que tal o jogo da macaca? Ou às Famílias Felizes? Ou ao Monopólio?

— Não apareceu no espelho — disse Coraline.

A outra mãe sorriu.

— Espelhos — retorquiu ela. — Não são nada fiáveis. E agora, a que jogo vamos jogar?

Coraline abanou a cabeça.

— Eu não quero brincar consigo — respondeu ela. — Quero ir para casa e ficar com os meus verdadeiros pais. Quero que os liberte. Que nos deixe a todos ir embora.

A outra mãe abanou a cabeça vagarosamente.

— Mais afiada que o dente de uma cobra — disse ela —, é a ingratidão de uma filha. Ainda assim, o espírito mais orgulhoso pode ser dobrado com amor — e os seus longos dedos brancos serpentearam e acariciaram o ar.

— Não tenho intenções de a amar — respondeu Coraline.

— Aconteça o que acontecer. Não me pode obrigar a amá-la.

— Vamos conversar sobre isso — disse a outra mãe voltando-se e dirigindo-se para a sala de estar. Coraline seguiu-a.

A outra mãe sentou-se no sofá. Agarrou num saco de compras que estava ao lado do sofá e tirou de lá de dentro uma saco de papel branco e farfalhante.

Estendeu a mão que segurava o saco a Coraline.

És servida? — perguntou de forma educada.

Coraline olhou para dentro do saco esperando encontrar rebuçados ou caramelos. Mas, em vez disso, o saco estava meio cheio de enormes e brilhantes escaravelhos a treparem por cima uns dos outros, tentando desesperadamente sair de dentro do saco.

— Não — respondeu Coraline. — Não quero.

— Como queiras — disse a outra mãe. Ela escolheu um escaravelho particularmente grande, arrancou-lhe as patas (que deitou num cinzeiro de vidro que estava em cima da mesa pequena ao lado do sofá) e enfiou o escaravelho na boca. E trincou-o alegremente.

— Nham — disse ela, agarrando noutro.

— É louca — respondeu Coraline. — Louca, má e estranha.

— Isso são maneiras de falar com a tua mãe? — perguntou-lhe a sua outra mãe com a boca cheia de escaravelhos.

— A senhora não é minha mãe — respondeu Coraline.

A outra mãe ignorou o comentário dela.

— Bem, acho que estás um pouco excitada de mais, Coraline. Esta tarde, talvez pudéssemos fazer uns bordados ou umas pinturas de água. A seguir, jantávamos e se te portasses bem, podias brincar com os ratos antes de te deitares. E eu, depois, podia ler-te uma história, aconchegar-te na cama e dar-te um beijo de boas-noites — os seus longos dedos brancos esvoaçaram gentilmente como se fossem uma borboleta cansada e Coraline estremeceu.

— Não — respondeu Coraline.

A outra mãe sentou-se no sofá. Tinha a boca cerrada numa linha e os lábios franzidos. Tirou outro escaravelho e enfiou-o

na boca e a seguir mais outro como se fosse uma pessoa normal com um saco de chocolates cobertos de passas. Os seus grandes olhos de botão pretos observaram os olhos cor de avelã de Coraline. O seu brilhante cabelo preto enrolava-se e torcia-se pelo pescoço e pelos ombros como se tivesse sido soprado por um vento que Coraline não podia tocar ou sentir.

Ficaram a olhar uma para a outra durante mais de um minuto. Depois a outra mãe disse:

Boas maneiras! — dobrou cuidadosamente o saco de papel para que os escaravelhos não pudessem fugir e voltou a enfiá-lo dentro do saco das compras. A seguir levantou-se mais e mais e mais, parecia mais alta do que Coraline se lembrava. Enfiou a mão no bolso do avental e tirou primeiro a chave preta da porta, para a qual olhou de sobrolho carregado e atirou-a para dentro do saco das compras. Depois, tirou uma pequena chave prateada, elevando-a de forma triunfante.

— Ei lá — disse ela. Isto é para ti, Coraline. É para o teu próprio bem. Porque eu amo-te. É para te ensinar boas maneiras. Afinal de contas, são as boas maneiras que fazem o homem.

Empurrou Coraline para o corredor e avançou até ao espelho que estava ao fundo do corredor. Depois empurrou a chave contra o tecido do espelho e *rodou-a*.

Abriu-se como se fosse uma porta, mostrando um espaço escuro por trás.

Quando tiveres aprendido a ter maneiras, já podes sair — disse a outra mãe. — E quando estiveres apta a ser uma filha dedicada.

Agarrou na Coraline e empurrou a para o espaço escuro por detrás do espelho. Um pedaço de escaravelho estava preso ao seu lábio inferior e não havia qualquer expressão nos seus olhos de botões pretos.

Depois fechou a porta do espelho deixando Coraline no meio da escuridão.

VII

Alguns dentro de si Coraline começou a sentir um enorme alívio a formar-se. Mas conseguiu evitar que ele saísse. Respirou bem fundo e deixou-o passar. Esticou as mãos para apalpar o espaço no qual estava presa. Era do tamanho de uma despensa, suficientemente alto para se conseguir ficar de pé ou sentada mas não tinha largura suficiente para se deitar.

Uma das paredes era de vidro e fria ao toque.

Ela deu mais outra volta ao cubículo, tacteando com as mãos cada superfície em que conseguia tocar, à procura de maçanetas ou de botões ou de fechos escondidos, ou de alguma forma de saída, mas não encontrou nada.

Uma aranha começou a passarinhatar-se pelas costas da sua mão e ela abafou um grito. Mas para além da aranha, não havia mais ninguém naquele cubículo escuro como breu.

E de súbito, a sua mão tocou em algo que parecia ser nada mais nada menos, do que o rosto e os lábios de uma pessoa, pequena e fria e uma voz sussurrou-lhe ao ouvido:

— Chiu! E nem um pio! Não diga nada, porque a bruxa pode estar a ouvir!

Coraline nem abriu a boca.

Sentiu uma mão fria a tocar-lhe no rosto e uns dedos a percorrerem no como se fossem o suave bater das asas de uma traça.

Outra voz, hesitante e muito fraca, que levou Coraline a pensar se estaria a imaginá-la, disse:

— Estais... ou não estais viva?

— Estou — sussurrou Coraline.

— Pobre criança — disse a primeira voz.

— Quem são vocês? — sussurrou Coraline.

— Nomes, nomes e mais nomes — disse outra voz, muito distante e perdida. — Os nomes são a primeira coisa a desaparecer logo após a respiração e o bater do coração. Mantemos as nossas memórias durante mais tempo do que os nossos nomes. Eu ainda me lembro, numa manhã de Maio, da minha preceptora com o Sol da manhã por trás dela e as tulipas a baloi-

çarem ao vento a trazer-me o meu arco e pau. Mas esqueci o nome da minha preceptora e das túlipas também.

— Não me parece que as túlipas tenham nomes — disse Coraline. — São apenas túlipas.

— Talvez — disse tristemente a voz. — Mas sempre achei que aquelas túlipas tivessem nomes. Eram vermelhas, laranja e vermelhas, e vermelhas, laranja e amarelas, da cor do carvão incandescente na lareira do quarto das crianças, numa noite de Inverno. Lembro-me delas.

A voz era tão triste que Coraline estendeu a mão para o sítio de onde ela vinha e ao sentir uma mão fria, apertou-a com força.

Os seus olhos estavam a começar a habituar-se à escuridão. E Coraline já conseguia distinguir ou imaginar que via, três silhuetas, tão pálidas e desvanecidas como a lua em pleno dia de sol. Eram as silhuetas de crianças da sua idade. Aquela mão fria apertou igualmente a sua mão.

— Obrigado — respondeu a voz.

— És uma rapariga? — perguntou Coraline. — Ou um rapaz? Seguiu-se uma pausa.

— Quando eu era pequeno usava saias e o meu cabelo era comprido e encaracolado — respondeu a voz de forma duvidosa.

— Mas agora que perguntas, parece-me que um dia tiraram-me as saias, puseram-me calças e cortaram-me o cabelo.

— Não é coisa que nos importe — respondeu a primeira das vozes.

— Então, talvez tivesse sido um rapaz — continuou aquele cuja mão ela segurava. — Acredito que em tempos fui um rapaz e aquele cubículo por trás do espelho tornou-se um pouco mais claro.

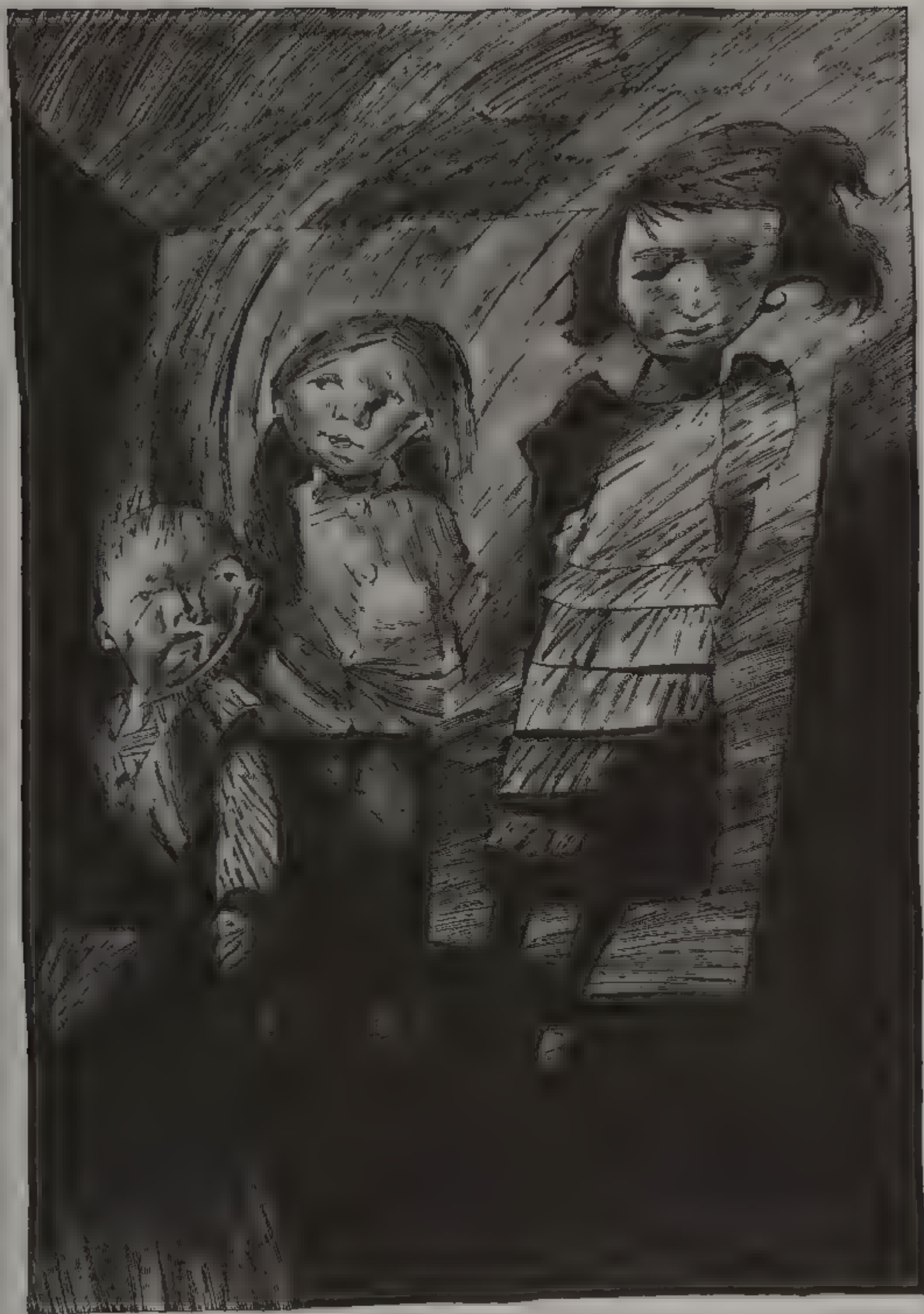
— O que é que vos aconteceu a todos? — perguntou Coraline. — Como é que vieram aqui parar?

— Ela deixou-nos aqui — disse uma das vozes. — Roubou-nos o coração, tirou-nos as nossas vidas e deixou-nos aqui esquecidos na escuridão.

— Pobrezinhos — disse Coraline. — Há quanto tempo é que aqui estão?

— Há já tanto tempo — respondeu uma das vozes.

— Pois é. Há tanto tempo que já nem sabemos quanto — disse outra voz.



Eu entrei pela porta da copa — disse a voz que julgava ser um rapaz. — E dei por mim novamente na sala de estar. Mas *ela* estava à minha espera. Disse-me que era a minha outra mãe mas nunca mais voltei a ver a minha verdadeira mãe.

— Foge! — exclamou a primeira das vozes pertencente a outra rapariga com quem Coraline tinha simpatizado. — Foge, enquanto ainda tens ar nos pulmões, sangue nas veias e calor no coração. Foge, enquanto ainda tens a tua mente e a tua alma.

Não vou fugir — disse Coraline. — Ela tem os meus pais. Eu vim resgatá-los.

— Ah, mas ela vai manter-te aqui enquanto os dias se transformam em pó, as folhas caem e os anos passam, um a seguir ao outro, como o tiquetaque de um relógio.

— Não — retorquiu Coraline. — Ela não vai.

Seguiu-se um silêncio no cubículo por detrás do espelho.

— Quiçá — disse uma das vozes na escuridão. — Se conseguires resgatar os teus pais da bruxa, também conseguires libertar as nossas almas.

— Ela levou-as? — perguntou Coraline chocada.

— Pois sim. E escondeu-as.

— Foi por isso que depois de morrermos, não pudemos sair daqui. Ela manteve-nos aqui e alimentou-se de nós até não restar mais nada, a não ser pele de cobra e carapaça de aranhas. Encontra os nossos corações escondidos, jovem senhora.

E o que é que vos vai acontecer se eu os encontrar? — perguntou Coraline.

As vozes não responderam.

E o que é que ela me vai fazer a mim? — perguntou ela.

As pálidas silhuetas pulsavam fracamente. Ela conseguia vê-las como nada mais que uma imagem residual, como o brilho que fica nos olhos quando uma luz nos encandeia.

— Não provoca dor — sussurrou uma das fracas vozes.

- Ela vai tirar-te a vida, tudo o que és, e tudo aquilo de que gostas e vai deixar-te apenas com neblina e nevoeiro. Vai tirar-te a alegria. E um dia acordarás e o teu coração e a tua alma terão desaparecido. Serás apenas uma casca, uma insignificância e nada mais do que um sonho por acordar ou a memória de algo esquecido.

- Vazia — sussurrou a terceira voz. Vazia, vazia, vazia, vazia, vazia, vazia.

— Tens de fugir — suspirou uma voz débil.

Não me parece — disse Coraline. — Tentei fugir, mas não resultou. Ela raptou os meus pais. Será que me podem dizer como é que eu posso sair deste quarto?

— Se soubéssemos, dir-te-íamos.

Pobrezinhos — comentou Coraline para consigo.

Sentou-se no chão, tirou a camisola, enrolou-a e pô-la por trás da cabeça a servir de almofada.

Ela não me vai manter na escuridão para sempre — disse Coraline. — Ela trouxe-me aqui para jogar *Jogos e desafios*, foi o que o gato disse. E aqui no meio da escuridão, sou lá grande desafiadora — tentou pôr-se de forma confortável, dobrando-se e virando-se para conseguir caber naquele curto espaço, por detrás do espelho.

O seu estômago começou a dar horas. Comeu a última maçã com dentadas muito pequenas para a fazer durar mais tempo. Quando a terminou ainda sentia fome.

De repente teve uma ideia e sussurrou:

— Quando ela me vier soltar, por que é que não vêm os três comigo?

Gostaríamos de o poder fazer — suspiraram os três nas suas já muito fracas vozes —, mas ela tem os nossos corações guardados. Agora, pertencemos à escuridão e aos lugares vazios. A luz iria ressequir-nos e queimar-nos.

— Ah! — disse Coraline.

Fechou os olhos tornando a escuridão ainda mais escura e deitou a cabeça na camisola enrolada e adormeceu. E à medida que adormecia julgou sentir um fantasma a beijar-lhe ternamente o rosto, e uma vozinha a sussurrar-lhe ao ouvido. Uma voz tão fraca que mal se ouvia, um suave sussurro, uma voz tão débil que Coraline quase podia acreditar que a tinha imaginado.

— Olha através da pedra — disse-lhe a voz.

E depois adormeceu.

VIII

A outra mãe parecia mais saudável do que nunca, tinha as faces ligeiramente rosadas e o cabelo ziguezagueava como cobras preguiçosas num dia de Verão. Os seus olhos de botões pretos pareciam ter sido polidos.

Ela passou pelo espelho como se tivesse atravessado simplesmente água e pôs-se a olhar para Coraline. A seguir, abriu a porta com a pequena chave prateada. Pegou na Coraline, tal como a verdadeira mãe de Coraline lhe tinha pegado quando ela era mais nova, embalando a criança meia adormecida como se ela fosse um bebé.

A outra mãe levou Coraline até à cozinha e pô-la com muito cuidado em cima da bancada.

Coraline lutou para conseguir acordar consciente apenas do momento de ter sido embalada e amada, e desejando ter um pouco mais. Mas logo se apercebeu de onde e com quem estava.

— Pronto, minha querida Coraline — disse a outra mãe. — Fui buscar-te ao cubículo. Precisavas de aprender uma lição, mas aqui temperamos a nossa justiça com misericórdia, amamos o pecador e odiamos o pecado. Agora, se queres ser uma menina bonita que ama a sua mãe, sê condescendente e justa e assim poderemos entender-nos perfeitamente e amar-nos da mesma forma.

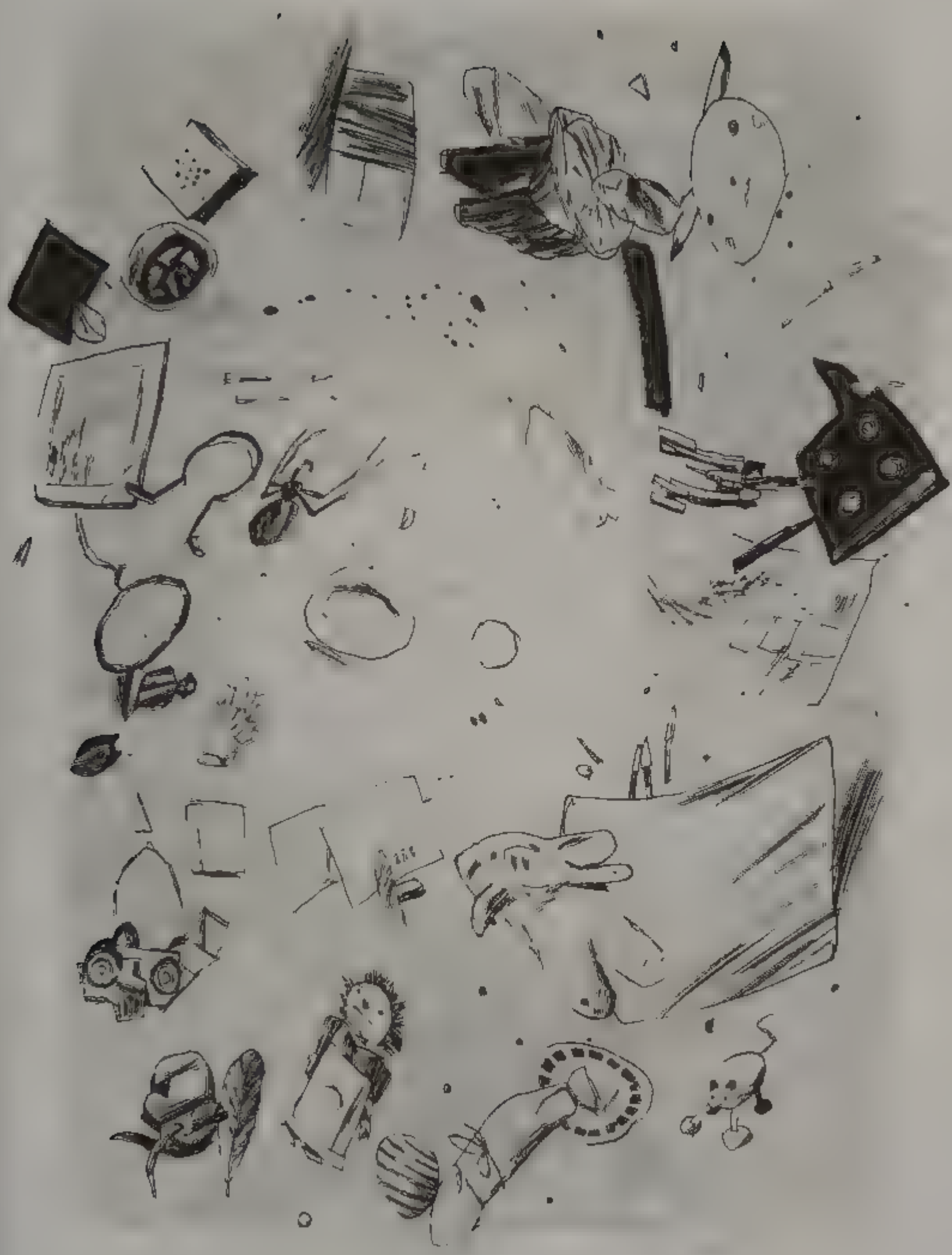
Coraline limpou as ramelas dos olhos.

— Havia outras crianças ali dentro — disse ela. — Antigas, de há muito tempo.

— Ali, onde? — perguntou a outra mãe atarefada entre as panelas e o frigorífico, a tirar ovos, queijo, manteiga e um bocado de *bacon* às fatias.

Sim — respondeu Coraline. — Estavam sim. Acho que a senhora está a planear tornar-me uma delas. Numa concha morta.

A outra mãe sorriu gentilmente. Com uma das mãos partiu os ovos para dentro de uma taça e com a outra bateu-os rapidamente. Depois, deitou uma noz de manteiga na frigideira que



fez barulho ao derreter e mexeu a, enquanto cortava fatias de queijo. Juntou a manteiga derretida e o queijo aos ovos batidos e voltou a mexer.

— Acho que estás a ser tonta, querida — disse a outra mãe.
— Eu amo-te. E sempre te amarei. Ninguém minimamente inteligente acredita em fantasmas, talvez por serem tão mentirosos. Sente o cheiro do maravilhoso pequeno almoço que te estou a preparar — e deitou a mistura amarela dentro da frigideira.
— Omelete de queijo. A tua preferida.

Coraline sentiu crescer água na boca.

— Gosta de jogos — disse ela — Foi o que me contaram.
Os olhos da outra mãe brilharam.

— Toda a gente gosta de jogos — disse ela.

— Sim — respondeu Coraline, e saltou da bancada e sentou-se à mesa.

O *bacon* crepitava e fritava na frigideira deitando um aroma maravilhoso.

— Não ficaria mais feliz se me ganhasse de forma honesta e séria? — perguntou Coraline.

— Possivelmente — disse a outra mãe mostrando um certo ar despreocupado mas os seus dedos estremeciam e tamborilavam, e ela molhava os lábios com a língua vermelha — Estás a propor exactamente o quê?

— A mim — respondeu Coraline e apertou os joelhos por baixo da mesa para que parassem de tremer. — Se eu perder, ficarei aqui consigo para sempre e deixarei que me ame. Serei a filha mais obediente. Comerei a sua comida e jogarei às Famílias Felizes. E deixarei que cosa os botões aos meus olhos.

A outra mãe ficou a olhar para ela sem pestanejar com aqueles olhos de botões pretos.

— Parece-me lindamente — respondeu ela. — E se não perderes?

— Se eu não perder, deixa-me ir embora. Deixa toda a gente ir embora, os meus verdadeiros pais, as crianças mortas, todos aqueles que prendeu aqui.

A outra mãe tirou o *bacon* da frigideira e pô-lo num prato. Depois, fez deslizar a omelete da frigideira para o prato, sacudindo-a à medida que a deslizava e fazendo com que ela se enrolasse numa omelete perfeita.

Colocou o prato com o pequeno-almoço à frente da Coraline, juntamente com um copo de sumo de laranja acabado de espremer e uma chávena de chocolate quente espumoso.

— Sim — respondeu ela. — Acho que vou gostar desse jogo. Mas que tipo de jogo seria? De adivinhas? Um teste de inteligência ou de perícia?

— Um jogo de explorações — sugeriu Coraline. — Um jogo de encontrar coisas.

— E o que é que achas que vais conseguir encontrar nesse jogo das escondidas, Coraline Jones?

Coraline hesitou. Depois respondeu:

— Os meus pais — disse ela. — E as almas das crianças que estão por detrás do espelho.

A outra mãe sorriu com um ar triunfante e Coraline pensou se teria feito a escolha certa. Mesmo assim, já era tarde de mais para mudar de ideias.

— Combinado — respondeu a outra mãe. — Agora, minha querida, toma o teu pequeno-almoço. Não te preocupes que não te vai fazer mal.

Coraline olhou para o pequeno-almoço, odiando-se a si mesma por ter cedido tão facilmente, mas sentia-se fanunta.

— Como é que eu sei que vai manter a sua palavra? — perguntou Coraline.

— Eu juro — respondeu a outra mãe. — Juro pela campa da minha mãe.

— E ela tem campa? — perguntou Coraline.

— Claro — disse a outra mãe. — Eu própria a enfiar lá dentro. E quando descobri que ela estava a tentar arrastar-se dali para fora, voltei a enfiá-la lá dentro.

— Jure sobre outra coisa qualquer para que eu possa confiar na sua palavra.

— Pela minha mão direita — disse a outra mãe levantando a mão. Serpenteou os longos dedos vagarosamente mostrando as unhas tipo garras. — Juro por ela.

Coraline encolheu os ombros.

— Está bem — disse ela —, negócio fechado. — Tomou o pequeno-almoço tentando não o devorar. Afinal, estava mais esfomeada do que pensava.

Enquanto ela comia, a outra mãe observava-a. Era difícil conseguir decifrar as expressões daqueles olhos de botoes pretos, mas Coraline achou que também ela estava com um ar faminto.

Bebeu o sumo de laranja mas, apesar de lhe estar a apetecer, não provou o chocolate quente.

— Por onde é que devo começar a procurar? — perguntou Coraline.

— Por onde quiseses — respondeu a outra mãe como se não lhe interessasse.

Coraline olhou para ela e pensou muito bem. Não valia a pena explorar o jardim e os campos, pois não existiam, nem eram reais. No mundo da outra mãe, não havia um campo de ténis abandonado, nem um poço sem fundo. A casa era a única coisa real.

Deu uma volta à cozinha. Abriu o forno, espreitou no congelador e deu uma olhadela à gaveta dos legumes do frigorífico. A outra mãe seguiu-a por todo o lado com um sorriso malicioso sempre presente nos lábios.

— Já agora, qual é o tamanho das almas? — perguntou Coraline.

A outra mãe sentou-se à mesa da cozinha, encostou-se à parede e não respondeu. Palitou os dentes com uma das suas compridas unhas pintadas de vermelho e depois bateu suavemente com a unha contra a superfície preta envernizada dos seus olhos de botões pretos.

— Tudo bem — respondeu Coraline. — Não responda. Não quero saber. Não interessa se me ajuda ou não. Toda a gente sabe que as almas têm o tamanho de uma bola de praia.

Ela estava à espera que a outra mãe lhe respondesse qualquer coisa do género: «Que disparate, têm o tamanho de uma cebola, ou de uma mala, ou de um relógio antigo» Mas a outra mãe limitou-se a sorrir e a bater com a unha contra o olho de forma tão compassada e rígida, como o som das gotas de água a caírem da torneira para o lava-loiças. E, de repente, Coraline apercebeu-se de que *era* simplesmente o som da água e que estava sozinha na cozinha.

Coraline estremeceu. Ela preferia saber onde estava a outra mãe, porque se ela não estava em lado nenhum, é porque poderia estar em qualquer lado. E além disso é sempre mais fácil sen-

tir receio daquilo que não se vê. Entiou as mãos nos bolsos e enrolou os dedos à volta da tranquilizadora pedra com o buraco no meio. Tirou-a do bolso e enquanto percorria o corredor, empunhou-a à sua frente como se fosse uma arma.

Não se ouvia mais som nenhum, à excepção da água a cair no lava-loiças de metal.

Deu uma olhadela ao espelho que estava ao fundo do corredor. Por momentos este embaciou-se e pareceu-lhe ver rostos indistintos e sem forma que percorriam o vidro, e de repente, os rostos desapareceram e apenas se via uma rapariga baixa de mais para a idade que tinha, a segurar em algo que brilhava suavemente como uma esmeralda.

Coraline olhou surpreendida para a mão, era apenas uma pedra com um buraco no meio, um insignificante seixo castanho. Depois voltou a olhar para o espelho onde a pedra tinha brilhado como uma esmeralda. No espelho via-se um raio de fogo verde que saía da pedra e incidia directamente no quarto de Coraline.

— Mmm — murmurou Coraline.

Entrou no quarto. Os brinquedos agitaram-se excitados quando ela entrou, como se estivessem contentes por a verem e até um pequeno tanque saiu da caixa de brinquedos para a cumprimentar, com as lagartas a atropelarem os outros brinquedos. Mas caiu da caixa para o chão e ficou estendido no tapete como um escaravelho de patas para o ar, com as lagartas a chiarem e a girarem até que, por fim, Coraline lhe pegou e o voltou ao contrário. Envergonhado, o tanque escondeu-se debaixo da cama.

Coraline olhou em redor do quarto.

Procurou dentro dos armários e das gavetas. Depois, agarrou numa das pegas da caixa de brinquedos e despejou-a no tapete. Os brinquedos resmungaram, esticaram-se e desembaraçaram-se de qualquer maneira uns dos outros. Um berlinde cinzento rolou pelo chão e bateu contra a parede. Nenhum dos brinquedos tinha ar de alma, pensava ela. Apanhou uma pulseira prateada do chão e observou-a. Tinha pendurados amuletos de animais que se perseguiam uns aos outros à volta da pulseira. A raposa nunca conseguia apanhar o coelho e o urso nunca ganhava à raposa.

Coraline abriu a mão e olhou para a pedra com o buraco no meio, na esperança de encontrar alguma pista, mas não encontrou nada. A maioria dos brinquedos que estava na caixa tinha-se ido

esconder debaixo da cama e os poucos que tinham sobrado (um soldado verde de plástico, o berlinde cinzento, um ioiô rosa vivo e mais alguns outros) eram aquele tipo de coisas que no mundo real se encontram no fundo das caixas de brinquedos. Objectos esquecidos, abandonados e de que não se gosta.

Estava prestes a ir se embora e a procurar noutro lugar, quando se lembrou daquela voz na escuridão, um suave sussurro e o que lhe tinha dito para fazer. Levantou a pedra com o buraco no meio e pô-la em frente do seu olho direito. Fechou o olho esquerdo e olhou pelo buraco da pedra à volta do quarto.

Visto através da pedra, o mundo era cinzento e sem cor como se tivesse sido desenhado a lápis. Tudo ali era cinzento, não, nem tudo. Algo brilhava no chão, algo da cor das cinzas incandescentes da lareira de um quarto de crianças. Da cor de uma tília vermelha alaranjada oscilando sob o sol de Maio. Coraline esticou a mão esquerda com medo de que, se desviasse o olho da pedra, aquilo desaparecesse e encaminhou-se na sua direcção.

Os seus dedos fecharam-se sobre algo macio e frio. Agarrou nele e depois desviou do olho a pedra com o buraco, e olhou para baixo. O berlinde cinzento que estava no fundo da caixa de brinquedos permanecia imóvel na palma da sua mão rosada. Voltou a aproximar a pedra do olho e olhou através dela para o berlinde. Mais uma vez, o berlinde voltou a brilhar, incandescente com um fogo vermelho.

Uma voz sussurrou na sua mente.

— De facto, minha senhora, agora lembro-me que, de facto, eu *era* um rapaz, agora que penso nisso. Ah, mas tem de se despachar. Ainda lhe falta encontrar dois de nós e a bruxa já está furiosa consigo por me ter descoberto.

Já que vou fazer isto, pensou Coraline, *não o vou fazer com as roupas dela vestidas*. Mudou rapidamente para o seu pijama, roupão e chinelos, deixando a camisola cinzenta e as calças de ganga pretas cuidadosamente dobradas em cima da cama e as botas cor de laranja no chão, ao pé da caixa de brinquedos.

Enfiou o berlinde no bolso do roupão e dirigiu-se para o corredor.

Algo lhe picou o rosto e as mãos como a areia da praia que levanta num dia ventoso. Ela cobriu os olhos e continuou a avançar.

As picadas da areia tornaram-se mais fortes e era cada vez mais difícil conseguir caminhar contra o vento como se estivesse em plena tempestade. Era um vento malévolo e frio.

Deu um passo atrás de volta ao sítio de onde tinha vindo.

— Por favor, continue — sussurrou uma voz no seu ouvido. — Porque a bruxa está zangada.

Ela caminhou pelo corredor contra outra rajada de vento, que picava o seu rosto com areia invisível, afiada como agulhas ou como vidro.

Jogue honestamente — gritou Coraline para o vento.

Não obteve resposta mas o vento afastou-a mais uma vez, de forma petulante e depois abrandou e desapareceu. Quando passou pela cozinha, Coraline conseguiu, apesar do súbito silêncio, ouvir o pingar da água da torneira ou talvez fossem antes as longas unhas da outra mãe a tamborilarem impacientes no tampo da mesa. Coraline resistiu ao impulso de olhar.

Deu mais uns passos, chegou à porta da rua e saiu.

Desceu as escadas e deu a volta à casa até chegar ao andar das outras Miss Spink e Miss Forcible. As luzes à volta da porta piscavam ao acaso, emitindo palavras que ela não compreendia. A porta estava fechada. Ela tinha receio de que estivesse trancada e então empurrou-a com toda a força. A princípio estava presa, mas de repente deu de si com um solavanco tão forte que Coraline desenbestou pela escuridão do quarto adentro.

Coraline cerrou uma das mãos à volta da pedra com o buraco no meio e caminhou pela escuridão. Estava à espera de encontrar uma antecâmara com cortinas mas não havia ali nada. O quarto estava às escuras. E o teatro vazio. Avançou cuidadosamente. Ouvia sussurros sobre ela. Olhou para cima para uma escuridão ainda mais profunda e bateu com os pés em qualquer coisa. Baixou-se e apanhou uma lanterna, acendeu-a e varreu o quarto com o feixe de luz.

O teatro estava abandonado e em ruínas. As cadeiras estavam partidas pelo chão, velhas e poeirentas teias de aranha cobriam as paredes e pendiam da madeira podre e das cortinas de veludo esfarrapadas.

Voltou a ouvir um barulho. Coraline apontou o feixe de luz para o tecto. Estavam ali penduradas umas coisas sem pêlo e com um aspecto gelatinoso. Ela pensou que em tempos deveriam ter

tido rostos, deveriam ter sido cães. Mas os cães não têm asas como os morcegos nem podem pendurar-se como as aranhas ou como os morcegos de cabeça para baixo.

A luz assustou as criaturas e uma delas levantou voo com as asas a zumbirem através do pó. Coraline baixou-se quando lhe passou uma à tangente. Acabou por pousar numa parede mais distante e começou a trepar de cabeça para baixo de volta ao tecto, ao ninho dos cães-morcegos.

Coraline levou a pedra ao olho e observou a sala através dela, à procura de algo que brilhasse ou reflectisse ou de um sinal indicador de que algures naquela sala havia outra alma escondida. Percorreu a sala com o feixe da lanterna à medida que ia procurando e o espesso pó suspenso no ar fazia com que o feixe de luz parecesse quase sólido.

Havia qualquer coisa presa na parede de trás, por detrás do palco em ruínas. Era de um cinzento-esbranquiçado, tinha o dobro do tamanho de Coraline e estava preso à parede como uma lesma. Coraline respirou fundo.

— Eu não tenho medo — disse para consigo. — Não tenho.

Ela nem conseguia acreditar em si própria mas escalou o velho palco, afundando os dedos na madeira velha e içou-se.

Ao aproximar-se do que estava na parede, reparou que era uma espécie de saco, como se fosse o casulo de uma aranha que se mexeu quando a luz incidiu sobre ele. Dentro do saco estava algo parecido com uma pessoa, mas uma pessoa com duas cabeças e com o dobro de braços e de pernas do que devia.

A criatura dentro do saco parecia horrivelmente disforme e macabada, como se duas pessoas feitas de plasticina tivessem sido fundidas e enroladas juntas, espremidas e prensadas numa só.

Coraline hesitou. Não queria aproximar-se daquela coisa. Os cães-morcegos saíram do tecto, um por um, e começaram a sobrevoar o quarto, aproximando-se dela mas sem lhe tocar.

Talvez não haja aqui almas escondidas, pensou ela. Talvez eu possa simplesmente sair e ir procurar noutro lugar qualquer. Deu uma última olhadela através do buraco da pedra. O teatro abandonado continuava num tom de cinzento sombrio, mas agora via-se um brilho castanho tão rico e brilhante, como madeira de cerejeira, que vinha de dentro do saco. O que quer que fosse, estava a ser seguro por uma das mãos daquela coisa presa à parede.

Coraline tentou atravessar o palco húmido o mais silenciosamente possível, receando que caso perturbasse aquela coisa ela abrisse os olhos, a visse e depois...

Mas não havia nada mais aterrador em que ela pudesse pensar do que ter aquela coisa a olhar para ela. O seu coração batia descompassadamente. Deu mais um passo em frente.

Nunca tinha tido tanto medo mas continuou a caminhar até chegar ao saco. Depois, enfiou a mão naquela coisa branca e peganhenta que estava dependurada na parede. Quando a empurrou, fez um estalido suave, como se fosse uma pequena lareira e agarrou-se à pele e roupas de Coraline como se fossem fios de teias de aranha, ou os fios de algodão doce branco. Empurrou a mão por ali dentro e foi subindo até que tocou numa mão fria, que tal como ela podia sentir estava a apertar outro berlinde de vidro. A pele da criatura era escorregadia, como se tivesse sido coberta de gelatina. Coraline agarrou no berlinde.

Primeiro, não aconteceu nada. O berlinde estava fortemente preso na mão da criatura. Depois, um por um, os dedos foram-se afrouxando e o berlinde caiu na mão de Coraline. Ela puxou o braço pela teia peganhenta, aliviada por aquela coisa não ter aberto os olhos e apontou a luz aos rostos. Pareciam as versões jovens da Miss Spink e da Miss Forcible, pensou ela, mas torcidas e espremidas em conjunto, como dois pedaços de cera que se tinham derretido e solidificado juntos formando uma coisa horrenda.

Sem aviso, uma das mãos da criatura tentou agarrar o braço de Coraline. As suas unhas arranharam na, mas eram demasiado escorregadias para a conseguir agarrar e Coraline conseguiu desembaraçar-se facilmente. Foi então que os olhos se abriram. Quatro olhos de botões pretos a brilharem e a olharem para ela, e duas vozes que soavam como nenhuma voz que Coraline alguma vez tivesse ouvido, começaram a falar com ela. Uma delas sibilava e sussurrava, enquanto a outra zumbia como uma grande e furiosa varejeira presa numa vidraça. Mas as vozes falaram em unísono:

— *Ladra! Devolve isso! Pára! Ladra!*

O ar infestou-se de cães morcegos. Coraline começou a recuar e apercebeu-se de que apesar daquela coisa colada à parede ser aterradora, e de ter sido em tempos as outras Miss Spink e

Miss Forcible, estava presa à parede pela sua teia, encarcerada no seu casulo. E que não a podia perseguir.

Os cães-morcegos batiam as asas e esvoaçavam à sua volta mas não fizeram nada para a magoar. Ela desceu do palco e iluminou o velho teatro com a lanterna à procura da saída.

— Fuja, Menina — gemeu uma voz na sua mente. — Fuja, já. Já tem dois de nós. Fuja deste lugar enquanto o sangue ainda lhe corre nas veias.

Coraline enfiou o berlinde no bolso junto do outro. Viu a porta, correu na sua direcção, e puxou-a até a conseguir abrir

IX

Lá fora, o mundo tinha-se tornado numa névoa disforme e turbulenta, sem formas ou sombras a sustentarem-no, enquanto a própria casa parecia ter-se retorcido e esticado. Coraline ficou com a sensação de que a casa estava de cócoras a olhar para ela como se não fosse bem uma casa, mas apenas a ideia de uma casa, e a pessoa que a tinha idealizado não era com certeza uma pessoa boa. Limpou o melhor que conseguiu os restos daquela teia de aranha peganhenta que ainda tinha pendurada no braço. As janelas acinzentadas da casa inclinavam-se em estranhos ângulos.

A outra mãe estava à sua espera, na relva, com os braços cruzados. Os seus olhos de botões pretos não tinham expressão, mas os seus lábios estavam fortemente comprimidos com uma expressão fria e furiosa.

Quando viu Coraline esticou uma das suas compridas mãos e dobrou um dos dedos. Coraline encaminhou-se para ela. A outra mãe não disse nada.

— Já tenho duas — disse Coraline. — Já só me falta uma alma.

A expressão do rosto da outra mãe não se alterou. Talvez nem tivesse ouvido o que Coraline tinha dito.

Bem, achei que estivesse interessada em saber — disse Coraline.

— Obrigada, Coraline — respondeu a outra mãe friamente e a sua voz não veio apenas da sua boca mas também da névoa, do nevoeiro, da casa e do céu. Ela continuou: — Sabes que eu te amo.

E apesar de tudo, Coraline acenou com a cabeça. Era verdade, a outra mãe amava-a. Mas ela amava Coraline como um avarento gosta de dinheiro ou como um dragão gosta de ouro. Aos olhos de botões da outra mãe, Coraline sabia que não passava de um sentimento de posse e nada mais. Um animal de estimação suporável cujo comportamento já não tinha graça.

— Eu não quero o seu amor — respondeu Coraline. — Não quero nada vindo de si.

— Nem uma ajudinha? — perguntou a outra mãe — Afinal de contas tens estado a sair-te tão bem que pensei que talvez quisesse uma dica para te ajudar com o resto da tua caça ao tesouro.

— Estou a consegui-lo muito bem sozinha — respondeu Coraline.

— Pois estás — respondeu a outra mãe. — Mas se quisesse entrar no andar da frente, no que está vago, para dar uma olhadela, irias encontrar a porta trancada e depois, para onde é que irias?

Ah! — Coraline ponderou alguns instantes. Depois perguntou: — Existe alguma chave?

A outra mãe permaneceu ali, no nevoeiro de papel pardo, daquele mundo vazio. O seu cabelo preto voava em seu redor como se tivesse vontade e objectivo próprios. Tossiu de repente. Era uma tosse que vinha do fundo da garganta e abriu a boca.

A outra mãe levou a mão à boca e tirou uma pequena chave de latão da língua.

— Aqui tens — disse ela. — Vais precisar disto para entrares.

Atirou-a ao acaso a Coraline que a apanhou antes mesmo de pensar se a queria ou não. A chave estava ainda ligeiramente húmida.

Um vento gelado soprou à volta delas e Coraline estremeceu e virou o rosto. Quando voltou a olhar ela já se tinha ido embora.

Hesitante, deu a volta até à parte da frente da casa e parou em frente à porta do andar vago. Tal como todas as portas, estava pintada de um verde-claro.

— Ela não te quer bem — sussurrou uma voz fantasma no seu ouvido. — Não acreditamos que te queira ajudar. Deve ser algum truque.

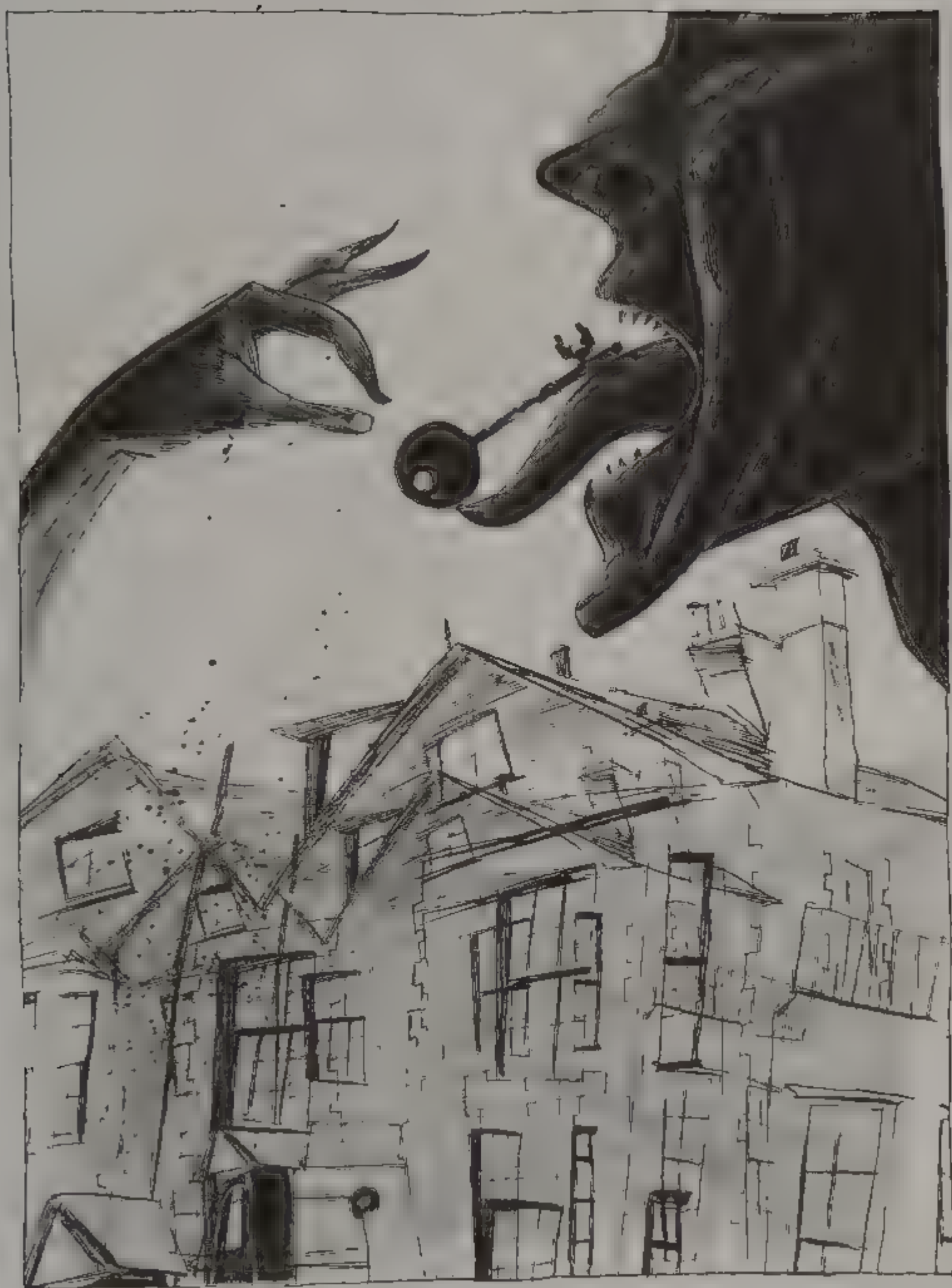
Coraline respondeu.

— Sim, tens razão, já esperava — e enfiou a chave na porta e rodou-a.

A porta abriu-se silenciosamente e Coraline entrou sem fazer barulho.

As paredes da casa estavam pintadas da cor de leite podre. Apesar das madeiras do chão não terem alcatifa e estarem cheias de pó, ainda tinham marcas e bocados de antigas alcatifas e tapetes.

Não havia mobílias, apenas os lugares onde antes tinham estado. E nada a decorar as paredes. Apenas rectângulos descoloridos que



indicavam onde, em tempos, tinham estado pendurados quadros e fotografias. Estava tão silencioso que Coraline imaginou que conseguia ouvir os grãos de poeira à deriva pelo ar.

Deu consigo com receio de que algo a atacasse de repente e por isso pôs-se a assobiar. Pensou que se tornaria mais difícil ser atacada por qualquer coisa se assobiasse.

Primeiro, entrou na cozinha vazia. Depois, numa casa de banho vazia, apenas com uma banheira de ferro fundido onde, lá dentro, estava morta uma aranha do tamanho de um pequeno gato. O último quarto onde entrou, calculou que tivesse sido em tempos um quarto de dormir, assim como o rectângulo de pó que estava no chão parecia ter sido em tempos uma cama. A seguir viu algo e sorriu, assustadoramente. Presa ao chão de madeira estava uma argola de metal. Coraline ajoelhou-se e agarrou na argola fria com as duas mãos e puxou-a com toda a força.

Um quadrado de chão preto e pesado começou a elevar-se terrivelmente devagar. Era um alçapão. Levantou-o e através da abertura, Coraline só conseguiu ver escuridão. Foi tacteando e encontrou um interruptor muito frio. Ligou-o sem muita esperança de que funcionasse, mas algures lá em baixo uma lâmpada acendeu-se e uma fraca luz amarela surgiu do buraco no chão. Ela só conseguia ver umas escadas que desciam e mais nada.

Coraline enfiou a mão no bolso e tirou a pedra com o buraco no meio. Olhou através dele para a cave, mas não viu nada e voltou a enfiar a pedra no bolso.

Pelo buraco vinha um cheiro a barro húmido e a mais qualquer coisa, um cheiro acre, forte e penetrante como vinagre.

Coraline desceu para o buraco olhando de forma nervosa para o alçapão. Era tão pesado que ela achou que se ele se fechasse ficaria ali presa para sempre na escuridão. Tocou-lhe mas este manteve-se quieto. Depois voltou-se para a escuridão e começou a descer as escadas. Ao fundo das escadas e preso à parede estava outro interruptor de luz de metal ferrugento. Empurrou-o até ele acender e uma lâmpada presa a um fio no andar de baixo iluminou-se. Não dava luz suficiente para Coraline conseguir distinguir as coisas pintadas nas paredes escamadas da cave. As pinturas pareciam toscas. Havia olhos, isso ela conseguia distinguir e algo parecido com uvas. E por baixo, mais outras coisas. Ela não conseguia perceber se eram desenhos de pessoas.

Num dos cantos, havia uma pilha de lixo, caixas de cartão cheias de papéis bolorentos e ao lado umas cortinas podres amontoadas.

Os chinelos de Coraline rangiam no chão de cimento. O cheiro tinha então piorado. Estava prestes a voltar para trás quando reparou num pé a sair por baixo do monte de cortinas.

Respirou fundo (o cheiro a vinho avinagrado e a pão bolorento inundava-lhe a cabeça) e afastou o tecido húmido deixando à vista aquilo que parecia ser mais ou menos do tamanho e forma de uma pessoa.

Àquela luz fôca, demorou alguns segundos até reconhecer o que era. Era uma coisa pálida e inchada como uma larva com braços e pés finos como paus. Quase não tinha traços de expressão no rosto que por sua vez tinham sido soprados e inchados como massa de pão a levedar.

Tinha dois grandes botões pretos onde deveria ter tido os olhos.

Coraline fez um ruído, um gesto de repulsa e horror e como se aquela coisa a tivesse ouvido, acordou e começou a sentar-se. Coraline ficou ali imóvel e paralisada. Aquela coisa voltou-se até os seus olhos de botões pretos estarem voltados para ela. Naquele rosto sem boca, abriu-se um buraco com fios de uma coisa esbranquiçada colada aos lábios e uma voz que já em nada se parecia com a do seu outro pai sussurrou:

— Coraline.

— Bem — disse Coraline àquela coisa que em tempos tinha sido o seu outro pai. — Pelo menos não saltou para cima de mim.

A criatura levou as mãos tipo ramos de árvore ao rosto e manuseou a pálida argila, formando uma espécie de nariz. Mas não disse nada.

— Ando à procura dos meus pais — disse Coraline. — Ou da alma roubada de uma das outras crianças. Estão aqui em baixo?

— Não há nada aqui em baixo — disse indistintamente a pálida coisa —, nada para além do pó, da humidade e do esquecimento — aquela coisa era branca, enorme e inchada. *Monstruoso*, pensou Coraline, *mas também infeliz*. Agarrou na pedra com o buraco no meio e olhou através dela. Nada. Aquela pálida coisa estava a dizer a verdade.

Pobre coitado — disse ela. — Aposto que ela o obrigou a vir aqui para baixo por me ter contado coisas de mais.

Aquela coisa hesitou e depois acenou com a cabeça. Coraline pensou como é que alguma vez ela poderia ter imaginado que aquilo em forma de larva se parecia com o seu pai.

- Lamento muito — disse ela.

— Ela não está nada satisfeita — disse aquilo que em tempos fora o seu outro pai. — Mesmo nada satisfeita. Deixaste a bastante irritada. E quando ela se irrita, vinga-se em quem pode. É a maneira de ela ser.

Coraline passou a mão naquela cabeça sem cabelo. A pele era peganhenta como massa de pão quente.

— Pobre coitado — disse ela. — É apenas uma coisa que ela criou e depois deitou fora.

Aquela coisa acenou vigorosamente com a cabeça e quando a abanou, o botão esquerdo do seu olho caiu e rolou pelo chão de cimento. Olhou à volta com uma expressão vazia, com o seu outro olho, como se tivesse perdido Coraline. Por fim, quando a viu, fez um grande esforço, abriu a boca mais uma vez e disse num tom de voz húmido e desesperado:

Foge, filha. Sai deste lugar. Ela quer que eu te magoe, para te manter aqui para sempre e para que nunca ganhes o jogo e ela possa ganhar. Ela está a obrigar-me a fazer-te tanto mal. Eu não consigo combatê-la.

— Consegue pois — encorajou-o Coraline. — Seja corajoso.

Ela olhou à volta. A coisa que em tempos tinha sido o seu outro pai estava agora entre ela e as escadas para poder sair dali para fora. Começou a encaminhar-se pela parede em direcção às escadas. Aquela coisa voltou-se de forma desengonçada até estar de novo a olhar para ela. Parecia maior e mais atento.

— Ai de mim — disse —, eu não posso.

E lançou-se pela cave com a boca desdentada aberta em direcção a Coraline.

Coraline teve apenas um impulso para reagir. Só conseguia pensar em duas coisas para fazer. Ou podia gritar e tentar fugir e ser perseguida pela larva gigante numa cave mal iluminada, até ser apanhada. Ou podia fazer outra coisa qualquer.

Por isso resolveu fazer outra coisa qualquer.

Quando aquela coisa chegou perto dela, ela esticou a mão e apertou-a à volta do olho de botão que ainda restava e puxou o o mais que pode.

Por momentos nada sucedeu. Depois o botão saltou e caiu da mão de Coraline batendo primeiro nas paredes e só depois no chão da cave.

Aquela coisa paralisou, imóvel. Atirou cegamente a cabeça pálida para trás, abriu a sua horrível boca e rugiu de fúria e frustração. De seguida, saltou num segundo para o sítio onde Coraline tinha estado.

Mas ela já ali não estava. Estava a subir, em bicos de pés, as escadas que a levariam para fora daquela escura cave com pinturas toscas. Ela não conseguia tirar os olhos do chão por baixo dela, onde uma coisa pálida tombava pesadamente e serpenteava atrás dela. E, de repente, como se lhe tivessem dito o que fazer, a criatura parou de se mexer e a sua cabeça cega tombou para um dos lados.

Esta a tentar ouvir-me, pensou Coraline. *Tenho de ser o mais silenciosa possível.* E subiu mais um degrau mas o seu pé escorregou e a coisa ouviu-a.

A sua cabeça voltou-se na direcção dela. Por momentos oscilou e parecia estar a reunir as suas forças. Depois, veloz como uma serpente, deslizou para as escadas e começou a subi-las em direcção a Coraline. Ela voltou-se e correu rapidamente pelos últimos doze degraus acima e içou-se para o chão poeirento do quarto. Sem parar, puxou o pesado alçapão na sua direcção e deixou-o cair com um barulho surdo no exacto momento em que uma coisa muito grande batia contra ele. O alçapão estremeceu e abanou no chão, mas ficou no mesmo sítio.

Coraline respirou fundo. Se houvesse alguma mobília naquele quarto, até mesmo uma cadeira, ela teria posto em cima do alçapão. Mas não havia ali nada.

Saiu daquele andar o mais depressa que pôde sem sequer correr e assim que saiu fechou a porta da rua. Deixou a chave debaixo do tapete e depois voltou para a estrada.

Ela estava mesmo à espera que a outra mãe estivesse à sua espera quando saísse, mas o mundo estava silencioso e vazio.

Coraline queria ir para casa.

Abraçou-se a si mesma e disse para consigo que era corajosa e quase acreditou em si própria. Depois, deu a volta à casa no meio daquela neblina cinzenta que não era neblina e dirigiu-se às escadas para subir.

X

Coraline subiu as escadas pela parte de fora do edifício até ao último andar, onde, no seu mundo vivia o velho louco. Ela tinha lá ido uma vez com a sua verdadeira mãe, quando ela andava a fazer um peditório de caridade. Tinham ficado de pé à porta, à espera que o velho louco com um grande bigode, encontrasse o sobrescrito que a mãe de Coraline tinha lá deixado. A casa cheirava a comidas estranhas, a tabaco de cachimbo e a coisas esquisitas e com um forte cheiro a queijo que Coraline nem sabia distinguir. Ela não tinha passado além da porta da rua.

— Sou uma exploradora — disse Coraline em voz alta mas as suas palavras foram abafadas e amortecidas pela atmosfera nublada. Ela tinha conseguido sair da cave, não tinha?

Pois tinha. Mas uma coisa de que Coraline podia ter a certeza é que este andar ia ser pior.

Chegou ao último andar que tinha sido em tempos as águas-furtadas da casa.

Bateu à porta pintada de verde que se abriu e ela entrou.

*Temos olhos e temos coragem
Temos caudas e dentes
Vão todos ter o que merecem
Quando nos elevarmos das profundezas.*

Sussurraram uma dúzia ou mais de pequenas vozes no escuro andar com o tecto tão baixo junto às paredes, que Coraline quase o podia alcançar e tocar.

Olhos vermelhos observavam-na. Pequenas patas cor de-rosa fugiram quando ela se aproximou. Sombras mais escuras escapuliram-se pelas sombras nos cantos das várias coisas.

Este andar cheirava muito pior do que o andar do verdadeiro velho louco. Aquele cheiro a comida (desagradável, para Coraline, mas ela sabia que era uma questão de gosto. Ela não gostava de especiarias, ervas ou de coisas exóticas). Aquele lugar

tinha um cheiro como se todas as comidas exóticas do mundo tivessem sido ali deixadas a apodrecer.

Menina — disse uma voz sussurrante num dos quartos afastados.

Sim — respondeu Coraline. Eu não tenho medo, disse para consigo e enquanto pensava, sabia que era verdade. Não havia ali nada que a assustasse. Aquelas coisas, até aquela coisa da cave, eram ilusões, coisas feitas pela outra mãe, numa horrível tentativa de imitação das verdadeiras pessoas e das verdadeiras coisas que existiam na outra ponta do corredor. Ela, na realidade, não conseguia criar nada, compreendeu Coraline. Consequia apenas virar, copiar e distorcer as coisas que já existiam.

E, de repente, deu por si a pensar por que é que a outra mãe teria colocado um globo de neve na cornija da lareira do quarto de arrumações. Porque no verdadeiro mundo de Coraline, na cornija da lareira não havia quase nada.

Mal fez a pergunta a si própria, compreendeu que na realidade havia uma resposta.

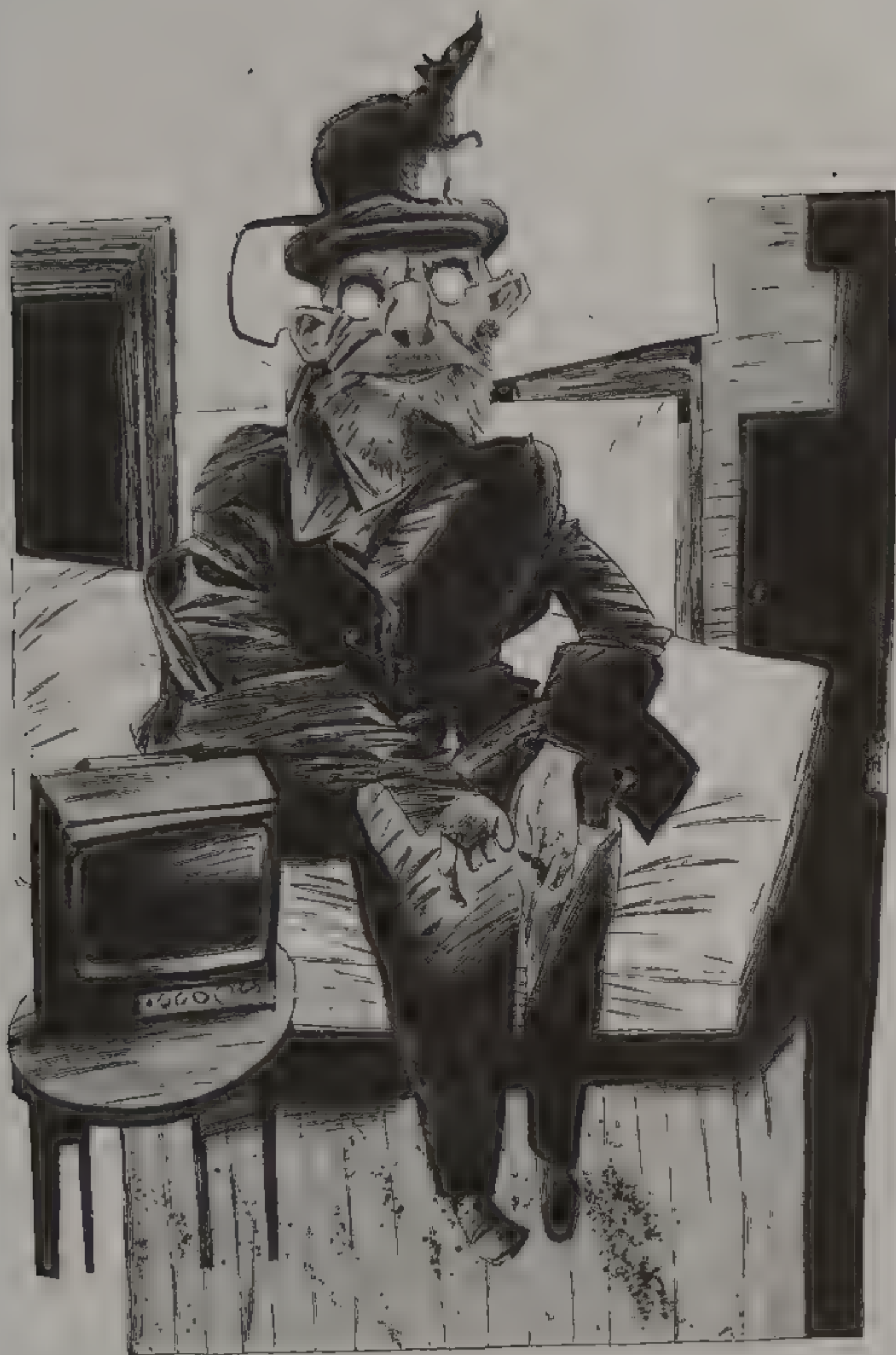
Mas voltou a ouvir a voz e a sua linha de pensamento foi interrompida.

— Vem cá, minha menina. Eu sei o que é que queres, menina — era uma voz sussurrante, áspera e seca. Fez lembrar a Coraline um enorme insecto morto. O que ela sabia que era uma estupidez. Como é que uma coisa morta, em especial um insecto, podia ter voz?

Entrou em diversos quartos com tectos baixos e em declive até chegar ao último. Era um quarto de dormir e o outro velho louco estava sentado na outra ponta do quarto, perto da escuridão, entrouxado com o casaco e o chapéu. Mal Coraline entrou, ele começou a falar.

Nada mudou, minha pequena — disse ele, e a sua voz parecia o som de folhas mortas a arrastar pelo chão. — E se realmente fizeres tudo o que juraste fazer? E depois? Nada vai mudar. Irás para casa. Ficarás entediada. Serás ignorada. Ninguém te ouvirá, nem mesmo te dará ouvidos. És demasiado inteligente e tímida para te compreenderem. Nem sabem dizer correctamente o teu nome.

Fica aqui connosco — disse a voz vinda da silhueta que estava ao fundo do quarto. — Nós ouvir-te-emos, brincaremos



e riremos contigo. A tua outra mãe construirá mundos inteiros para explorares e destruí-los á todas as noites quando acabares. Cada dia será melhor e mais intenso que o anterior. Lembras-te da caixa de brinquedos? Que melhor poderia ser um mundo feito daquela maneira e só para ti?

— E haverá dias cinzentos e de chuva em que eu não saberei o que fazer e não terei nada para ler ou ver e nenhum sítio para onde ir, em que os dias se vão arrastando sem parar? — perguntou Coraline.

No meio da escuridão, o homem respondeu:

— Nunca.

E haverá refeições horrorosas, feitas de experiências com alho, estragão e favas? — perguntou Coraline.

— Cada refeição será uma alegria — sussurrou a voz vinda por baixo do chapéu do velho. — Nada passará pelos teus lábios que não te deleite.

E poderei usar luvas de lã verdes fluorescentes e botas de borracha amarelas com a forma de sapos? — perguntou Coraline.

Sapos, patos, rinocerontes, polvos, o que quiseres. O mundo será construído de novo todas as manhãs, só para ti. Se ficares aqui, podes ter o que quiseres.

Coraline suspirou.

— Realmente não compreende, pois não? — perguntou ela.

— Eu não *quero* tudo o que quero. Ninguém quer. Nem por isso. Que graça teria se eu tivesse tudo o que sempre quis? Assim sem mais nem menos e sem qualquer *significado*. E depois?

— Não percebo — sussurrou a voz.

É claro que não compreende — continuou ela, levando a pedra com o buraco no meio ao olho. — O senhor é apenas uma má cópia que ela fez do velho louco do andar de cima.

— Já nem isso — disse a voz sussurrante e morta. Havia um brilho que vinha do sobretudo do homem, mais ou menos à altura do peito. Pelo buraco da pedra via-se o brilho a piscar e a brilhar como se fosse o azul-esbranquiçado de uma estrela. Ela desejou ter um pau ou outra coisa qualquer para o acotovelar. Mas não tinha qualquer vontade de se aproximar daquele homem-sombra que continuava ao fundo do quarto.

Coraline aproximou-se do homem e ele desfez-se. Saíam ratos pretos das mangas e de debaixo do casaco e do chapéu, uma vin-

tena ou mais de olhos vermelhos a brilharem no escuro. Chiavam e fugiam. O casaco voou caindo pesadamente no chão. O chapéu rolou para um dos cantos do quarto.

Coraline esticou uma das mãos e abriu o casaco. Estava vazio e bastante gorduroso ao toque. Lá dentro, não havia sinal do último berlinde. Observou o quarto, através do buraco da pedra e apercebeu-se de algo que brilhava e cintilava como uma estrela no chão, ao pé da entrada da porta. O berlinde estava a ser transportado pelas patas da frente do enorme rato preto. Quando ela olhou, ele fugiu.

Os outros ratos observavam-na dos outros cantos do quarto, enquanto ela o perseguia.

E os ratos correm bem mais depressa do que as pessoas, principalmente em distâncias curtas. Mas um grande rato preto a segurar um berlinde nas duas patas da frente e a correr desenfreado não é um obstáculo para uma rapariga determinada (apesar de pequena para a sua idade). Outros ratos mais pequenos corriam de um lado para o outro à frente dela, tentando distraí-la mas ela ignorava os, mantendo os olhos fixos naquele que tinha o berlinde e que seguia desenfreado em direcção à porta da rua.

Chegaram aos degraus da parte de fora do edifício

Coraline conseguiu ver que a própria casa continuava a mudar, tornando-se menos visível e a encolher enquanto ela corria pelas escadas abaixo. Fazia-lhe lembrar a fotografia de uma casa e não a própria casa. Depois, limitou-se a correr atabalhoadamente pelas escadas abaixo em perseguição do rato, sem pensar em mais nada, na certeza de que ia apanhá-lo. Ela ia a correr depressa, muito depressa, acabou por perceber isso ao chegar ao fim de um dos lances de escadas e o seu pé escorregar, torcer e ela cair pela escada de cimento.

Arranhou e esfolou o joelho esquerdo e a palma de uma das mãos que ela tinha posto à frente para travar a queda, estava completamente esfolada e cheia de areia. Doía ligeiramente mas em breve ela sabia que ia doer bastante mais. Limpou a areia da mão e pôs-se de pé o mais rápido que conseguiu, certa de que tinha perdido o rato e que já era demasiado tarde. E desceu o último lance de escadas até ao chão.

Olhou em volta à procura do rato mas ele tinha desaparecido e levado o berlinde.

O sítio onde a mão tinha ficado esfolada, doía-lhe e tinha sangue a escorrer-lhe do joelho pela perna do pijama rasgado. A queda tinha sido tão má como naquele Verão em que a sua verdadeira mãe lhe tinha tirado as rodinhas da bicicleta. Mas naquela altura, mesmo com todos os cortes e arranhões (os seus joelhos tinham ficado cheios de crostas) ela tinha ficado com uma sensação de realização. Porque estava a aprender a fazer algo que não sabia fazer. Agora, sentia apenas uma perda fria. Tinha desapontado a criança fantasma. Tinha desapontado os pais. Tinha-se desapontado a ela própria, e tudo o mais.

Fechou os olhos e desejou que a terra a engolisse.

Ouviu-se alguém a tossir.

Ela abriu os olhos e viu o rato. Estava deitado no chão de tijoleira ao fundo das escadas com uma expressão assustada no rosto, que se encontrava a alguma distância do resto do corpo. Os bigodes estavam hirtos, os olhos esbugalhados, os dentes amarelos e afiados bem visíveis. Um fio de sangue vivo brilhava no seu pescoço.

Ao lado do rato decapitado e com uma expressão convencida no rosto, estava o gato preto com uma das patas em cima do berlinde cinzento.

— Julgo que uma vez mencionei — disse o gato, — que regra geral odeio ratos. No entanto, pareceu-me que precisavas deste. Espero que não te importes que eu me tenha intrometido.

— Eu acho — disse Coraline tentando recuperar o fôlego. — Acho que talvez... tenhas dito. . qualquer coisa do género.

O gato levantou a pata do berlinde que rolou até Coraline. Ela apanhou-o. Ouviu na sua mente uma última voz a sussurrar, insistentemente:

— Ela mentiu-te. E jamais desistirá de ti, agora pertences-lhe. Ela não nos entregará, não é do seu feitio: — Os pêlos no pescoço de Coraline eriçaram-se e ela percebeu que a voz da rapariga estava a dizer a verdade. E colocou o berlinde no bolso do roupão junto dos outros.

Agora já tinha os três berlindes.

Só precisava de encontrar os seus pais.

E Coraline compreendeu com surpresa que essa parte era fácil. Ela sabia exactamente onde estavam os seus pais. Se tivesse parado para pensar, teria percebido desde o início onde é que

eles estavam. A outra mãe não sabia criar. Apenas sabia transformar, virar ou mudar.

A cornija da lareira do quarto de arrumações da sua verdadeira casa estava quase vazia. E ao lembrar-se disso, percebeu também outra coisa.

— A outra mãe. Ela tenciona quebrar a promessa. Não nos vai deixar partir — disse ela.

— Se eu fosse a ti, não me fiava nela — admitiu o gato.

— Tal como eu disse não há qualquer garantia de que ela jogue limpo — e a seguir levantou a cabeça: — Eh lá... viste aquilo?

— O quê?

— Olha para trás de ti — disse o gato.

A casa tinha-se esbatido ainda mais. Já nem parecia uma fotografia, mais parecia um desenho, um esboço de uma casa feito toscamente a carvão numa folha de papel pardo.

— O que quer que seja que esteja a acontecer — disse Coraline —, obrigada por me teres ajudado com o rato. Acho que estou quase lá, não estou? Por isso, vai entiar-te no meio da neblina ou seja lá para onde vais e eu, bem, eu espero ver-te em casa. Se ela me deixar voltar para casa.

O pêlo do gato estava eriçado, e a cauda espetada como a escova de um limpa-chaminés.

— O que é que se passa? — perguntou Coraline.

— Foram-se embora — disse o gato. — Já lá não estão. As formas de entrar e sair desta casa. Esbateram-se.

— E isso é mau?

O gato baixou a cauda, abanando-a de um lado para o outro irritado. Lançou um rugido baixo vindo do fundo da garganta. Deu uma volta em círculo até estar afastado de Coraline e depois começou a andar para trás, hirto, dando um passo de cada vez, até se encostar à perna de Coraline. Ela baixou uma das mãos para o afagar e sentiu o quão forte o seu coração batia. Tremia como uma folha morta no meio de uma tempestade.

— Não te preocupes — acalmou-o Coraline. — Vai correr tudo bem. Eu levo-te para casa.

O gato não respondeu.

— Vá lá, gato — disse Coraline. Deu um passo atrás em direcção às escadas mas o gato ficou onde estava, com um ar triste e estranhamente mais pequeno.

— Se a única forma de sairmos daqui, é passar através dela — disse Coraline —, então é isso mesmo que nós vamos fazer. Voltou para junto do gato, debruçou-se sobre ele e pegou-lhe ao colo. O gato nem resistiu. Limitava-se a tremer. Apoiou o traseiro do gato numa das mãos e colocou as patas dianteiras nos seus ombros. Era pesado mas conseguia suportá-lo. O gato lambeu-lhe a palma da mão onde o sangue brotava da ferida.

Coraline subiu os degraus, um de cada vez, de volta ao seu apartamento. Estava ciente dos berlindes a tilintar no bolso, da pedra com o buraco no meio, e do gato encostado a ela.

Chegou à porta da rua, que não era mais que um gatafunho de criança, e empurrou-a com a mão, já à espera de que esta entrasse por ela adentro, revelando apenas a escuridão e uma imensidão de estrelas.

Mas a porta abriu-se e Coraline entrou.

XI

Já dentro do seu apartamento, ou antes, do apartamento que não era dela, Coraline ficou satisfeita por ver que ele não se tinha transformado no rascunho vazio em que o resto da casa se tinha transformado. Tinha interior, sombras e no meio das sombras, alguém que aguardava que ela regressasse.

— Com que então, voltaste — disse a outra mãe mas não parecia satisfeita. — E trouxeste o bicho contigo.

— Não — respondeu Coraline. — Trouxe um amigo — ela sentia o gato a mexer se nas suas mãos como se estivesse ansioso por sair dali. Queria pegar lhe como se ele fosse um urso de pelúcia para o reconfortar, mas sabia que os gatos odiavam ser apertados, e além disso desconfiava que os gatos assustados ainda que estivessem do seu lado eram mais propensos a morderem e a arranharem quando provocados.

— Tu sabes que eu te amo — disse a outra mãe de forma vazia.

— Mas tem uma forma muito estranha de o demonstrar — respondeu Coraline. Percorreu o corredor e depois entrou no quarto de arrumações, dando um passo firme de cada vez, fingindo que não sentia os olhos pretos e inexpressivos da outra mãe a observarem-na. A mobília antiga da sua avó continuava no mesmo sítio, assim como o quadro das estranhas frutas pendurado na parede (mas agora, as frutas do quadro tinham sido comidas e só restava o caroço enegrecido de uma maçã, alguns caroços de ameixas e de pêsegos, e o pé do que tinha sido um cacho de uvas). As patas de leão da mesa arranhavam a alcatifa com as garras de madeira, como se estivessem impacientes por alguma coisa. Ao fundo do quarto, num dos cantos, estava a porta de madeira, que em tempos abria para uma parede de tijolo. Coraline tentou não olhar para ela. Pela janela apenas se via a neblina.

Tinha chegado o momento e Coraline sabia. A hora da verdade. O desenlace final.

A outra mãe tinha-a seguido. E estava então no meio do quarto, entre Coraline e a cornija da lareira e olhava para Coraline com aqueles olhos de botões pretos. Era engraçado, pensou

Coraline, mas a outra mãe não era nada parecida com a sua verdadeira mãe. Pensou como é que se tinha deixado enganar com as parecenças. A outra mãe era enorme, a sua cabeça quase tocava no tecto, muito pálida, da cor da barriga de uma aranha. Tinha o cabelo serpenteado e entrelaçado à volta da cabeça e os dentes eram afiados como facas...

— E então — perguntou a outra mãe —, onde é que eles estão?

Coraline encostou-se a uma poltrona, aconchegou o gato com a mão esquerda, depois enfiou a mão direita dentro do bolso e tirou os três berlindes. Eram de um cinzento gelado e tilintaram uns contra os outros na palma da sua mão. A outra mãe esticou os dedos brancos na direcção deles mas Coraline enfiou os rapidamente no bolso. Já tinha percebido o que se passava. A outra mãe não tinha qualquer intenção de a deixar partir ou de manter a sua palavra. Não tinha passado tudo de uma brincadeira.

— Calma — disse ela — Ainda não terminámos, pois não?

A outra mãe estava com um ar furioso mas sorriu de forma doce.

— Não — disse ela —, suponho que não. Afinal de contas ainda te falta encontrar os teus pais, não falta?

— Sim — respondeu Coraline. *Não posso olhar para a cornija da lareira, pensou ela. Nem sequer pensar nela.*

— Então — insistiu a outra mãe —, fã los aparecer. Queres ir ver novamente à cave? Eu tenho outras coisas interessantes escondidas por lá, sabias?

— Não — respondeu Coraline. — Eu sei onde é que os meus pais estão. — O peso do gato nos seus braços incomodava. Afastou-o ligeiramente soltando as garras do seu ombro.

— Onde?

— É evidente — respondeu Coraline. — Procurei em todos os sítios possíveis. Eles não estão na casa.

A outra mãe ficou muito quieta, com o lábios cerrados, sem deixar transparecer nada. Mais parecia uma figura de cera. Até o cabelo tinha parado de se mexer.

— Bem — continuou Coraline com as duas mãos firmes a segurar no gato —, eu sei onde é que eles têm de estar. Guardou-os na passagem entre as duas casas, não foi? Estão por detrás daquela porta — e apontou com a cabeça para a porta do canto.



A outra mãe manteve-se imóvel como uma estátua mas um ligeiro sorriso assolou o seu rosto.

— Ah, pois estão, não estão?

— Por que é que não a abre? — perguntou Coraline. — Eles estão lá de certeza absoluta.

Ela sabia que era a única forma de voltar para casa. Mas tudo dependia da necessidade de satisfação da outra mãe, da necessidade não apenas de ganhar mas de mostrar que tinha ganho.

A outra mãe enfiou calmamente a mão no bolso do avental e retirou a chave de ferro preta. O gato estirou-se nos braços de Coraline como se quisesse sair. *Deixa-te estar mais uns minutos*, pensou ela na esperança de que ele a ouvisse. *Vou levar-nos aos dois para casa. Eu disse que ia. Prometo.* E sentiu o gato acalmar-se suavemente nos seus braços.

A outra mãe dirigiu-se à porta e enfiou a chave na fechadura. Deu a volta à chave.

Coraline ouviu o mecanismo da porta a rodar pesadamente. Ela ia entretanto aproximando-se o mais silenciosamente que podia, passo a passo da cornija da lareira.

A outra mãe girou o manípulo da porta e empurrou a mostrando um corredor escuro e vazio por trás.

Pronto — disse ela, acenando com as mãos para o corredor. A expressão de contentamento estampada no seu rosto era uma imagem muito triste de se ver. — Estavas errada! Tu não sabes onde é que os teus pais estão, pois não? Aqui, não estão — voltou-se e olhou para Coraline. — Agora — continuou ela —, vais ficar aqui para todo o sempre.

— Não — respondeu Coraline. — Não vou — e atirou o gato preto com toda a força para cima da outra mãe. Ele miou e aterrou em cima da cabeça da outra mãe, com as garras espetadas e os dentes arreganhados de fúria e raiva. Parecia ter novamente o dobro do tamanho que na realidade tinha, com o pêlo eriçado daquela maneira.

Sem esperar para ver o que iria acontecer, Coraline chegou à cornija da lareira e agarrou o globo de neve com a mão e enterrou-o dentro do bolso do seu roupão.

O gato lançou uma miadela uivante e enterrou os dentes na face da outra mãe. Ela começou a debater-se. O sangue escorria

dos cortes do seu rosto branco, não era sangue vermelho, mas uma substância espessa e escura como o alcatrão. Coraline correu para a porta.,

Tirou a chave da fechadura.

— Larga-a! Despacha-te! — gritou para o gato. Ele assanhou-se e voltou a atacar com as suas garras afiadas, a face da outra mãe, num último acesso de raiva, deixando um fio de líquido escuro a escorrer das várias arranhadelas no nariz da outra mãe. Depois deu um pulo para o chão em direcção a Coraline. — Despacha-te! — gritou ela. O gato correu na sua direcção e entraram os dois pelo corredor escuro.

No corredor estava mais frio, parecia que tinham entrado numa cave em pleno dia de Verão. O gato hesitou por momentos, mas ao ver que a outra mãe se aproximava deles, correu e só parou junto das pernas de Coraline.

Coraline começou a puxar a porta para a fechar.

A porta era mais pesada do que ela imaginava e puxá-la para a conseguir fechar era como tentar fechar uma porta contra uma ventania. E, de repente, sentiu algo do outro lado da porta a puxá-la.

Fecha!, pensou ela. Depois disse em voz alta:

— Vá lá, *por favor* — e sentiu a porta a começar a mover-se, a abrir, a ceder à vontade daquele vento fantasma.

Subitamente apercebeu-se de que havia outras pessoas com ela no corredor. Não podia virar o rosto para os ver, mas mesmo sem precisar de olhar, sabia quem eram.

- Ajudem-me, por favor - implorou ela. — Todos.

As outras pessoas que estavam no corredor, três crianças e dois adultos, eram de alguma forma demasiado irreais para tocar na porta. Mas as suas mãos fecharam-se em volta das dela quando ela puxou o grande manípulo de ferro e Coraline sentiu-se subitamente mais forte.

Nunca desista, Menina! Aguenta firme! Aguenta firme! — sussurrou uma voz na sua mente.

— Puxa, rapariga, puxa! — sussurrou outra voz.

E de um momento para o outro, uma voz que parecia a da sua mãe, da sua própria mãe, da sua verdadeira, exasperada, enfurecida e maravilhosa mãe, disse apenas:

— Muito bem, Coraline — e foi o suficiente.

A porta começou a fechar-se devagar e tão facilmente como se nada fosse.

— Não — gritou uma voz por detrás da porta que já nem humana parecia.

Alguma coisa tentou agarrar Coraline, pelo espaço que se fechava entre a porta e a ombreira da porta. Coraline afastou rapidamente a cabeça mas a porta começou novamente a abrir.

— Nós vamos para casa — disse ela — Vamos sim. Ajudem-me — pediu ela escapando aos dedos que a tentavam agarrar.

Eles então passaram através dela. Mãos fantasmas deram-lhe a força que ela já não possuía. Houve um último momento de resistência como se algo tivesse ficado preso na porta e depois, com um forte barulho, a porta de madeira fechou-se com força.

Algo caiu da altura da cabeça de Coraline para o chão aterrando com uma pancada surda e imediata.

— Anda! — exclamou o gato. — Este não é um bom sítio para se ficar. Depressa.

Coraline voltou as costas à porta e começou a correr o mais rápido que pôde pelo corredor escuro, percorrendo a parede com a mão para ter a certeza de que não ia tropeçar em nada ou enganar-se no meio daquela escuridão.

Era uma corrida a subir e parecia-lhe que nunca mais acabava. A parede em que tocava parecia-lhe agora que estava quente e a ceder e apercebeu-se de que estava coberta por uma fina camada de pêlo. Movia-se como se estivesse a respirar. Ela afastou rapidamente a mão.

Ventos sopravam na escuridão.

Teve medo de tropeçar em alguma coisa e pôs novamente a mão na parede. Desta vez o que sentiu era quente e húmido como se estivesse a enfiar a mão dentro da boca de alguém. Retirou-a com um gesto de repulsa.

Os seus olhos tinham-se habituado à escuridão. Já conseguia distinguir à sua frente as silhuetas de dois adultos e de três crianças. Conseguia igualmente ouvir à sua frente os passos do gato no meio da escuridão.

E havia algo mais que subitamente se meteu entre os seus pés e quase a fez cair. Conseguiu endireitar-se antes de cair, apoiando-se apenas na sua força de espírito para continuar. Ela sabia

que se caísse naquele corredor, provavelmente nunca mais continuaria levantar-se. O que quer que aquele corredor fosse era bem mais velho do que a outra mãe. Era fundo, vagaroso e sabia que ela ali estava...

De súbito, surgiu a luz do dia e ela correu o mais rapidamente na sua direcção, bufando e arquejando.

— Estamos quase lá — gritou ela encorajada, mas à luz do dia descobriu que as silhuetas tinham desaparecido e que só restava ela. Não tinha tempo para pensar o que lhes poderia ter acontecido. Arquejando com falta de ar, arremessou-se pela porta e fechou-a com toda a força provocando o barulho mais violento e mais aprazível que se possa imaginar.

Coraline fechou a porta à chave e pôs a chave dentro do seu bolso.

O gato preto estava escondido no canto mais afastado do quarto, com uma ponta da língua de fora e os olhos esbugalhados. Coraline foi até junto dele e agachou-se ao seu lado.

— Desculpa — pediu ela. — Desculpa ter-te atirado para cima dela. Mas era a única forma de a distrair para conseguirmos sair todos dali. Ela nunca iria manter a sua palavra, pois não?

O gato olhou para ela e depois pousou a cabeça na sua mão, lambendo-lhe os dedos com a sua língua áspera. E começou a ronronar.

— Quer dizer que somos amigos? — perguntou Coraline.

Ela sentou-se num dos desconfortáveis sofás da sua avó e o gato estirou-se confortavelmente no seu colo. A luz que entrava pela vidraça era a luz do dia, a verdadeira luz dourada do final de tarde e não uma neblina branca. O céu azul parecia da cor do ovo de um tordo e Coraline conseguia ver as árvores, e por detrás delas, montanhas verdes que se fundiam no horizonte em tons de púrpura e cinzentos. O céu nunca tinha tido um ar tão de *céu*, e o mundo nunca tinha tido um ar tão de *mundo*.

Coraline olhou pela janela para as folhas das árvores e para a sombra da casca partida do tronco da faia. Olhou para o seu colo e para a forma como a luz do Sol penteava cada pêlo da cabeça do gato, transformando cada bigode branco em dourado.

Nada, pensou ela, tinha alguma vez sido tão *interessante*.

E inebriada de interesse pelo mundo, Coraline mal notou que se tinha enrolado e aconchegado no desconfortável sofá da sua avó e muito menos que tinha caído num sono profundo e sem sonhos.

XII

A sua mãe acordou-a delicadamente.

— Coraline? — chamou ela. — Querida, que lugar mais estranho para adormeceres. E sinceramente, este quarto é apenas para arrumações. Corremos a casa inteira à tua procura.

Coraline espreguiçou-se e pestanejou.

— Desculpe — respondeu. — Adormeci.

— Nisso já eu reparei — disse a mãe — E de onde é que apareceu este gato? Quando cheguei, estava à espera à porta de casa. E desembestou como uma seta quando a abri.

Se calhar tinha coisas para fazer — respondeu Coraline. Depois abraçou a mãe com tanta força que os braços lhe doeram. A mãe abraçou-a igualmente.

— O jantar está pronto daqui a quinze minutos — disse a mãe. — Não te esqueças de lavar as mãos. E *olha* só para os botões desse pijama. E o que é que fizeste ao joelho?

— Tropecei — disse Coraline. Foi à casa de banho, lavou as mãos e limpou o joelho ensanguentado. A seguir pôs pomada nos cortes e cicatrizes.

Entrou no seu quarto, no seu verdadeiro quarto, no seu autêntico quarto, enfiou as mãos nos bolsos do roupão e tirou de lá de dentro os três berlindes, a pedra com o buraco no meio, a chave preta e o globo de neve vazio.

Abanou o globo e ficou a ver a neve cintilante a rodopiar pela água e a encher aquele mundo vazio. Pousou-o e observou a neve a cair, a cobrir o lugar onde antes tinha estado um pequeno casal.

Tirou um pedaço de fio da sua caixa de brinquedos e enfiou a chave preta no fio. Depois deu-lhe um nó e pendurou-a à volta do pescoço.

— Pronto — disse ela. Mudou de roupa e escondeu a chave por baixo da *T-shirt*. A chave em contacto com a pele era fria. A pedra voltou para o seu bolso.

Coraline percorreu o corredor até ao escritório do pai. Ele estava de costas voltadas para ela, mas ela sabia que só de olhar

para ele, que quando ele se voltasse, os seus olhos iriam ser os olhos cinzentos e bondosos do seu pai. Assim, aproximou-se e deu-lhe um beijo na nuca careca.

— Olá, Coraline — disse ele. Depois voltou-se e sorriu-lhe: — O que é que foi isso?

— Nada — respondeu ela. — Às vezes sinto a sua falta. É só.

Ainda bem — disse ele. Desligou o computador, levantou-se e sem qualquer razão aparente, pegou-lhe ao colo, coisa que já não fazia há bastante tempo, pelo menos desde que lhe tinha dito que ela já estava muito crescida para isso e levou-a assim até à cozinha.

Naquela noite, o jantar foi piza e apesar de ter sido feita pelo seu pai (por isso a massa estava ou grossa, pastosa e mal cozida, ou demasiado fina, e queimada) e apesar de ele ter posto fatias de pimentos verdes, almôndegas e por cima de tudo bocados de ananás, Coraline comeu a fatia toda que lhe tinham posto no prato.

Bem, comeu tudo menos o ananás.

E em breve se fez hora de ir dormir.

Coraline manteve a chave à volta do pescoço mas pôs os berlindes debaixo da almofada. E, durante a noite, teve um sonho.

Sonhou que estava num piquenique, por baixo de um velho carvalho, num campo verdejante. O Sol já ia alto e apesar de existirem nuvens fofas e brancas distantes no horizonte, o céu sobre ela tinha um azul profundo e inalterável.

Na relva estava estendida uma toalha de linho branca com taças cobertas de comida. Nomeadamente saladas, sanduíches, avelãs, frutos, jarros de limonada e de água e chocolate de leite. Coraline sentou-se num dos lados da toalha enquanto outras três crianças ocuparam os outros lados. As outras crianças tinham vestidas roupas muito estranhas.

O mais pequeno de todos, era um rapaz que estava sentado à esquerda de Coraline, vestido com uns corsários de veludo vermelho e uma camisa branca com folhos. Tinha o rosto sujo, e enchia o prato de batatas novas cozidas e com o que parecia ser uma truta fria e inteira.

— Este é o melhor piquenique, senhora — disse-lhe ele.

— Sim — concordou ela. — Julgo que sim. Quem seria que o preparou?



— Mas, pensei que tivesse sido a Menina — respondeu uma rapariga alta que estava sentada do lado oposto a Coraline. Trazia um vestido castanho, sem feitiço e tinha uma boina castanha na cabeça que apertava por baixo do queixo. — E nós estamos tão gratos por tudo que nem temos palavras para o exprimir — e ia comendo fatias de pão com compota, cortando o pão com destreza, com uma enorme faca, numa tábua castanha dourada e depois derramava por cima a compota avermelhada com uma colher de madeira. Estava com a boca toda suja de doce.

— Pois é. Este é o melhor repasto que comi nos últimos séculos — disse a rapariga do lado direito de Coraline. Era uma criança muito pálida, vestida pelo que pareciam ser teias de aranha com um aro de prata brilhante posto no cabelo. Coraline podia jurar que a rapariga tinha duas asas, como se fossem as asas de prata poeirentas de uma borboleta, e não de um pássaro, que saíam das suas costas. O prato da rapariga estava apinhado de bonitas flores. Sorriu para Coraline como se há muito tempo não o fizesse e que se tivesse quase esquecido de como o fazer. Coraline apercebeu-se de que simpatizava muito com esta rapariga.

E depois, tal como nos sonhos, o piquenique terminou e foram todos brincar para o campo. Correram, gritaram e atiraram uma bola brilhante uns aos outros. Coraline percebeu que era um sonho porque nunca nenhum deles se cansava, fartava ou ficava sem fôlego. Ela nem suava. Limitavam-se a rir e a correr num jogo que era uma mistura do pilha, da rabia e ao mesmo tempo uma magnífica brincadeira.

Três deles corriam pelo campo enquanto a pálida rapariga flutuava um pouco acima das suas cabeças com as suas asas de borboleta, descendo de repente para agarrar a bola e depois voltando a subir antes de a atirar a uma das outras crianças.

E, de repente, sem proferirem uma única palavra, o jogo terminou e os quatro voltaram para a toalha do piquenique, onde os pratos já tinham sido todos retirados e os aguardavam quatro taças, três com gelado e outra repleta com flores de madressilva.

Deleitaram-se.

— Obrigada por terem vindo à minha festa — disse Coraline.
— Se é que é minha.

— O prazer é nosso, Coraline Jones — disse a rapariga com as asas, mordiscando outro botão de madressilva. — Se houver alguma coisa que possamos fazer para te agradecer e recompensar...

Pois é — disse o rapaz com os corsários de veludo vermelho e o rosto sujo. Esticou a mão e agarrou na mão de Coraline. Agora sim, estava quente.

— Foi uma coisa muito boa o que fez por nós, Menina — disse a rapariga alta que estava com uma mancha de gelado de chocolate à volta dos lábios.

— Estou contente por tudo ter acabado — disse Coraline. Teria sido imaginação sua, ou teria uma sombra atravessado os rostos das outras crianças do piquenique?

A rapariga com asas e com um aro à volta dos cabelos cintilantes como uma estrela, pousou durante alguns momentos os dedos nas costas da mão de Coraline.

— Para nós está acabado e ultrapassado — disse ela. Este é o nosso ponto de viragem. Daqui, nós os três partiremos para terras desconhecidas e o que se seguirá nenhum ser vivo o saberá... — e parou de falar.

— Mas existe um *senão*, não existe? — perguntou Coraline. — Eu sinto-o. Como uma nuvem negra.

O rapaz que estava ao seu lado tentou sorrir corajosamente, mas o seu lábio inferior começou a tremer e ele mordeu-o com os dentes superiores sem dizer nada. A rapariga com a boina castanha mudou de posição e disse:

— Sim, Menina.

— Mas eu consegui trazer vos de volta — disse Coraline. — Assim como aos meus pais. Fechei a porta e tranquei-a. Que mais poderia eu fazer?

O rapaz apertou a mão de Coraline na sua. Ela deu por si a lembrar-se de quando o tinha tentado reconfortar, quando ele não passava de uma lembrança fria na escuridão.

— Bem, e não me podem dar uma ajuda? — perguntou ela. — Não há *nada* que me possam contar?

A bruxa jurou pela sua boa mão direita — disse a rapariga alta —, mas mentiu.

— A... a minha ama — balbuciou o rapaz — costumava dizer que ninguém carrega nos ombros mais que o peso que consegue

aguentar — encolheu os ombros ao proferi-lo como se não tivesse ainda percebido se aquela frase era ou não verdade.

— Desejamos-te sorte — disse a rapariga das asas. — Boa sorte, sabedoria e coragem, embora já tenhas demonstrado que tens estas três bênçãos e em abundância.

— Ela odeia-te — proferiu inadvertidamente o rapaz. — Nunca tinha perdido nada durante tanto tempo. Fica atenta. Sê corajosa. Sê manhosa.

— Mas não está *certo* — disse Coraline de forma zangada no seu sonho. — Assim não está *certo*. Deveria ter acabado

O rapaz com o rosto sujo levantou-se e abraçou Coraline com força.

Apoia-te nisto — sussurrou ele. — Se eles ainda estão vivos, tens de lutar.

No seu sonho, Coraline viu que o Sol já se tinha posto e que as estrelas brilhavam no escuro céu.

Coraline ficou de pé no campo e observou as três crianças (duas caminhavam e uma voava) a afastarem-se pela relva, com o brilho da luz da lua cheia.

Os três aproximaram-se de uma pequena ponte de madeira sobre um riacho. Pararam, voltaram-se e acenaram-lhe. Coraline acenou também.

E o que depois se seguiu, foi a escuridão.

Coraline acordou às primeiras horas da manhã convencida de que tinha ouvido algo a mexer-se mas incerta do que tinha sido.

Esperou.

Algo fora do seu quarto se tinha arrastado. Pensou se teria sido um rato. A porta bateu e Coraline saltou da cama.

- Desaparece — disse ela com brusquidão. — Desaparece ou vais arrepender-te.

Seguiu-se um silêncio e depois o que quer que fosse escapuliu-se pelo corredor. Havia algo de estranho e irregular nos seus passos, se é que *eram* passos. Coraline pôs-se a pensar se seria um rato com uma perna a mais...

— Ainda não acabou, pois não? — murmurou para consigo.

Depois, abriu a porta do quarto. A luz cinzenta do alvorecer iluminou-lhe o corredor deserto.

Ela dirigiu-se à porta da rua dispensando um rápido olhar para trás, para o espelho da porta do guarda-fatos, que estava pendu

rado na parede do outro lado do corredor. E viu apenas o seu próprio rosto pálido a observá-la fixamente com um ar sonolento e sério. Roncos suaves e tranquilizadores vinham do quarto dos seus pais, mas a porta estava fechada. Todas as portas do corredor estavam fechadas. O quer que fosse que andasse a arrastar-se, teria de estar algures por ali.

Coraline abriu a porta da rua e olhou para o céu cinzento. Pensou quanto tempo demoraria ainda até ao nascer do Sol e pensou se o sonho que tinha tido teria sido verdadeiro, sabendo no seu coração que sim. Algo que ela tinha julgado fazer parte das sombras por baixo do sofá do corredor, saiu de debaixo do sofá e correu desenfreadamente com as suas longas pernas brancas em direcção à porta da rua.

Coraline abriu a boca horrorizada e afastou-se quando aquela coisa passou por ela aos estalidos e a correr para fora da casa. Parecia um caranguejo a correr com as suas imensas patas a fazerem barulho, sapateando e a fugir.

Ela sabia o que aquilo era e sabia o que queria. Tinha-a visto demasiadas vezes nos últimos dias a apanhar, a agarrar e a enfiar escaravelhos, obedientemente, na boca da outra mãe. Era da cor do osso, tinha cinco patas e unhas pintadas de vermelho.

Era a mão direita da outra mãe.

E queria a chave preta.

XIII

Parecia que os pais de Coraline não se lembravam de nada sobre o tempo que tinham passado dentro do globo de neve. Pelo menos, nunca falaram no assunto e Coraline também nunca mencionou o facto.

Ela às vezes pensava se eles teriam dado conta de que tinham perdido dois dias do mundo real e acabou por chegar à conclusão que não. Mas há pessoas que perdem a noção do dia a dia e das horas e há outras que não, e não havia dúvida que os pais de Coraline pertenciam às segundas.

Naquela primeira noite em casa, Coraline tinha posto os berlindes debaixo da almofada antes de dormir, mais uma vez, no seu quarto. Apesar de já não ter muito tempo para dormir, voltou para a cama depois de ter visto a mão da outra mãe, e deitou a cabeça na almofada.

Ouviu o som de algo a estalar suavemente quando se deitou.

Sentou-se, e levantou a almofada. Os fragmentos dos berlindezes, pareciam os restos de cascas de ovos que, na Primavera, se encontram debaixo das árvores. Como se fossem ovos de tordos partidos ou talvez até mais ovos delicados, de carriça.

O que quer que tivesse estado dentro daquelas esferas de vidro, tinha desaparecido. Coraline pensou nas três crianças a despedirem-se, acenando ao luar antes de atravessarem aquele riacho de prata.

Juntou delicadamente os frágeis fragmentos e colocou-os numa pequena caixa azul onde em tempos tinha estado uma pulseira que a sua avó lhe tinha oferecido quando era criança. Já tinha perdido a pulseira há muito tempo mas tinha guardado a caixa.

Miss Spink e Miss Forcible voltaram da visita que tinham ido fazer à sobrinha de Miss Spinke. Coraline foi até ao andar delas tomar chá. Era segunda-feira. Na quarta-feira Coraline deveria recomeçar as aulas. Iria começar um novo ano escolar.

Miss Forcible insistiu em ler as folhas do chá de Coraline.

— Bem, parece que está tudo praticamente em ordem e a correr às mil maravilhas, querida — disse Miss Forcible.



— Perdão? — perguntou Coraline.

— Está tudo a transformar-se num mar de rosas — disse Miss Forcible. — Bem, quase tudo. Não percebo bem o que será *isto* — e apontou para um tufo de folhas de chá presas a um dos lados da chávena.

Miss Spink deu uns estalidos com a língua e esticou a mão para a chávena.

— Sinceramente Miriam. Dá cá isso. Deixa-me ver...

Pestanejou através dos grossos óculos.

— Vallia-me Deus. Não, não faço a menor ideia do que possa significar. Parece uma mão.

Coraline espreitou. O tufo de folhas parecia mesmo uma mão a tentar agarrar qualquer coisa.

O *Hamish*, o cão escocês, estava escondido por baixo da cadeira da Miss Forcible e não saía de lá nem por nada.

Acho que esteve metido nalguma briga — comentou Miss Spink. — Tem um arranhão profundo num dos lados, pobrezito. Vamos levá-lo mais logo ao veterinário. Gostaria de saber o que é que lhe terá feito aquilo.

Mas Coraline sabia que alguma coisa tinha de ser feita.

Naquela última semana de férias, o tempo tinha estado magnífico, como se o próprio Verão os estivesse a tentar compensar pelo terrível tempo que tinham tido, dando-lhes alguns dias maravilhosos e cheios de sol antes de acabarem as férias.

O velho louco do andar de cima, chamou Coraline ao vê-la sair de casa de Miss Spink e de Miss Forcible.

— Ei! Olá! Tu aí! Caroline! — gritou do parapeito.

— É Coraline — corrigiu ela. — Como estão os ratos?

— Houve alguma coisa que os assustou — disse o velho coçando o bigode. — Parece-me que talvez haja alguma doninha dentro de casa. Algo se passa. Ouvi-a durante a noite. No meu país costumamos colocar armadilhas para as apanhar. Talvez ponha um pouco de carne ou um hambúrguer numa armadilha e quando a criatura se aproximar... Pumba! Apanho-a e nunca mais nos voltará a incomodar. Os ratos estão de tal forma irrequietenos que nem pegam nos seus pequenos instrumentos musicais para tocar.

— Não me parece que seja carne que ela queira — disse Coraline. Levantou a mão e tocou na chave que trazia pendurada ao pescoço. Depois entrou em casa.

Tomou banho mas manteve a chave o tempo todo ao pescoço, enquanto estava no banho. E nunca mais a tirou.

Depois de se ter deitado, sentiu algo a arranhar a janela do seu quarto. Coraline estava quase a dormir mas saiu sorrateiramente da cama e abriu as cortinas de súbito. Uma mão branca com as unhas pintadas de vermelho saltou do peitoril da janela para o algeroz e desapareceu imediatamente de vista. Havia riscos profundos no vidro do outro lado da janela.

Coraline não dormiu sossegada naquela noite, acordando de vez em quando para conspirar, planejar e ponderar. Acabando por voltar a adormecer sem perceber muito bem onde começava o sonho e começava a conspiração. E com um ouvido sempre alerta para o caso de ouvir mais algum ruído na vidraça ou na porta do seu quarto.

De manhã, Coraline disse à sua mãe:

— Hoje, vou fazer um piquenique com as minhas bonecas. Empréstame um lençol velho que já não use, para servir de toalha?

— Não me parece que haja algum cá em casa — respondeu a mãe.

Depois abriu a gaveta da cozinha e vasculhou lá dentro.

— Espera. Isto serve?

Era uma toalha de mesa de papel dobrada com flores vermelhas que tinha sobrado de um piquenique que eles tinham feito há já alguns anos.

— É perfeito — respondeu Coraline.

— Pensei que já não brincavas com as tuas bonecas — comentou a Mrs Jones.

— E não brinco — admitiu Coraline. — É para elas apanharem ar.

— Bem, vê se voltas a horas do almoço — respondeu a sua mãe. — Diverte-te.

Coraline encheu uma caixa de cartão com as bonecas e com algumas chávenas de chá de plástico. E encheu um jarro com água.

Depois, saiu. Desceu a rua como se fosse às compras. Antes de chegar ao supermercado, desviou por uma vedação em direcção a um terreno baldio, seguiu por uma estrada velha e depois passou por baixo de uma cerca. Teve de passar duas vezes por baixo desta para não entornar a água do jarro.

Era uma caminhada comprida e cheia de contratenpos mas, no final, Coraline ficou satisfeita por não ter sido seguida.

Foi dar à parte de trás do campo de ténis delapidado. Atravessou-o para o campo onde a erva alta baloiçava e encontrou as tábuas ao fundo do campo. Eram espantosamente pesadas, talvez demasiado pesadas para uma rapariga as levantar, mas usando de toda a sua força, conseguiu. Não tinha alternativa. Tirou as tábuas do caminho, uma por uma, grunhindo e suando com o esforço, deixando à vista, no chão, um buraco fundo e redondo feito de tijolos. Cheirava a humidade e a escuridão e os tijolos estavam verdes e escorregadios.

Ela estendeu a toalha e pô-la cuidadosamente sobre o poço. Colocou estrategicamente as chávenas de plástico na beira do poço e encheu cada uma delas com a água do jarro.

Colocou uma boneca na relva em frente de cada chávena, fazendo com que se parecesse o mais possível com um lanche de bonecas. A seguir, refez os seus passos, de volta pela cerca, pela estrada de terra poeirenta, por trás das lojas e regressou a casa.

Agarrou na chave e tirou a do pescoço. Retirou-a do fio como se a chave fosse algo com que ela gostasse de brincar. Depois, bateu à porta de casa da Miss Spink e da Miss Forcible.

Miss Spink abriu a porta.

— Olá querida — disse ela.

— Não quero entrar — disse Coraline. — Vim só saber como é que está *Hamish*.

Miss Spink suspirou.

— O veterinário diz que *Hamish* é um soldadinho muito corajoso — disse ela. — Felizmente, parece que o corte não está infectado. Não fazemos a menor ideia do que o tenha provocado. O veterinário achou que talvez tivesse sido outro animal, mas não faz ideia de qual. O Mr Bobo disse que talvez tivesse sido uma doninha.

— O Mr Bobo?

O senhor que vive no último andar. O Mr Bobo. Faz parte de uma antiga e excelente família do circo, creio eu. Romena, eslovênia, livoniana ou de um desses países. Perdão mas já não me consigo lembrar de qual.

Nunca tinha passado pela cabeça de Coraline que aquele velho louco que vivia no último andar pudesse ter nome. Se ela

soubesse que o nome dele era Mr Bobo já o teria dito sempre que o pudesse. Quantas vezes é que se tem a oportunidade de pronunciar em alto e bom som «Mr Bobo»?

Ah — disse Coraline. — Mr Bobo. Claro. Bem — acrescentou num tom mais alto —, vou brincar com as minhas bonecas lá para atrás, para o velho campo de ténis.

Está bem, querida — disse Miss Spink. Depois acrescentou em voz baixa. — Tem cuidado com aquele velho poço. O Mr Lovat que aqui morou antes de ti, disse que achava que devia ter uma profundidade de cerca de quinhentos e tal metros.

Coraline esperou que a mão não tivesse ouvido aquela última parte e mudou de assunto.

— Esta chave? — disse Coraline em voz alta: — Ah, é apenas uma chave velha lá de casa. Faz parte do meu jogo. É por isso que ando com ela pendurada neste pedaço de fio. Bom, até logo.

Que criança tão extraordinária — comentou Miss Spink para consigo ao fechar a porta.

Coraline partiu tranquilamente pelo campo em direcção ao velho campo de ténis, a chave preta no pedaço de fio baloiçava e oscilava à medida que caminhava.

Por várias vezes, julgou ter visto qualquer coisa da cor do osso no matagal que ia mantendo o passo com o dela a cerca de uns nove metros de distância.

Ela tentou assobiar mas não conseguiu, por isso resolveu cantar em voz alta uma canção que o seu pai tinha inventado para ela quando era bebé e que sempre a fizera rir. Era assim:

*Ai, a minha menina mais fofinha
Eu acho-te tão lindinha
Dou-te pratadas de papinhas
E tu dás-me pratadas de geladinhos*

*Dou-te muitos beijinhos
E dou-te muitos abracinhos
Mas jamais te darei sanduíches
Recheadas
De bichinhos*

E foi o que ela cantou sem tremer a voz, enquanto andava calmamente pelo bosque.

O chá das bonecas estava no mesmo sítio onde o tinha deixado. Ficou aliviada por não estar vento e por ainda estar tudo no lugar. Cada chávena cheia de água estava em cima da toalha de papel, tal como era suposto. E suspirou de alívio.

Agora era a parte mais difícil.

Olá bonecas — disse alegremente. — Está na hora do chá! Aproximou-se da toalha de papel.

— Trouxe a chave da sorte — disse às bonecas — para ter a certeza de que vamos ter um óptimo piquenique.

E depois, o mais cuidadosamente possível, inclinou-se e colocou cautelosamente a chave em cima da toalha. Mas continuava a segurar no fio. Susteve a respiração na esperança de que as chávenas cheias de água, dispostas à volta do poço, mantivessem a toalha direita, comportando o peso da chave sem cair para dentro do poço.

A chave estava no meio da toalha. Coraline largou o fio e deu um passo atrás. Agora tudo dependia da mão.

Voltou-se para as bonecas.

— Quem quer uma fatia de bolo de cereja? — perguntou ela. — Jemima? Pinky? Primrose? — e serviu a cada uma das bonecas uma fatia de bolo invisível, num prato igualmente invisível, tagarelando enquanto o fazia.

Apercebeu-se pelo canto do olho, de qualquer coisa branca da cor do osso a correr de árvore em árvore e a aproximar-se cada vez mais. Esforçou-se para não olhar para ela.

Jemima! — exclamou ela. — Que menina tão feia! Deixaste cair o teu bolo! Agora vou ter de cortar outra fatia! — e foi andando à volta da mesa do chá até estar do lado oposto ao da mão. Fingiu limpar o bolo que tinha caído e deu outra fatia à Jemima.

E, de repente, a mão aproximou-se, deslocando-se de forma rápida. Veio a correr nas pontas dos dedos, a lutar contra a erva alta e em direcção ao cepo de uma árvore. Ficou ali um momento, como um caranguejo a cheirar o ar e subitamente, lançou-se triunfante em direcção ao centro da toalha de papel com as unhas a tamborilarem.

O tempo abrandou para Coraline. Os dedos brancos fecharam-se em volta da chave preta...

Subitamente, o peso e a velocidade da mão fizeram com que as chávenas de plástico voassem e a toalha de papel, a chave e a mão da outra mãe caíssem pela escuridão do poço abaixo.

Coraline susteve a respiração e pôs-se a contar devagar. Quando chegou aos quarenta ouviu-os a caírem bem lá no fundo, na água.

Alguém lhe tinha dito uma vez que se olhasse para o céu, através do poço de uma nina, mesmo que estivesse um dia cheio de sol, que veria uma noite estrelada. Coraline pensou se a mão conseguiria ver as estrelas, de onde estava.

Voltou a colocar as pesadas tábuas em cima do poço, tapando com o máximo dos cuidados. Não queria que caísse nada lá dentro. E também não queria que saísse de lá de dentro o que quer que fosse.

Depois voltou a pôr as bonecas e as chávenas novamente dentro da caixa de cartão onde as tinha trazido. Algo lhe despertou a atenção enquanto o estava a fazer, e endireitou-se a tempo de ver o gato preto a caminhar na sua direcção com a cauda empinada e enrolada na ponta como se fosse um ponto de interrogação. Era a primeira vez em dias, que via o gato. Desde que tinham regressado do lugar da outra mãe.

O gato encaminhou-se na sua direcção e saltou para cima das tábuas que cobriam o poço. Depois, piscou-lhe calmamente um olho.

Espreguiçou-se na imensa relva à frente dela e rolou de costas serpenteando extasiado.

Coraline fez-lhe festas e cócegas no pêlo da barriga e o gato ronronou de contentamento. Quando achou que era de mais, voltou-se mais uma vez e encaminhou-se para o campo de ténis como se fosse um pequeno rasgo da noite em pleno dia de sol.

Coraline voltou para casa.

O Mr Bobo estava à espera dela no passeio e deu-lhe uma palmada no ombro.

— Os ratos disseram-me que já está tudo bem — disse ele.

Disseram-me que és a nossa salvadora, Caroline.

— É Coraline, Mr Bobo — corrigiu ela. — Não Caroline. Coraline.

— Coraline — confirmou o Mr Bobo, repetindo o nome dela para consigo, com assombro e respeito. — Muito bem, Coraline. Os ratos pediram-me para te dizer que assim que estiverem prontos para actuar em público, serás o seu primeiro

público. Tocarão as músicas que ensaiaram, dançarão e farão uma centena de truques. Isto é o que eles dizem.

— Gostaria muito de ver — disse Coraline. — Quando eles estiverem prontos.

Bateu à porta de Miss Spink e da Miss Forcible. Miss Spink convidou-a para entrar e a Coraline entrou para a saleta. Colocou a caixa das bonecas no chão. Depois, enfiou a mão no bolso e tirou a pedra com o buraco lá dentro.

— Aqui está — disse ela. — Já não preciso dela. Fico-lhes muito grata. Acho que talvez tenha salvo a minha vida e a morte de outras pessoas.

Deu um abraço apertado a cada uma delas embora os seus braços mal conseguissem rodear a Miss Spink, e embora a Miss Forcible cheirasse fortemente a alho que tinha estado a cortar. Depois agarrou na caixa das bonecas e saiu.

— Que criança extraordinária — disse a Miss Spink. Desde que tinha deixado o teatro, que nunca mais ninguém a tinha abraçado daquela forma.

Naquela noite, Coraline deitou-se na cama, de banho tomado, dentes lavados, e olhos abertos a olhar para o tecto.

Estava uma noite quente e como a mão tinha desaparecido, ela já podia abrir a janela do quarto. Tinha insistido com o pai para que as cortinas não ficassem totalmente fechadas.

As suas novas roupas da escola estavam cuidadosamente colocadas na cadeira para que mal acordasse as pudesse vestir.

Habitualmente, Coraline costumava ficar apreensiva e nervosa na véspera do primeiro dia de aulas. Mas chegou à conclusão de que não havia nada mais acerca da escola que a pudesse assustar.

Pôs-se a imaginar que conseguia ouvir uma música suave a entrar com o ar da noite. Um tipo de música que só podia ser tocada por trombones prateados, por trombetas e fagotes muito pequenos, por flautins e tubas muito delicadas e pequenas, cujos botões só podiam ser tocados pelos pequenos dedos cor de rosa de ratos brancos.

Coraline imaginou que estava novamente a sonhar, com as duas raparigas e o rapaz no campo, debaixo do carvalho e sorriu.

Quando as primeiras estrelas surgiram, deixou-se, finalmente, levar pelo sono enquanto a música suave do circo dos ratos vinda do andar de cima invadia o ar quente da noite e dizia ao mundo que o Verão tinha terminado.



Estrela do Mar

1. Sexta-Feira ou a Vida Selvagem, Michel Tournier
2. Olá! Está aí alguém?, Jostein Gaarder
3. O Livro de Alice, Alice Sturiel
4. Um Lugar Mágico, Susanna Tamaro
5. Senhor Deus, Esta É a Ana, Fynn
6. O Cavaleiro Lua Cheia, Susanna Tamaro
7. Uma Mão Cheia de Nada Outra de Coisa Nenhuma, Irene Lisboa
8. Tobias e o Anjo, Susanna Tamaro
9. Harry Potter e a Pedra Filosofal, J. K. Rowling
10. O Palácio do Príncipe Sapo, Jostein Gaarder
11. Harry Potter e a Câmara dos Segredos, J. K. Rowling
12. O Rapaz do Rio, Tim Bowler
13. Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, J. K. Rowling
14. O Segredo do Senhor Ninguém, David Almond
15. No Reino do Sonho, Natália Bebiani
16. O Polegar de Deus, Louis Sachar
17. Viagem a Um Mundo Fantástico, Jostein Gaarder
18. Jackpot – Um Rapaz Cheio de Sorte, Peter Carey
19. Harry Potter e o Cálice de Fogo, J. K. Rowling
20. Novo Mundo, Gillian Gross
21. O Crisântemo, o Golfinho e a Estrela, Jacqueline Wilson
22. O Cantor do Vento, William Nicholson
23. O Reino de Kensuke, Michael Morpurgo
24. O Rio das Framboesas, Karen Wallace
25. A Fuga de Xangri-La, Michael Morpurgo
26. A Escola de Feitiçaria, Debra Doyle e James D. Macdonald
27. O Pássaro da Neve, Sue Welford
28. O Segredo da Torre, Debra Doyle e James D. Macdonald
29. Os 5 Moklins – A Herança Moklin, Bruno Matos
30. Os Reinos do Norte, Philip Pullman
31. O Feiticeiro e a Sombra, Ursula K. Le Guin
32. Os Mutantes, Kate Thompson
33. O Grande Mago do Norte, Eva Ibbotson
34. Os 5 Moklins – O Herdeiro Perdido, Bruno Matos
35. A Estatueta Mágica, Debra Doyle e James D. Macdonald
36. Teodora e o Segredo da Esfinge, Luísa Fortes da Cunha
37. Os Túmulos de Atuan, Ursula K. Le Guin
38. A Torre dos Anjos, Philip Pullman
39. Conspiração no Palácio, Debra Doyle e James D. Macdonald
40. A Praia mais Longínqua, Ursula K. Le Guin
41. Molly Moon – O Fantástico Livro do Hipnotismo, Georgia Byng
42. Teodora e a Poção Secreta, Luísa Fortes da Cunha
43. O Telescópio de Âmbar, Philip Pullman
44. Tehanu – O Nome da Estrela, Ursula K. Le Guin
45. Os 5 Moklins – O Legado Final, Bruno Matos
46. A Minha Família e Outros Animais, Gerald Durrell
47. O Castelo do Feiticeiro, Debra Doyle e James D. Macdonald
48. A Biblioteca Mágica, Jostein Gaarder e Klaus Hagerup
49. O Pequeno Cavalo Branco, Elizabeth Goudge
50. A Menina das Estrelas, Jerry Spinelli
51. A Fonte Misteriosa, Natalie Babbitt
52. Teodora e os Três Potes Mágicos, Luísa Fortes da Cunha
53. Coraline e a Porta Secreta, Neil Gaiman

«Os meus pais foram levados para um mundo do outro lado do espelho do nosso corredor.»

Na nova casa de Coraline Jones existem vinte e uma janelas e catorze portas. Treze podem-se abrir livremente e uma está sempre fechada. Certo dia, Coraline decide investigar o que existe para lá desta porta misteriosa, e qual não é o seu espanto quando descobre uma passagem secreta para outra casa exactamente igual à sua, contudo muito diferente... Nesta casa depara-se com uma série de coisas estranhas: anjos que flutuam, livros com imagens que se contorcem, crânios de pequenos dinossauros que tiritam os dentes quando ela passa, uma caixa repleta de brinquedos falantes, e, imagine-se, outros pais exactamente iguais aos seus, apenas os olhos eram diferentes: semelhantes a botões pretos. Sim, botões! Este mundo constituía assim uma versão distorcida do que lhe era familiar, além de ser muito mais sinistro. Estes seus outros pais, inicialmente simpáticos, revelam-se capazes de tudo, até mesmo de aprisionar os verdadeiros pais de Coraline num espelho existente no corredor, exigindo, deste modo, que ela fique com eles nesta casa para sempre... Será que Coraline irá algum dia conseguir regressar ao mundo real? Não percas uma das mais fantásticas e criativas histórias de crianças para todas as idades!

Neil Gaiman é um autor muito aclamado pela crítica, tendo já vencido inúmeros prémios. Esta brilhante e assustadora história, referida por muitos como uma versão moderna de *Alice no País das Maravilhas*, começa a despertar o interesse cinematográfico e, ao que tudo indica, será em breve adaptada ao grande ecrã. Gaiman nasceu em Inglaterra e vive actualmente nos Estados Unidos.

ISBN 972-23-3010-1



9 789722 330107

